

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Maristela de Magalhães Bóccia**

**Longevidade, uma nova realidade social e humana:  
contribuições do fazer artístico como fortalecimento do papel  
social do longo**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

São Paulo

2009

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Maristela de Magalhães Bóccia**

**Longevidade, uma nova realidade social e humana:  
contribuições do fazer artístico como fortalecimento do papel  
social do longo**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Villas Bôas Concone.

São Paulo  
2009

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

*A Dinah, minha mãe querida,  
pelo exemplo de determinação e  
sabedoria transmitido em seus 96 anos  
e também pela contribuição de sua  
arte na Universidade da Maturidade.*

## **AGRADECIMENTOS**

A meu pai, Pascoal, que, apesar de não estar mais presente, certamente compartilha comigo esta realização.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Villas Bôas Concone, pela orientação sempre carinhosa e dedicada.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marisa do Espírito Santo Borin e ao Prof. Dr Arnoldo José de Hoyos Guevara, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

À amiga Marta Fanchin, presença constante nos momentos difíceis, pelo estímulo e encorajamento.

Aos amigos Gilberto Giesbrecht, Mario Crivellari, pelo acolhimento e pela amizade.

Aos longevos da PUC e da Faculdade Santana, pela trajetória que compartilhamos nos cursos da Universidade da Maturidade e pela riqueza das informações que me transmitiram.

A Helena Meidani, da Confraria de Textos, pela competente revisão do trabalho.

Ao Banco Real, pelos dados dos vencedores do concurso Talentos da Maturidade.

Aos participantes desta pesquisa, que generosamente se dispuseram a compartilhar conosco seu conhecimento.

E, finalmente, a todos os que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

## LONGEVIDADE



Claros fios de prata em minha frente,  
Que tanto me abreviais a vida breve,  
E os dias, que me leva o tempo leve  
E que eu não quis contar, mandais que conte:

Se até mesmo do pranto a pura fonte,  
Por que verter não possa quanto deve,  
Vosso frio rigor converte em neve,  
Quem há aí que vos fuja, ou vos afronte?

Esqueceste, enquanto, brancos fios,  
Que, quanto mais sois brancos, e mais frios,  
Mais própria em vós se espelha a maravilha

De um sonho meu de luz, dourado e eterno:  
Pois o sol é mais sol quando é inverno,  
E a neve é menos neve quando brilha.

Guilherme de Almeida

## **RESUMO**

Esta tese pretende somar-se a outros esforços que mostrem a capacidade do longo vivo de reinventar a vida e sobretudo ser um estímulo à continuidade de sua pulsação vital. Para tanto, buscamos apoio nas falas dos próprios longevos que participaram desta pesquisa.

Com o objetivo de apresentar exemplos de pessoas de 60 anos de idade ou mais, colhemos depoimentos que valorizam o significado que dão à vida, ao envelhecimento, às relações e às oportunidades abertas por novas atividades, e procuramos discutir o impacto dessas oportunidades na vida dos longevos, tomando como pano de fundo o fazer artístico e suas manifestações no processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Longevidade, Criatividade, Arte, Autoestima; Superação.

## **ABSTRACT**

This thesis intends to join other efforts at showing the elderly's ability to reinvent life, and, above all, to represent a stimulus to keep on the vital drive. In order to accomplish this task, we have sought support in the speech of the elderly themselves who have participated in this research.

Aiming at presenting examples of people older than 60 years, we have collected testimonies that give value to the meaning of life, of aging, of relationships, and open opportunities for new activities. Our attempt is to discuss the impact of these opportunities on the life of the elderly, taking as a background the artistic work and its manifestations in the aging process.

Keywords: Longevity; Creativity; Art; Self-esteem; Overcoming.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Longevidade mundial .....	32
Gráfico 2 – Pirâmide populacional .....	33
Gráfico 3 – Porcentagem de longevos na população brasileira de 1940 a 2000 e previsão para 2025 .....	34
Gráfico 4 – População longeva em alguns estados brasileiros em 2007 .....	38
Gráfico 5 – Taxas anuais de fecundidade .....	41
Gráfico 6 – Pessoas de 60 anos ou mais responsáveis pelos domicílios, em relação ao tipo de arranjo familiar em que se encontram (Brasil, 2000) .....	46
Gráfico 7 – Sexo .....	85
Gráfico 8 – Faixa etária .....	86
Gráfico 9 – Escolaridade .....	87
Gráfico 10 – Profissão .....	88
Gráfico 11 – A que horas os participantes acordam .....	89
Gráfico 12 – A que horas os participantes se deitam .....	90

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AATA	American Art – Therapie Association
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CESP	Centrais Elétricas de São Paulo
FUNUP	Fundo das Nações Unidas para a População
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
MinC	Ministério da Cultura
ONG	organização(ões) não governamental(is)
ONU	Organização das Nações Unidas
PEA	População Economicamente Ativa
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNAI	Política Nacional de Atenção ao Idoso
PNSI	Política Nacional de Saúde do Idoso
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RH	Recursos Humanos
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC	Serviço Social do Comercio
UBT	União Brasileira de Trovadores
UEI	União dos Escritores Independentes
ULM	Universidade Livre de Música
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo 1 – Fundamentação teórica</b> .....	15
1.1. Direitos dos longevos: atenção e saúde .....	24
1.2. Retomando questões teóricas e explicitando nossos objetivos .....	28
<b>Capítulo 2 – Tendências demográficas</b> .....	31
<b>Capítulo 3 – Contribuição do fazer artístico na longevidade</b> .....	47
3.1. Criatividade e caminhos do longo vivo .....	51
3.2. O fazer artístico como fortalecimento do papel social do longo vivo ...	55
<b>Capítulo 4 – Análise das entrevistas</b> .....	60
4.1. Caracterização dos participantes .....	61
4.2. Roteiro de entrevista A .....	66
4.3. Análise dos gráficos .....	85
4.4. O fazer artístico como fortalecimento do papel social do longo vivo ...	91
4.4.1. Roteiro de entrevista B .....	91
4.4.1.1. Determinação: o poeta .....	92
4.4.1.2. Sensibilidade: a artista plástica .....	94
4.4.1.3. Perseverança: a escritora .....	98
4.4.1.4. Entusiasmo: o músico .....	103
4.4.1.5. Expressividade: a contadora de histórias .....	106
<b>Considerações finais</b> .....	112
<b>Referências</b> .....	115
<b>Apêndice A</b> .....	122
<b>Apêndice B</b> .....	123
<b>Anexo A</b> .....	124
<b>Anexo B</b> .....	125

## INTRODUÇÃO

*Não me pergunte sobre minha idade.  
Porque tenho todas as idades.  
Eu tenho a idade da infância.  
Da adolescência, da maturidade e da velhice..*

Cora Coralina (1889-1985)

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a longevidade, abordada como uma nova realidade social e humana.

A escolha do tema se deve a sua atualidade e importância e à urgência das transformações por que deve passar a sociedade para dar conta ética e democraticamente dessa nova parcela da população que tem idade superior a 60 anos. A intenção da pesquisa é questionar positivamente esse processo.

Partimos do objetivo geral de estudar a situação do longo na sociedade brasileira neste início do século XXI, para analisar alguns dos caminhos pensados para sua inserção social, especificamente por meio de atividades artísticas.

Como objeto de estudo, entende-se a influência do fazer artístico na inserção social e familiar do longo para a construção de uma autoestima positiva.

O universo de nossa pesquisa é o longo não dependente, ou seja, aquele que tem autonomia física e mental, bem como plena capacidade de aprender coisas novas.

Apesar disso, no atual contexto social, muitas vezes ele não encontra um espaço adequado de participação e, assim, se vê impossibilitado de transmitir seus conhecimentos ou de desenvolver seus talentos pessoais. Nessa perspectiva, precisa conquistar espaço vivencial para poder ocupar na sociedade um lugar compatível com suas possibilidades, e não ser relegado ou limitado pela rejeição e pela desvalorização.

Os principais problemas que se colocam são:

- Qual é o papel do longo no contexto atual?
- Como ele se vê?
- Como é visto pela sociedade e por sua família?

A hipótese básica que conduz esta tese é a de que o longo pode ser socialmente produtivo e, assim, perfeitamente integrado à sociedade. Complementarmente, pretendemos demonstrar que essa integração pode ser operada por meio do fazer artístico.

O universo estudado são pessoas de ambos os sexos, de mais de 60 anos de idade, residentes em estados do Sudeste brasileiro, sem comprometimentos de saúde e com escolaridade mínima de oito anos. O estudo conta com nove sujeitos que participaram de grandes concursos realizados em âmbito nacional e cujas premiações contemplaram diversas modalidades artísticas e literárias.

Esses sujeitos foram escolhidos por representar o universo pesquisado e desenvolver atividades artísticas. Adicionalmente, o fato de terem sido premiados e destacados por seu trabalho demonstra que eles buscam o reconhecimento social por meio de sua arte.

A metodologia adotada foi a coleta de informações a partir de pesquisa em referências bibliográficas, documentais e eletrônicas sobre temas inter-relacionados, a partir de uma abordagem qualitativa.

A escolha pelo método qualitativo prendeu-se ao fato de ser uma opção metodológica que usa a descrição como recurso, permitindo flexibilidade, abertura e profundidade do estudo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo e significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Para a coleta de dados, fizeram-se duas entrevistas com questões abertas, tratadas posteriormente pela análise de conteúdo. Todos os nove participantes responderam às questões do roteiro A, mas apenas cinco se dispuseram a responder ao roteiro B.

O trabalho está organizado em quatro capítulos. No Capítulo 1, está a fundamentação teórica; no segundo, as tendências demográficas; no terceiro, as contribuições do fazer artístico como fortalecimento do papel social do longo e, no quarto, a análise das entrevistas. No desfecho, tecemos breves considerações.

## **CAPÍTULO 1**

### **Fundamentação teórica**

*O segredo é não correr atrás das borboletas...  
é cuidar do jardim para que elas venham até você.*

Mario Quintana (1906-1994)

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, discutiremos o referencial teórico em que se baseou a presente pesquisa e uma ideia geral sobre a longevidade, que será particularizada ao longo do trabalho. A estrutura e a organização serão sustentadas no diálogo com autores especialistas, e, assim, o que se segue visa a delimitar e apoiar o conceito que se adota aqui acerca da longevidade como uma nova realidade social e humana.

Devemos reconhecer que as questões ligadas a mudanças no perfil das populações humanas em âmbito mundial têm sido ultimamente temas constantes: cresceram como objeto de reflexão científica e acadêmica (em praticamente todas as áreas), fazem-se presentes no campo das políticas públicas e sociais e, evidentemente, são assunto de não pequena repercussão nos meios de comunicação. Quando falamos em mudança de perfil das populações em escala global, referimo-nos principalmente ao aumento da população idosa. Segundo dados do IBGE, em algumas sociedades do mundo ocidental, há de fato uma verdadeira inversão da chamada pirâmide populacional, graças a dois processos convergentes – o aumento da expectativa de vida e a redução das taxas de natalidade. Quando representados graficamente, esses dois fenômenos mostram o estreitamento da base da pirâmide e o alargamento de seu topo, configurando o chamado envelhecimento populacional. Também no Brasil, considerando as diferenças sociais, regionais e de gênero, verifica-se esse novo desenho.

O processo de envelhecimento é extremamente complexo, dado que envolve uma série de questões de ordem individual e social as quais podem ser também desdobradas em inúmeros aspectos. Assim, se, por exemplo, tomarmos um dos ângulos da saúde, deparamos com a questão do despreparo ou da infra-estrutura insuficiente (social e familiar) para dar atendimento às pessoas que têm algum grau de dependência, sobretudo aquelas que crescentemente superam as expectativas de vida de poucas décadas atrás. Se a dependência física coloca novos problemas, inclusive como consequência do

redesenho social (mudanças nos padrões de família, diminuição do grupo familiar, envolvimento de praticamente todos os seus membros com o trabalho remunerado e mudança nos padrões de habitação, entre outros), as questões da dependência de ordem econômica não podem ser descartadas. Trata-se, pois, de um fenômeno com muitos aspectos, entre outros, de ordem psicológica, biológica e sociocultural. Aos aspectos naturais e biológicos do envelhecimento, Debert (1998) agrega características da espécie humana ao longo da vida: os aspectos culturais e linguísticos, os valores sociais e os costumes específicos de determinado contexto social em dado momento histórico.

Ao mergulhar nesse tema, a primeira dificuldade que encontramos foi referente à própria nomenclatura utilizada por aqueles que tratam do assunto. Realmente, é grande o espectro envolvido, e a linguagem varia de acordo com o campo dos interesses em jogo ou com seu lugar de origem: Medicina, Psicologia, Filosofia, Antropologia, Farmácia, Nutrição, Ciência Política, Turismo e Lazer e Economia, entre outros. Idosos, velhos, longevos, terceira idade etc. Não nos deteremos na delimitação desses conceitos, pois outros autores já se encarregaram disto – como, por exemplo, Debert (1998) e Peixoto (1998) –, mas antes apresentar algumas explicitações que dialogam com este estudo.

Algumas expressões ganharam popularidade a partir de áreas ligadas ao entretenimento e ao turismo, como é o caso de “melhor idade”; como esta, outras expressões ou termos foram criados (recriados, atualizados), alguns dos quais chegam a ser desrespeitosos ou estigmatizantes. Assim, analisamos alguns esforços teóricos para que a terminologia empregada permita uma abordagem livre de preconceitos. A designação “velho” para um indivíduo com mais de 60 anos pode ter valor tanto negativo, quando se remete à perda de habilidade corporal ou a um certo isolamento familiar ou social, quanto positivo, quando remete à experiência e mesmo à sabedoria acumulada ao longo dos anos. Claro está que tais perspectivas, sejam elas positivas ou negativas, são

antes de tudo estereotipadas. De modo geral, a nomenclatura muda conforme a linha adotada por quem trata do assunto.

Segundo dados do IBGE (2000), o Brasil está caminhando para ser considerado um país velho – 9,3% da população é formada por pessoas de mais de 60 anos, pois, internacionalmente, já se considera velho um país em que esse índice atinja 7%. A literatura dedicada ao estudo da situação atual dos longevos brasileiros traz diferentes expressões – algumas claramente eufemísticas – para designar essas pessoas. Novaes (1995) cita “terceira idade”, “nova idade”, “idade avançada”, “velhice”, “nova onda” e “geração de cabelos brancos”.

Veras (2003) faz uma distinção estritamente semântica (cronológica), de acordo com os decênios: os *sexagenários* (60 a 69 anos) são os “jovens idosos”, os *septuagenários* (70 a 79 anos), os “meio idosos”, e os octogenários em diante (80 anos ou mais), os “idosos velhos”. Na verdade, independentemente da nomenclatura, essa nova perspectiva de vida e qualificação demanda medidas especiais.

A respeito da variedade da nomenclatura atual, cabe uma observação: como dissemos antes, a variação dos termos remete de modo geral a seu campo de origem, mas é inegável que a própria mudança do perfil populacional e o aumento da expectativa de vida acabam exigindo termos novos; neste trabalho, optamos por falar em “longevos”, para evitar qualquer conotação pejorativa, mas, hoje, uma pessoa de 60 anos pode ser realmente chamada de longeva? A mencionada “classificação” de Veras tenta responder a isso garantindo um certo respeito à diversidade cronológica. A diversidade no envelhecimento, contudo, não se esgota nessa dimensão cronológica, classificatória. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

Segundo Michaëllis (1998), etimologicamente, o substantivo “longevidade” provém do latim *longevitate* e significa “longa duração de vida, qualidade de quem é longo”, isto é, dura muito, tem muita idade, é macróbio. Neste trabalho, esse é o termo com que se designarão preferencialmente as

peças com mais de 60 anos. Essa foi uma escolha pessoal, pelas razões acima expostas, mas desde já sabemos que também é criticável, principalmente porque não é (como os demais também não são), um “termo neutro”: longevidade só pode ser entendida como tal num dado contexto. Nesta tese, o termo é também operacional, em virtude da faixa etária com a qual trabalhamos.

Nosso interesse pelo tema da longevidade surgiu a partir da tomada de consciência do difícil processo de envelhecimento. Conforme Erikson (1976), a adaptação à chamada segunda metade da vida, ou metanoia, assim como a conciliação entre a experiência de vida, o tempo livre e a liberdade artística devem concorrer para tornar a senescência uma conquista satisfatória.

O estudo da longevidade é um esforço para se entender a velhice tanto como fenômeno biológico gerador do declínio irreversível que acomete todos os seres vivos quanto como fenômeno de ordem psíquica, existencial, econômica, social, cultural, artística e política. Essa tentativa de analisar a velhice em sua totalidade é algo desconcertante, na medida em que se revelam relações desiguais e formas diferenciadas de ação e representação dos longevos em várias culturas. Para Mercadante (2005), a diversidade sociocultural indica a existência de uma pluralidade das formas de viver dos chamados velhos e sem dúvida também a diversidade do próprio processo de envelhecimento. Em outras palavras, se, como processo biológico, o envelhecimento é universal, está, contudo, longe de ser uniforme.

É importante salientar que, por ser o envelhecimento afetado por herança biológica, comportamento individual e fatores sociais (ambiente, cultura e política), a prevenção e o cuidado devem ter a cooperação multidisciplinar da Biologia do Envelhecimento, da Geriatria, das Ciências do Comportamento, das Ciências Sociais, e da Psicologia. Atualmente, o campo da Gerontologia, e especialmente o da chamada Gerontologia Social e o da Psicologia, busca essa visão interdisciplinar, não reducionista, no entendimento das questões do envelhecimento (individual e populacional). Nessa perspectiva, pode-se esperar a otimização da qualidade de vida do longo.

Em vez de cuidar, *a posteriori*, com medicamentos que supostamente funcionam para todo mundo, mas cujos efeitos sobre cada indivíduo não são conhecidos, vamos intervir mais em sentido contrário, antes do aparecimento dos sintomas, levando em conta a maneira de viver e a personalidade de cada um: o exercício, a alimentação, as predisposições genéticas etc. (ROSNAY, 2007, p. 78).

Frequentemente, a longevidade demanda ajustes em função de problemas financeiros, perda de papéis sociais com a aposentadoria, incapacidade física, declínio da saúde e eventual viuvez, entre outros. Para otimizar sua velhice, o longevo deve fazer uma revisão de vida estabelecendo novas metas. Nesse caso, são fundamentais a capacidade de renúncia, associada a uma capacidade criativa, o investimento em outros papéis e compromissos e a liberdade de escolha. Muitas vezes, os fatores de proteção da velhice são favorecidos por atividades variadas: grupos de convivência, oficinas de memória ou cursos superiores voltados para a terceira idade. Em outras palavras, devem-se buscar os meios para se atingir a resiliência, ou seja, o processo de superação das dificuldades. Infante (2001) afirma que o fortalecimento da resiliência promove processos que envolvem o indivíduo e seu ambiente social, ajudando-o a superar as adversidades e o risco social, a adaptar-se à sociedade e a ter melhor qualidade de vida.

É importante acelerar o processo de esclarecimento da população sobre o fenômeno da velhice e tratar logo de erradicar a doença do preconceito que tem confinado o idoso e o transformado em cidadão de segunda categoria (SUGAHARA, 2005, p. 277).

Segundo Minayo (2006), os idosos não querem ser apenas objeto de políticas públicas, mas querem também ter seus direitos respeitados e contribuir com a força de sua experiência e sabedoria acumuladas. Na verdade, anseiam pela efetivação de políticas para mudar a situação da terceira idade.

Em resumo, tendo em vista o aumento da expectativa de vida, o envelhecimento requer mudanças nos contextos individual e social. Para as

famílias, com grande frequência, o longo é um peso ou uma responsabilidade insuportável. Para o Estado, é um sobrevivente indesejável, devido à escassez de recursos para as políticas sociais. Esse argumento não costuma levar em conta as gestões que fragilizaram o sistema e culpabiliza o longo... por ser longo. Não cabe aqui discutir essa postura – que não é o nosso foco – mas, de qualquer modo, esse grave problema provoca inquietação, pois muitos longos estão aptos a se manter em atividade e são obrigados à revisão da vida para chegar à resiliência ou à superação de crises, nem sempre de forma adequada à satisfação ou à felicidade.

Trazendo esta discussão inicial para mais perto do foco deste trabalho, explicitamos que, nesta abordagem, a longevidade deve ser encarada como uma etapa de oportunidade e desafio tanto para o idoso quanto para a família e a sociedade. Segundo Lehr (1999), há muitos estereótipos negativos do idoso e, por isso, é fundamental a ênfase nas políticas públicas voltadas para o cidadão longo. Acreditamos que o envelhecimento saudável, com prevenção adequada, programas de capacitação, cuidado e aposentadoria justa, favorecerá a competência do idoso e melhorará sua qualidade de vida.

O essencial é que haja, por parte da sociedade, real vontade e interesse em realizar projetos que satisfaçam não apenas os interesses e as políticas institucionais, mas que estejam dirigidos para idosos procurando integrá-los à sua família, sociedade e cultura (NOVAES, 1995, p. 124).

Como vimos, o aumento da expectativa de vida tem suscitado interesse científico, e há grupos empenhados no estudo do envelhecimento. Alguns profissionais enfatizam que, nessa fase da vida, os longos têm menos rapidez, atenção, concentração e indução, mas não podem ser considerados “incapazes”. Realmente, rapidez, força etc. podem ser diferentemente solicitados, de acordo com a atividade e o tipo de vida de cada indivíduo: se um jogador de futebol é “velho” aos 30 anos, um universitário pode ser considerado “um jovem doutor” na mesma idade. Intelectuais e artistas, para tomar só esses exemplos, não costumam ser vistos como “descartáveis” por ter atingido a faixa dos 70 ou 80 anos – basta procurar a

biografia de alguns maestros famosos ou de escritores: nem Saramago, nem Gabriel Garcia Marques podem ser considerados “incapazes” e, para nos limitarmos a um maestro nacional, Isaac Karabtchevsky cresceu em aceitação e respeito juntamente com sua idade e conhecimento.

Fazendo um recorte na questão da longevidade *versus* classes de atividade e tipo de vida dos indivíduos, consideraremos em nosso estudo esta segunda classe de pessoas, artistas ou pessoas comuns que viram na arte uma forma de valorização de seu processo de envelhecimento. Assim, queremos focar o mundo do fazer artístico dentro de um grupo de participantes que fazem da arte um novo alvorecer em sua vida.

Discutindo a qualidade de vida na velhice, a estudiosa Anita Liberalesso Neri (2007, p. 19) diz ser esse “um conceito importante hoje, no Brasil, na medida em que existe uma nova sensibilidade social para a velhice, quer considerada como um problema, quer como um desafio para os indivíduos e para a sociedade”. A autora justifica essa “nova sensibilidade” pelo aumento da consciência do envelhecimento mundial e a conseqüente maior visibilidade dos longevos e reconhece – e esse é um ponto que temos ressaltado – que “as mudanças sociais provocam mudanças na forma das pessoas viverem a velhice” (p. 39). Assim, diz ela, os novos idosos brasileiros são mais saudáveis, mais produtivos e vivem mais, quando comparados seja com os idosos do passado, seja com os idosos refletidos nos nossos estereótipos – e esse ponto nos interessa particularmente aqui.

Situados principalmente nos campo da Geriatria e da Saúde (num sentido lato), muitos estudiosos acreditam que a a evolução das terapias de combate, a adoção de bons hábitos nutricionais e a prática de exercícios físicos adequados, lazer e novos papéis sociais e artísticos promoverão o engajamento na defesa dos direitos dos idosos como cidadãos. Para o binômio envelhecimento e saúde, a prevenção é fundamental. Nesta tese, enfatizamos especialmente os aspectos socioculturais e psicológicos nessa “invenção” do “novo velho brasileiro”: busca e valorização de novos papéis, lazer,

manutenção ou recomposição de laços de sociabilidade e desenvolvimento de novas atividades – intelectuais, artísticas ou outras.

É bem verdade, porém, que nem todos os longevos conseguem ter uma velhice digna. Normalmente, há falta de políticas públicas efetivas quanto ao que deveria ser direito do cidadão com mais de 60 anos: saúde, trabalho, educação e assistência. Segundo Veras (2003), o custo social da população idosa é três vezes mais alto do que o da população em geral. A ineficiência do estado burguês e neoliberal, portanto, cerceou os direitos de cidadania e associou longevidade a baixa qualidade de vida.

Outro aspecto a ser ressaltado quando o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento populacional se tornaram um desafio diz respeito ao papel do trabalho assalariado na vida da maioria das pessoas. De modo geral, o rompimento com o vínculo empregatício se dá por idade (no serviço público, por exemplo, há aposentadoria compulsória por idade), incapacidade, limitações e doenças e, frequentemente, por razões de ordem administrativo-econômica.

Há pessoas que encaram a aposentadoria, no início, como prêmio. Elas aproveitam seu tempo como oportunidade de lazer na nova circunstância, uma vez que o trabalho já não predomina. Dessa forma, buscam a realização de um prazer que não tiveram antes. Mas, para a maioria dos aposentados, a realidade é outra: há a dificuldade de aceitar o fato de não haver mais um vínculo empregatício, seja por necessidade de sobrevivência (de modo geral, a aposentadoria acarreta uma perda salarial), seja por necessidade de assistência a familiares em dificuldades financeiras, seja ainda pelo sentimento de perda de identidade. Por outro lado, há muitas pessoas que, com medo da solidão e da perda do padrão de vida, não conseguem deixar definitivamente o trabalho, onde sempre se sentiram satisfeitas e seguras.

Segundo dados do IBGE (2008), há no Brasil 19.955 mil pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, o que corresponde a 10,5% de toda a população brasileira. Destas, aproximadamente 16.547 mil moram em área

urbana e 3.407, em área rural. No levantamento da população economicamente ativa (PEA), 6.587 mil pessoas nessa faixa etária fazem parte da PEA e 13.357 mil, não. Na época da realização da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, na síntese de indicadores sociais, 5.967 mil idosos estavam empregados, mesmo sem remuneração ou fazendo trabalho voluntário; além disto, 2.900 mil contribuía com a Previdência ou outra instituição e 9.032, não. Na área educacional, 14.285 mil idosos eram alfabetizados e 5.669 mil, não; do total, 2.110 mil frequentavam classes de alfabetização de jovens e adultos. Dos 60.105 domicílios particulares visitados, 12.905 tinham como pessoa de referência alguém com mais de 60 anos de idade.

Compreender a mutação na natureza amplia os horizontes da vida, uma vez que tudo tende a passar, inclusive o tempo. Vida abarca perda, frustração, conquista, prazer e dor; esperar ser sempre recompensado é ingênuo, assim como se deixar enganar por falsas ideias de tempo e de velhice. É preciso viver cada idade a seu modo, sem precisar provar alguma coisa, nem para si, nem para os outros e, sobretudo, não pedindo desculpas por existir (NOVAES, 1995, p. 119).

### **1.1. Direitos dos longevos: atenção e saúde**

Para regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, o Ministério da Saúde brasileiro promulgou, em 9 de dezembro de 1999, a Portaria 1.395, referente à Política Nacional de Saúde do Idoso, para complementar a Lei nº 8.842/94, que versa sobre a Política Nacional de Atenção ao Idoso.

As principais diretrizes dessa Portaria referem-se à promoção do envelhecimento saudável, à manutenção e melhoria da capacidade funcional dos idosos e à prevenção, recuperação e reabilitação por uma equipe médica multidisciplinar de apoio. Enfim, a promoção, a custos razoáveis, de diagnósticos diferenciados de avaliação geriátrica.

Novamente, a escassez de recursos do Estado brasileiro para as políticas sociais impediu que esses direitos fossem efetivamente assegurados. Mais tarde, em 2003, foi instituído o Estatuto do Idoso. Em 118 artigos, esse documento estimula também a sociedade em geral a respeitar determinadas metas de integração do idoso à vida moderna. As principais são o atendimento preferencial em locais públicos e privados, o estímulo de contratação por empresas, a criação de cursos especiais, os reajustes na aposentadoria, a prioridade na aquisição de imóveis e os descontos em transporte, lazer e cultura. Há, inclusive, na forma da lei, ameaça de punição para quem discriminar, abandonar, coagir pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, não lhes prestar assistência ou desviar-lhes bens. É obrigação do Estado, pois, mediante políticas sociais públicas, permitir ao longo condições vitais de dignidade.

A ineficiência no cumprimento da lei e a falta de efetivação dos direitos de cidadania implicam a existência de muitos longevos sem condições dignas de sobrevivência. Segundo Salgado (1982), com o reconhecimento dessa situação de desvantagem social, surgiu o Projeto de Lei nº 1.899/02, do deputado Uldurico Pinto (PMN/BA), para alterar o Estatuto do Idoso. O grande mérito do projeto é a busca de inclusão social dos longevos com qualidade de vida e produtividade.

O aproveitamento da força empreendedora das pessoas com mais de 60 anos determinará, a médio e longo prazo, que elas exerçam mais de uma profissão no decorrer da vida. Mas, para isso se efetivar, haverá necessidade de educação continuada para reciclagem de conhecimentos, órgãos de apoio públicos e privados, reconstrução de instituições, revisão de imagem, estratégias de motivação e otimização para a melhoria da qualidade de vida dos longevos.

A adaptação ao processo de envelhecimento para se atingir ativamente a longevidade não é fácil, pois depende de reservas individuais disponíveis, renúncias, novos grupos e metas. A qualidade de vida almejada requer envelhecimento saudável e entusiástico.

Coloca-se aqui um novo hiato: o do discurso competente diante das condições de vida de milhões de idosos brasileiros que experimentam, no dia-a-dia, as mais variadas pressões: da falta de dinheiro para as contas a pagar, da comida que falta para estômagos famintos, da água que não sai das torneiras, do cuidado dos netos, do remédio que falta no posto e da longa espera para agendar uma consulta nos serviços de saúde, do transporte que desafia corpos marcados pela ação do tempo (VALSECCHI ALMEIDA, 2005, p. 96-97).

Para se manter bem, um longo tempo deve cuidar da alimentação, praticar atividade física, fazer teste genético preditivo, conviver bem com a própria imagem e criar ambiente favorável. Complementando essa visão biomédica, deve-se insistir na interação entre essa e as dimensões social, profissional, artística e afetiva. Essa interação deve ser pensada – pelos profissionais envolvidos, pelas pessoas comuns e pelos próprios longevos – como fundamental, e não meramente retórica, para que a pessoa com 60 anos ou mais desconstrua a velhice estigmatizada pela sociedade, torne-se inquieta e se reconfigure. Enfim, atinja satisfatoriamente um período de vivência de criatividade e crescimento para realizar novos potenciais de qualidade.

Não se pode mais admitir o antigo discurso político de que o idoso desequilibra as verbas políticas e sociais. Para Goldfarb (2005), lutar pela inclusão significa assumir uma série de conflitos que o idoso tem que enfrentar para se colocar no mundo como cidadão que goza de direitos, e não de benefícios.

Reiteramos que o interesse pela longevidade como uma nova realidade social e humana surgiu a partir da tomada de consciência do difícil processo de envelhecimento, do desafio de tornar a senescência uma conquista satisfatória e, principalmente, da constatação da ineficiência dos órgãos governamentais a esse respeito. Embora as instituições públicas sejam, em sua maioria, desqualificadas e a sociedade em geral despreparada para lidar com os longevos, há grupos interessados em implantar alicerces duradouros para o reengajamento de setores desse grupo hoje praticamente excluído socialmente.

Constata-se então, que a família e a escola são fundamentais nesse processo de identificação e estímulo das potencialidades dos idosos. O adequado desempenho de papéis nucleares na reconstrução de comunidades humanas futuras ajudará a fundamentar os valores sociais esperados.

Na verdade, é pela apropriação do sentido de justiça abstrato (equidade, igualdade de oportunidades, liberdade responsável, respeito pelos outros, defesa dos mais fracos, apreço pela diferença) que se criam as atitudes psicológicas que predispõem a agir de maneira concreta pela justiça social e em defesa dos valores da democracia [...] A escola tem de semear desde já a boa semente da preocupação pelo outro, para evitar que as classes desfavorecidas sejam vítimas de uma ideologia de exclusão (CARNEIRO, 2001, p. 223).

A atuação social em favor de um bom projeto de vida do idoso brasileiro é cercada por um clima de mobilidade e ação. Órgãos de apoio, organizações não governamentais, centros de referência, instituições acessíveis e qualificadas têm abraçado essa causa de sentido de vida, criatividade, expansão de talentos e habilidade ocupacional.

Um exemplo de incentivo aos idosos brasileiros é o Projeto Talentos da Maturidade, promovido pelo Banco Real (Anexo A). Em 1999, Ano Internacional do Idoso, o Concurso surgiu com o objetivo de incentivar a produção e a memória cultural de pessoas com 60 anos ou mais e estimular sua criatividade, ampliando seu potencial artístico e sua participação social. Outros exemplos de incentivo aos idosos são dados pelas redes Pão de Açúcar de supermercados, Pizza Hut e McDonald's, que aproveitam esses potenciais para reintegrá-los ao mercado de trabalho.

É importante enfatizar também o papel exercido pela SBGG e pelo SESC na institucionalização da Gerontologia e da Geriatria e no início do esforço para formação de recursos humanos para atender o idoso nas áreas de saúde e social (NETO, 2002). Cabe ressaltar ainda, na área da educação, as iniciativas da Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e de outras desse tipo que vêm se constituindo

pelo Brasil, pois todas trazem contribuições valiosas para o trabalho com pessoas que estão envelhecendo.

O papel da família e das comunidades [...] Quanto às organizações não governamentais, podem desempenhar um papel decisivo ajudando as comunidades a assumirem suas responsabilidades sociais. Podem ser muito úteis, contribuindo para a sensibilização e a eficiência e promovendo a participação de todos os membros da sociedade (DELORS et al., 2001, p. 214).

Além da repercussão positiva sobre a população em geral, essas iniciativas aumentam a autoestima do longo e tornam-no um cidadão participativo. Dessa forma, a sociedade se configura, paulatinamente, como plural e solidária.

## **1.2. Retomando questões teóricas e explicitando nossos objetivos**

Levando em conta tudo o que já foi exposto, podemos dizer que nosso ponto de partida é o reconhecimento da complexidade das questões envolvidas em nosso tema.

Como afirmamos, se o envelhecimento não é uma fase, nem uma ruptura, mas um processo universal que envolve todos os seres vivos, ele é também um processo não uniforme; no mundo humano, há que considerar não apenas fatores de ordem biogenética, mas também de natureza cultural, social e psicológica. Consequentemente, podemos aceitar, como apontam alguns estudiosos, que há de fato duas ordens de fatores interligados a articular: o processo de envelhecimento propriamente dito e a velhice. Esta é uma categoria social tanto quanto infância, adolescência ou juventude, entre outras (CONCONE, 2007), e se constrói social e culturalmente e sofre variações no tempo e no espaço. Nossa discussão anterior sobre os termos identificadores da velhice mostra exatamente essa labilidade: o que se considerava idoso há um século não é o mesmo que se considera nos dias atuais. A própria

longevidade obrigará a se repensarem essas categorias, dado que os 60 anos não podem mais ser considerados uma idade de “encerramento” – da vida ativa, por exemplo. Se a projeção é de uma expectativa de vida de 100 anos até 2025, todas as nossas categorias devem ser adaptadas, pois não seria desejável que metade da vida fosse dada como “improdutiva”.

No bonito prefácio que escreveu para o livro da psicóloga social Eclea Bosi, *Lembranças de Velhos*, a filósofa Marilena Chauí mostra, ao contrário, os prejuízos sociais e culturais que decorrem da verdadeira expulsão dos mais velhos do mundo familiar e social – entre elas, uma perda grave para a memória social. Na medida em que avós e netos pouco ou nada convivem, estabelece-se um hiato na cadeia intergeracional. Perde-se a história vivida, que enriquece e encorpa o tecido social, e ficamos reduzidos à impessoalidade – parafraseando Lévi-Strauss – da memória escrita.

Os velhos de que falam essas duas pensadoras são da década de 1970; nos mais de 30 anos que se passaram, muita coisa mudou, mas talvez menos do que se poderia desejar.

Tratamos frequentemente com estereótipos relacionados à velhice. Parece-nos claro que o modo pelo qual a velhice é pensada socialmente – um peso social ou um fator de riqueza social e cultural – terá consequências para o bem-estar, a autoestima, a saúde e a qualidade de vida das pessoas – de todas as pessoas. Pensar a própria vida como praticamente encerrada aos 60 anos – inativo, peso morto, assexuado, feio etc. – só pode levar a perdas pessoais. Ora, de modo geral, as questões ligadas à longevidade são tratadas de um ângulo biogenético determinante. As outras dimensões da humanidade, ou são, na pior das hipóteses, reduzidas a manifestações daquele ângulo determinante – cultura e sociedade são reduzidos quase a epifenômenos –, ou, na melhor das hipóteses, tratadas como acessórias. Falta pensar a complexidade de modo complexo; falta pensar em múltipla determinação. Faltam reflexões integradoras.

Esta tese vem se somar a outros esforços para mostrar a capacidade do longo de reinventar a vida, mas sobretudo de dar continuidade a sua pulsão vital.

## **CAPÍTULO 2**

### **Tendências demográficas**

*Prosseguimos, reinauguramos  
Abrimos olhos gulosos a um Sol  
Diferente que nos acorda  
Para descobrimentos.  
Esta é a magia do tempo.*

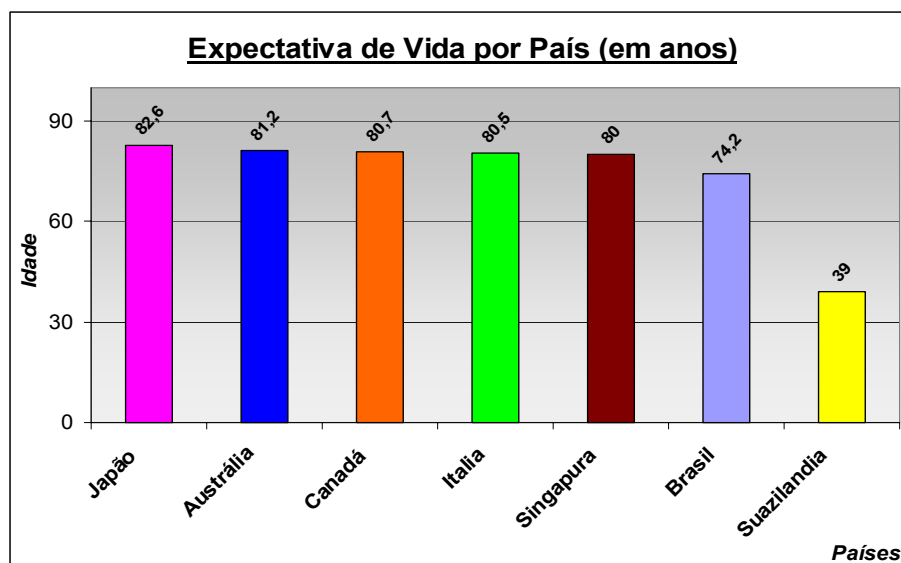
Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

## 2. TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS

Ao longo do século XX, o Brasil foi considerado um país “jovem”, mas o aumento absoluto da população idosa e as baixas taxas de fecundidade transformaram totalmente esse panorama. Segundo Renato Veras (2004), a equação demográfica é simples: quanto menor o número de jovens e maior o número de adultos atingindo a terceira idade, mais rápido é o envelhecimento populacional. Esse envelhecimento caminhou paralelamente à progressiva urbanização e respondeu a um processo de descobertas científicas e tecnológicas nas mais variadas áreas do conhecimento, sobretudo no âmbito da Biologia e da Medicina.

Assim, a transição demográfica é um fenômeno global, embora as diferenças entre as sociedades sejam, sob este aspecto, muito pronunciadas.

Gráfico 1 – Longevidade mundial



fonte: Organização das Nações Unidas (ONU)

Segundo a ONU, o país com a maior expectativa de vida do mundo é o Japão, onde as pessoas vivem, em média, 82,6 anos; a Austrália ocupa a quinta posição, com 81,2 anos; o Canadá, a décima primeira, com média de 80,7 anos; a Itália, a décima segunda, com 80,5; Singapura, a décima quinta, com 80,0, e o Brasil, cuja expectativa de vida da população aumentou nos últimos anos, figura na nonagésima segunda posição, com 74,2 anos.

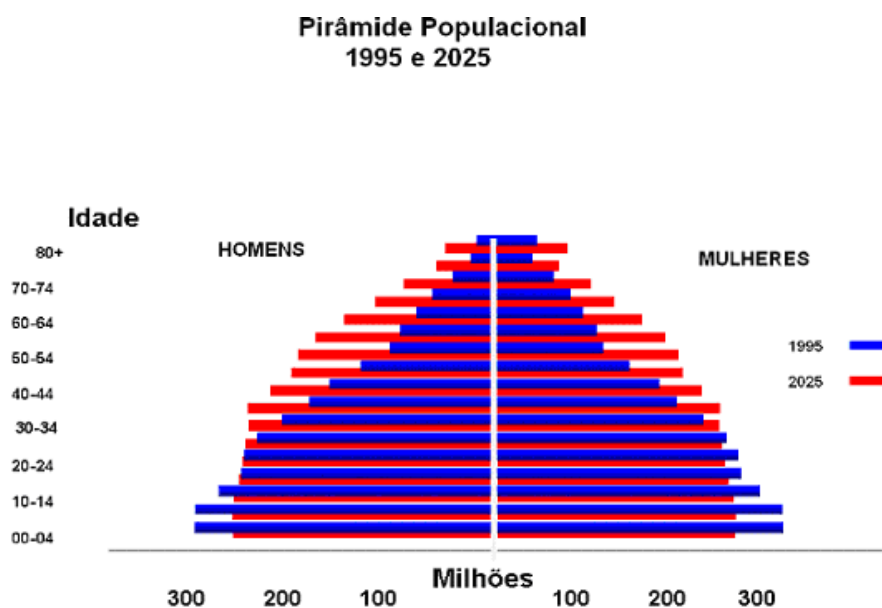
Os países africanos têm as piores expectativas de vida do mundo, tendo a Suazilândia a menor média de vida – 39 anos de idade –, ocupando o centésimo nonagésimo quinto lugar.

As populações envelhecem em consequência de um processo conhecido como transição demográfica, em que uma situação de mortalidade e natalidade elevadas, com população predominantemente jovem, muda para uma com mortalidade e natalidade baixas e, assim, aumentando a proporção de velhos (COSTA, 2001, p. 184-200).

Na maior parte do mundo, aumentou consideravelmente o número de pessoas idosas que vivem em áreas urbanas. Atualmente, 76,7% dos longevos brasileiros vivem em centros urbanos; essa tendência de urbanização da população idosa continuará, observando-se, em geral, mais homens idosos vivendo em zonas rurais e mais mulheres nas cidades.

Em alguns países, é muito acentuada a diferença por sexo entre idosos de zonas rurais e urbanas. A população rural de Cuba, por exemplo, apresenta uma razão de 150 homens idosos por 100 mulheres (KALACHE, 1998, p. 1.513-1.520).

Gráfico 2 – Pirâmide populacional

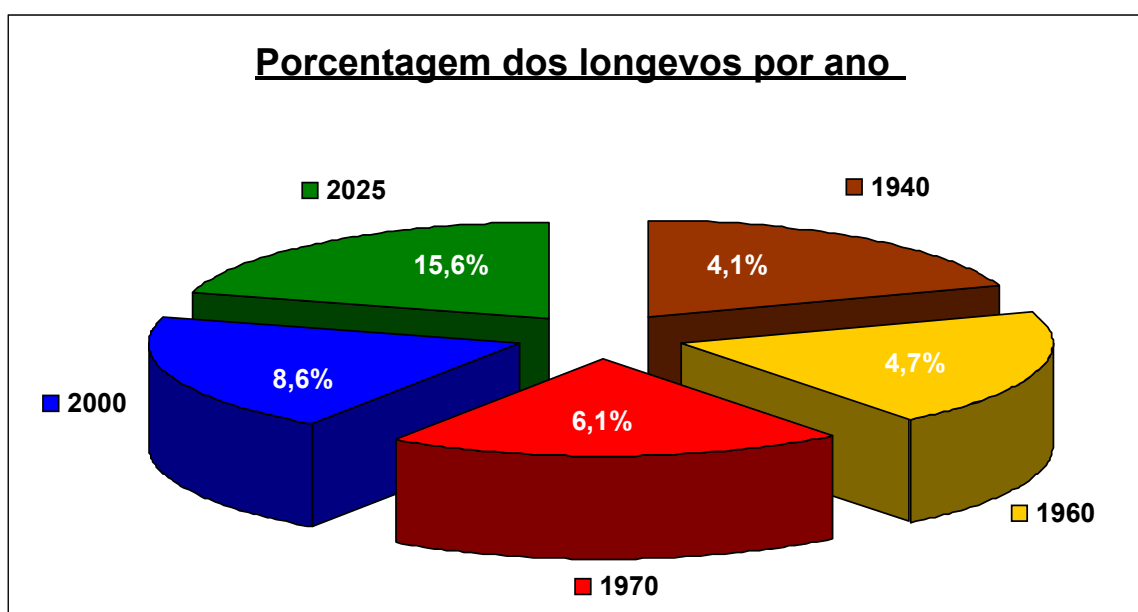


fonte: Divisão Populacional da ONU, Revisão de 1998

O Gráfico 2 apresenta a estimativa do aumento da população mundial no período de 1995 a 2025, em que se observa o estreitamento da base e o alargamento do topo da pirâmide, ou seja, a redução da população jovem e o aumento da população idosa, caracterizando o envelhecimento populacional. Além disso, projeta-se também um crescimento mais acentuado do grupo de idosos com 80 anos ou mais, indicando alteração da composição etária dentro do próprio grupo, o que revela a heterogeneidade desse segmento populacional. Por fim, constata-se que o envelhecimento é também um fator de gênero, predominando as mulheres entre os idosos, em consequência da sobremortalidade masculina.

Tal como na maior parte dos países em desenvolvimento, a transição demográfica no Brasil vem sendo algo diferente da que aconteceu nos países desenvolvidos, além de mais rápida. Segundo Sugahara (2005), as projeções da ONU, de 1999, colocam o Brasil como um dos mais rápidos processos de envelhecimento demográfico, entre os 51 países que, em 2030, terão pelo menos 30 milhões de habitantes.

Gráfico 3 – Porcentagem de longevos na população brasileira de 1940 a 2000 e previsão para 2025



fonte: IBGE, 2002

Quanto mais longeva é a população, maior é seu ritmo de crescimento. No Brasil, em 1940, a expectativa de vida era 4,1%; em 1960, 4,7%; em 1980, 6,1%; em 2000, 8,6% e estima-se, em 2025, seja de 15,6%.

O fato é que as pessoas estão vivendo mais e preferem ter menos filhos; a consequência disso é que a sociedade tem um maior número de longevos, famílias cada vez menores e menos contribuição para os fundos de pensão.

Segundo dados do IBGE, a expectativa média de vida do brasileiro aumentou de 66 para 68,6 anos na última década. Imagina-se que o Brasil fará, em 30 anos, o que países europeus levaram aproximadamente um século para fazer – duplicar a proporção de sua população de idosos, de 7% para 14% (Keller et al., 2002, p. 1.503-1.513).

De acordo com o Censo 2000, os idosos brasileiros representavam 8,6% da população total, o que equivale a um contingente de 14,5 milhões de pessoas.

Com relação ao crescimento futuro da população longeva, as projeções do IBGE indicam que o Brasil terá 216 milhões de habitantes em 2025, dos quais 31,3 milhões (15,6%) serão idosos, o que significa quase metade da população idosa da América Latina, de acordo com o Fundo das Nações Unidas para a População.

A população brasileira cresceu quatro vezes em 60 anos, passando de 41,2 milhões de habitantes em 1940 para 169,8 milhões em 2000. Nesse período, deixou de ser essencialmente rural, registrando um movimento acentuado de migração para as cidades.

Em 1940, as altas taxas de natalidade garantiam às famílias futuros trabalhadores, já que a Constituição de 1934 determinava como dever do Estado socorrer as famílias de prole numerosa, acreditando que o alto crescimento vegetativo seria fator de progresso.

Durante quatro décadas do século passado, o Brasil apresentou grande estabilidade de sua estrutura etária, principalmente em função da pequena oscilação das taxas de natalidade e mortalidade. De acordo com Neri (2005), o aumento na expectativa de vida por ocasião do nascimento é principalmente uma vitória do declínio da mortalidade infantil e, em segundo lugar, da diminuição de mortes de adultos por doenças infecciosas.

O processo de envelhecimento populacional só começou a partir de 1960, com o declínio da fecundidade em algumas regiões mais desenvolvidas. Na década de 1970, esse fenômeno se estendia vagarosamente às demais regiões brasileiras, fosse nas áreas urbanas ou rurais, e também em todas as classes sociais.

Entre 1970 e 1991, a taxa de fecundidade total caiu de 5,8 para 2,7 filhos por mulher, redução superior a 50%. Como consequência, o número relativo de jovens declinou de 41,9% para 34,7%, e a proporção de idosos cresceu de 3,1% para 4,8%.

A redução do crescimento demográfico determinada pelo declínio da fecundidade de certa forma permite ao Estado atender de modo mais adequado às demandas sociais da população. No entanto, o contexto de desigualdade e a velocidade com que ocorrem essas mudanças no Brasil apontam uma complexidade crescente nas alternativas de atenção às necessidades dessa nova estrutura etária emergente.

Em países industrializados, a queda das taxas de mortalidade e fecundidade, iniciada no século passado, acompanhou a ampliação da cobertura dos sistemas de proteção social e a melhoria das condições de habitação, alimentação, trabalho e saneamento básico.

No Brasil, por outro lado, o declínio da mortalidade que deu início à transição demográfica foi determinado mais pela ação médico-sanitária do Estado do que por transformações estruturais que se pudessem traduzir em

melhoria da qualidade de vida da população: nas primeiras décadas do século XX, por meio de políticas urbanas de saúde pública como vacinação, higiene pública e outras campanhas sanitárias, e a partir da década de 1940, pela ampliação e desenvolvimento tecnológico da atenção médica na rede pública.

Na região Sudeste, a esperança de vida aumentou 27 anos entre 1940 e 1984 e, por ser considerada a mais rica, com renda mensal superior a cinco salários-mínimos, foi equiparada a países desenvolvidos, ou seja, com expectativa de vida de até 75 anos.

Em contraste, no mesmo período, na região Nordeste, a esperança de vida não superou os 52 anos de idade, em virtude do grande número de idosos que viviam em situação de pobreza, cujo rendimento médio mensal era de até meio salário-mínimo.

Os movimentos migratórios também influenciam a composição das populações e, no Brasil, eles têm concorrido para que algumas regiões ainda não desenvolvidas e com altas taxas de natalidade e mortalidade tenham uma elevada proporção de idosos. O estado da Paraíba é um exemplo: em 1997, contava com quase 10% de idosos em sua população, muito mais que os 8,6% observados no país em 2000. Existe uma grande migração de jovens da Paraíba e de outras regiões pobres para regiões mais desenvolvidas, em busca de trabalho. Nessas regiões, mesmo que a transição demográfica não se tenha completado, a proporção de idosos aumenta muito, pois são eles que permanecem (KALACHE, 1998, p. 1.513-1.520).

Gráfico 4 – População longeva em alguns estados brasileiros em 2007



Estudos preliminares apontam que, em 2007, havia no estado de São Paulo o maior contingente de longevos do país (4,7 milhões), seguido pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais (com aproximadamente 2,2 milhões), Bahia (1,4 milhão), Acre (39 mil), Amapá (32 mil) e Roraima (21 mil).

Num país com recursos financeiros escassos e tamanha desigualdade social, os longevos acumulam sequelas das doenças crônico-degenerativas, que, por falta de prevenção e tratamento adequado, lhes tiram a capacidade e a autonomia.

Os longevos estão envelhecendo nesse contexto, que lhes acarreta vários eventos negativos, dos quais o principal é a falta de infra-estrutura econômica, social e educacional (SUGAHARA, 2005; CAMARANO, 1999; 2004). Para atendimento dessa demanda, há um crescimento na oferta de atividades e programas que nem sempre vem acompanhado de planejamento adequado. É imprescindível o investimento imediato em saúde, educação e

formação técnica de jovens, em programas de apoio aos familiares e na manutenção de longevos em atividades produtivas adequadas.

Há perspectivas de que, diante do aumento da longevidade, as universidades se unam para qualificar Profissionais nas áreas de saúde, turismo, lazer, assistência social e educação, para melhor atender o longevo.

O ensino dos princípios básicos da Geriatria e Gerontologia para alunos da graduação em áreas da saúde deverá ser centrado no aluno, assumindo o professor o papel de facilitador do processo de aprendizado. O aluno deverá adquirir uma visão holística do ciclo de vida do ser humano, como também conhecimentos, atitudes e habilidades para atuar na promoção, prevenção, manutenção e reabilitação da saúde do idoso. Ao término do curso, espera-se que o aluno tenha desenvolvido atitudes de respeito pelos idosos e por seu direito à autonomia e otimismo em relação ao processo de envelhecimento e à velhice (BRASIL, 1994).

O impacto social deve ser agravado pelas desigualdades entre as taxas de crescimento, com o declínio das taxas de fecundidade.

Nas primeiras décadas do século passado, famílias numerosas eram sinal de prosperidade, garantia de futuros trabalhadores e, conseqüentemente, da continuidade nos negócios do campo. Uma pesquisa do IBGE mostra, em 1940, um país essencialmente rural, com 28,2 milhões de habitantes – ou dois terços da população brasileira – vivendo no campo. No passado, quando se vivia sobretudo no meio rural, cada filho nascido era considerado mão-de-obra produtiva, eram cinco ou seis crianças que iriam trabalhar na roça e ajudar a família a lucrar.

Quando as famílias vieram para a cidade, as crianças não foram absorvidas pelo mercado industrial, e isso também fez com que diminuísse o número de filhos. Nessa época, valores tradicionais condicionavam a mulher a ficar em casa, a cuidar da família, a obedecer à autoridade do pai e depois do marido; aliada a tudo isso, a falta de estudos e de oportunidades acabava ceifando todas as suas decisões e vontades, restando-lhe apenas ser mãe.

De acordo com os censos demográficos do IBGE, a natalidade só começou a cair a partir da década de 1960, quando, com a industrialização, os jovens migravam para outras regiões, em busca de trabalho. Naquela época, a média de filhos por mulher atingiu 6,28, e começaram as campanhas de prevenção da gravidez. Um dos motes dessas campanhas era que a maternidade fosse uma opção, e não uma obrigação.

A introdução de métodos anticoncepcionais, a inserção da mulher no mercado de trabalho e os altos custos com os filhos, englobando principalmente educação e saúde, contribuíram para o declínio da fecundidade.

A diminuição no tamanho da família em consequência da baixa natalidade significa menos gente em idade produtiva para tomar conta deles, o que acarreta enormes desafios para a economia e os governos (LAM, 2008, p. 58).

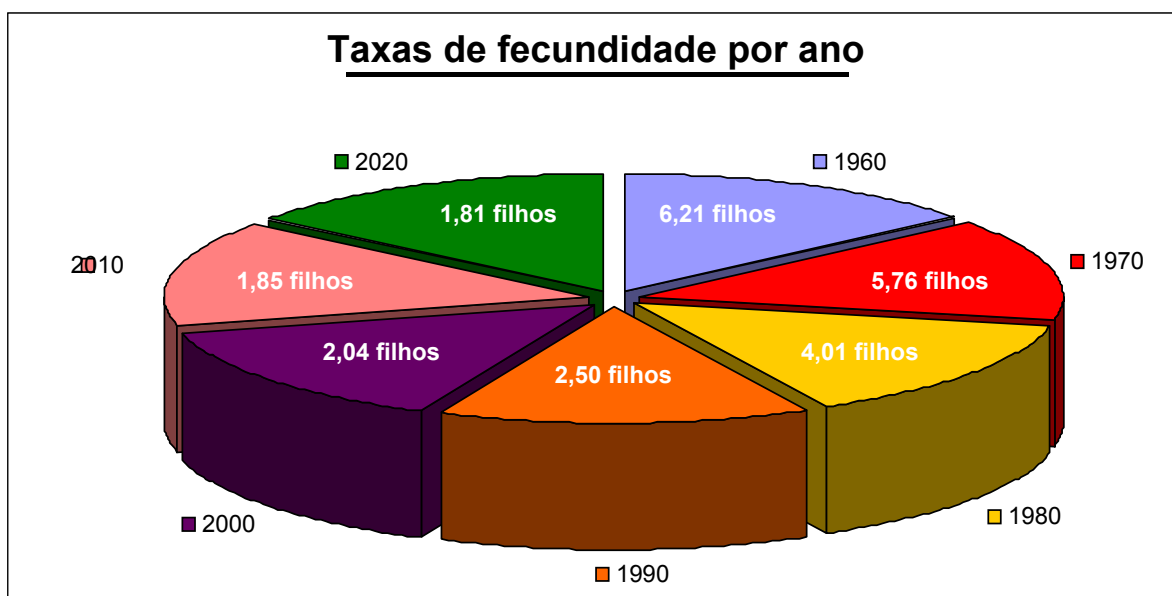
As razões são variadas: a condição financeira, o acesso à informação e aos métodos contraceptivos e até o fato de os casamentos estarem ocorrendo mais tarde. Outro motivo é o mercado de trabalho: se antes as mães ficavam em casa para cuidar das crianças, hoje estão bem colocadas profissionalmente e não querem – ou não podem – deixar seus postos para cuidar da prole.

Os casais temem pela segurança dos filhos, já que cuidar de muitas crianças pode exigir uma dedicação muito grande. Irmãos, tios e primas estão se tornando graus de parentesco em extinção. Se, há 60 anos, a tradição era que as mulheres tivessem mais de meia dúzia de filhos, a história da família brasileira hoje é bem diferente: atualmente, a taxa de fecundidade é de 1,8 filhos.

Os números refletem uma realidade cada vez mais evidente: no século XXI, a tendência são os filhos únicos e os casais que optam por não ter filhos. Antes um tabu, agora vem crescendo o número de casais sem filhos – para conquistar espaço profissional, muitas mulheres abrem mão de se tornar mães.

Observa-se também que, na medida em que aumenta a instrução das mulheres, caem as taxas de fecundidade.

Gráfico 5 – Taxas anuais de fecundidade



fonte: IBGE 2002

No período de 1960 a 2000, acentua-se o declínio: de 6,21 filhos por mulher, passa-se a 5,76, em 1970, a 4,01, em 1980, a 2,50, em 1990, e a 2,04, em 2000, com previsões para 2010 e 2020 estimadas, respectivamente, em 1,85 e 1,81 filhos por mulher.

Outro fator muito relevante para esse quadro é as mulheres terem entrado com mais força no mercado de trabalho nos últimos 50 anos, acompanhado do aumento do grau de escolaridade, que gera a consciência de que, quanto mais filhos, mais custos o casal terá.

E há ainda a preocupação cada vez maior com a educação dos filhos. Os pais têm preferido ter menos filhos para criá-los em condições melhores;

querem proporcionar-lhes melhor qualidade e outros benefícios como escola particular, natação, balé, cursos de idiomas etc.

A vida ocupada das mulheres nos dias de hoje dificulta ainda mais a educação dos filhos. Antes, as famílias moravam perto e ajudavam as mães que iam para o trabalho. Hoje, as avós também trabalham e não podem dividir essas funções.

Outro fator que contribui para a diminuição do número de membros da família é o que os sociólogos vêm chamando de “geração canguru” – jovens que demoram a sair da casa dos pais e a construir seu próprio lar. Na casa paterna, eles têm todos os confortos e comodidades, além de quartos equipados com aparelhos tecnológicos de todo tipo, o que faz com que não desenvolvam responsabilidade e acabem criando uma relação de dependência com os pais.

Segundo Camarano (2002), a proporção de filhos maiores de 21 anos é bem maior nas famílias em que o chefe é do sexo feminino. A PNAD de 1995 mostrou que aproximadamente 53% dos filhos do sexo masculino morando em domicílios chefiados por idosos eram separados e/ou viúvos, o que pode significar um retorno à casa dos pais. Entre as mulheres, 57% eram solteiras e 29% viúvas. No primeiro caso, de acordo com a autora, sua presença pode indicar maior permanência na casa dos pais, seja por retorno ou pela não-saída.

O aumento da esperança de vida resulta nas famílias intergeracionais, que possibilitam a convivência de até três gerações num mesmo domicílio.

Convém ressaltar que, embora a fecundidade seja o principal componente da dinâmica demográfica brasileira, no caso da população idosa, é a longevidade que vem progressivamente definindo sua evolução.

No que diz respeito à diversidade do processo de envelhecimento, a questão de gênero figura com destaque na literatura gerontológica, merecendo a *feminização da velhice* atenção especial. Segundo Neri (2005), a expressão está associada à maior presença relativa de mulheres na população idosa, à maior longevidade das mulheres em comparação com os homens, ao crescimento relativo do número de mulheres que fazem parte da população economicamente ativa e ao crescimento relativo no número de mulheres que são chefes de família.

O contingente feminino com mais de 60 anos de idade passou de 900 mil em 1940 para 8 milhões em 2000, ou seja, quase decuplicou em 60 anos. Em termos proporcionais, as mulheres idosas compunham 2,2% do total da população brasileira, em 1940, passando a ser 4,7%, em 2000. A proporção comparável para a população masculina foi de 3,8%, e observa-se também que, nos anos 1940, as taxas de crescimento dos vários grupos etários não apresentavam muitas diferenças entre si.

De acordo com dados do IBGE (2000), 55% dos longevos brasileiros são mulheres, e, nos grupos com 80 anos ou mais, esse percentual aumenta para 65% e é maior nos países desenvolvidos.

Pesquisas realizadas em 2002 indicavam a existência de cerca de 16 milhões de idosos no Brasil, e as projeções para 2007/2008 apontavam cerca de 19 milhões, correspondentes a 9,5% do total da população nacional. O Brasil é tido como um fenômeno mundial quanto ao crescimento da população longeva nos últimos 20 anos. Isso vem ocorrendo também nas faixas mais elevadas de idade, acima de 80 anos, o que significa que a população idosa está envelhecendo também.

Assim, são imprescindíveis a discussão, o envolvimento e o comprometimento das instâncias de controle social, das esferas de governo, das universidades, das organizações de defesa de direito do idoso e da sociedade civil organizada. É preciso redirecionarem-se as prioridades e as

lutas pela efetivação de políticas públicas que tornem os direitos sociais acessíveis a todo cidadão longo vivo.

Destaque-se que, apesar de ser mais vulneráveis e dependentes, a maioria dos idosos contemporâneos são provedores da família, através de sua aposentadoria, da pensão previdenciária ou do Benefício de Prestação Continuada (BPC), principalmente em classe sociais mais baixas, em função das crescentes taxas de desemprego que as famílias e a sociedade economicamente ativa vêm enfrentando e que têm como fundamento a globalização econômica.

De acordo com as projeções do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (PNUD/Ipea), em 2005, 90% dos idosos tinham algum tipo de renda, 80% tinham renda oriunda da seguridade social e 30% do trabalho.

Os longevos brasileiros, principalmente as mulheres, são um segmento cada vez mais visível da sociedade não só porque são mais numerosas, mas sobretudo porque têm se envolvido em conquista de espaços e, por essa razão, vêm criando novas demandas para as instituições e os agentes sociais.

Homens e mulheres não envelhecem da mesma maneira. O processo de envelhecimento feminino é uma experiência multifacetada não só em função de fatores demográficos e de saúde, mas também pela forma como as mulheres o enfrentam. No âmbito da economia, elas vêm ocupando um espaço significativo, com firme ascensão no mercado de trabalho mas ainda empreendendo dupla jornada e com menor remuneração, fato que se reflete no futuro, quando elas têm uma renda *per capita* menor.

Do ponto de vista financeiro, parece que ficar idosa também acarreta ganhos. A proporção de mulheres que não recebe qualquer rendimento declina expressivamente, bem como a de mulheres pobres e indigentes.

Aproximadamente 75% dessas mulheres recebiam benefícios da seguridade social, e menos de 10% trabalhavam. Por outro lado, a melhoria das condições de vida dessas longevas está associada também aos benefícios da Previdência Rural.

Nota-se que, se, por um lado, o envelhecimento traz melhoras nas condições materiais de vida para a média das mulheres brasileiras, por outro, do ponto de vista dos arranjos familiares, os movimentos são contraditórios.

Aumenta a proporção de mulheres vivendo sós e exercendo a função de chefe de família, o que é associado à redução do número de mulheres casadas e de mulheres cônjuges e ao aumento do de viúvas.

As taxas de chefia feminina aumentam, significando um maior *status* para as mulheres. Além disso, a ascendência das mulheres sobre a família aumenta, de algum modo, com a idade.

No Brasil, 62,4% dos longevos são responsáveis pelo domicílio, sendo 37,6% do sexo feminino, com idade média de 70,2 anos, e também surpreende a elevada proporção de mulheres que moravam sozinhas em 2000 – 67% (IBGE, 2000). Os números mostram ainda que, nos domicílios onde a longeva é responsável, é mais recorrente a forma de organização familiar sem o cônjuge (93,3%), possivelmente porque os domicílios são ocupados por viúvas.

Embora baixa, cresce a proporção de mães e sogras morando em domicílios chefiados por filhos. Falta de renda e autonomia para lidar com as atividades do cotidiano são os principais fatores que levam os idosos a procurarem a casa de filhos ou de outros parentes.

Gráfico 6 – Pessoas de 60 anos ou mais responsáveis pelos domicílios, em relação ao tipo de arranjo familiar em que se encontram (Brasil, 2000)

sexo do responsável	total de responsáveis pelos domicílios	pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelo domicílios, em relação ao tipo de arranjo familiar em que se encontram inseridas (%)			
		casal sem filhos (1)	casal com filhos e/ou outros parentes (2)	morando com filhos e/ou outros parentes (3)	morando sozinho (4)
<b>total</b>	8 964 850	17,0	36,0	28,7	17,9
homem	5 594 347	25,9	55,5	8,9	9,5
mulher	3 370 503	2,1	3,6	61,5	31,8

fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000

Nota: domicílios particulares permanentes

(1) responsável idoso morando com cônjuge, sem filhos e/ou enteados e/ou outro parente;

(2) responsável idoso morando com cônjuge, com filho e/ou enteado e/ou com outro parente (pai, mãe, sogro(a), neto(a), bisneto(a), irmão(ã), outro parente, agregado(a));

(3) responsável idoso morando sem cônjuge, com filho e/ou enteado e/ou com outro parente (pai, mãe, sogro(a), neto(a), bisneto(a), irmão(ã), outro parente, agregado(a));

(4) responsável idoso morando sem cônjuge, sem filhos e/ou enteados e/ou outro parente.

Devemos entender que a velhice é parte do desenvolvimento humano integral, e não uma predestinação ao fim. Estudos científicos apontam que o indivíduo maduro está apto a contribuir com a sociedade. Há longevos afáveis, intelectualmente brilhantes, seguros e produtivos, cuja vitalidade e capacidade de compreensão inspiram admiração e respeito.

## **CAPÍTULO 3**

### **Contribuição do fazer artístico na longevidade**

*Desejo que você, sendo jovem, não amadureça depressa demais, e, sendo maduro, não insista em rejuvenescer, e que sendo velho, não se dedique ao desespero. Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e é preciso que eles escorram entre nós.*

Victor Hugo (1802-1885)

### 3. CONTRIBUIÇÃO DO FAZER ARTÍSTICO NA LONGEVIDADE

Como dissemos na Introdução, o tempo do envelhecimento costuma ser considerado um dos ciclos mais difíceis da vida, em virtude das limitações que impõe. Essa é uma verdade parcial.

Nosso hábito é pensar a vida humana e as sociedades humanas como se fossem homogêneas e especialmente como se as sociedades que conhecemos e de cujo modelo partilhamos fossem um “modelo natural” de processos vitais e de valores a eles atribuídos. De fato, é difícil imaginar que a redução do envelhecimento e suas limitações e perdas corresponde a um modelo medicalizado e cada vez mais especializado no seu núcleo (médico, neo-natal, pediátrico, geriátrico etc.), embora também comporte variações de perspectiva e de atuação.

O envelhecimento como um bem ou uma vantagem no grupo social parece muito distante de nossas considerações, quase como uma ficção. Claro está que qualquer que seja a nossa perspectiva em relação ao envelhecimento e à velhice, há “velhos saudáveis” e “velhos doentes”, e em ambos os grupos se encontram diferentes formas e graus de dependência. Mas não é essa a questão de que se trata aqui.

A preocupação com o envelhecimento populacional toma algumas trilhas: o custo do envelhecimento em termos de saúde e a atenção em termos de políticas sociais. Quais são as possibilidades de tornar menos oneroso socialmente o envelhecimento populacional? Como garantir a continuidade das políticas de aposentadoria e assistência com o novo perfil populacional?

As respostas são conhecidas: aumento do período de contribuição e achatamento dos benefícios – para a população em geral, pois algumas categorias ainda são privilegiadas, de fato ou comparativamente.

Nessa linha, também há um investimento considerável em pesquisas biogenéticas e farmacêuticas, que buscam retardar o envelhecimento biológico

ou, se não resolver, ao menos retardar sequelas de doenças crônico-degenerativas consideradas próprias da fase de envelhecimento.

Esses esforços convivem com benefícios financeiros do envelhecimento populacional, se podemos dizer assim, isto é, o aumento da populacional idosa pode transformá-la num polo de interesse positivo: há um aumento e satisfação das especialidades médicas relacionadas a essa fase da vida, um reencaminhamento de profissões para esse nicho de mercado (profissões dentro e fora da grande área da saúde) e abrem-se para jovens profissionais novas oportunidades de emprego.

Em outras palavras, não se pode deixar de levar em conta que a própria mudança na composição etária da sociedade força mudanças nos modos de entender, lidar e viver o envelhecimento e a velhice. Com o risco de cometer um truísmo, não será excessivo pontuar que o envelhecimento não se limita a setores ou segmentos sociais: professores envelhecem, artistas e artesão envelhecem, donas de casa envelhecem, intelectuais e trabalhadores braçais envelhecem, empresários envelhecem... O envelhecimento é universal, coletivo, mas segmentar e individual e, nesse sentido, produz e reproduz uma nova diversidade.

Não se pode negar também que hoje a reflexão sobre o envelhecimento populacional e/ou individual se impõe como um tema candente para todos, velhos e jovens.

Citemos o exemplo da jovem arte educadora Mariana Guimarães, de 27 anos, idealizadora do Projeto Retalhos de Memória, um dos 20 trabalhos selecionados no I Premio Inclusão Cultural da Pessoa Idosa, realizado em 2007 pelo Ministério da Cultura, através da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural. Segundo Mariana, seu interesse pela pessoa idosa teve início ao ler sobre a população idosa no país. Sempre teve uma escuta paciente e interessada pelas histórias, memórias e sabedoria dos idosos. Dado seu interesse (“paixão”, em suas palavras) pelas técnicas artesanais “presentes

no imaginário da mulher brasileira “, criou um projeto no qual as participantes exercessem seus talentos na feitura de rendas, fuxicos e bordados. De acordo com ela, o significado desse trabalho para a cultura brasileira é “a perpetuação e a afirmação da existência de um saber artesanal que é repassado de mãe para filha sem um objetivo econômico/utilitário, mas uma busca da expressão afetiva e a legitimação de uma identidade social”.

A grande preocupação pode ser assim expressa: a população envelhece (isto é, há um aumento da longevidade e uma diminuição da natalidade): o que o futuro nos reserva? Como garantir e implementar as capacidades dos adultos idosos de modo a permitir mais qualidade, menos gastos e sua continuidade como segmento produtivo?

Talvez um dos movimentos mais importantes diante da nova ordem dos fatos seja a organização de grupos, ONG, serviços públicos (sociais e de saúde), universidades (públicas e privadas) e entidades financeiras que se voltam para o segmento idoso da população. Partindo de propostas diferentes (associativas, beneficentes, de estímulo à criatividade, ao conhecimento, à saúde, à autonomia e assim por diante), ancoradas em diferentes filosofias e ideologias, muitas possibilidades se abrem. Nunca se falou tanto em inclusão social do idoso, em qualidade de vida, em cidadania.

Não cabe entrar aqui na discussão dos sentidos sociais desses “novos” termos, pois o que seria de fato “recuperar a cidadania”? Diferenças de classe, gênero e condição, entre outras, não dariam sentidos diversos à própria vivência da cidadania? É de uma das dimensões da questão de que trata este trabalho, especialmente no que tange ao fazer artístico como meio de inserção social.

Neste capítulo, abordaremos exclusivamente a questão da arte no processo de envelhecimento, e começaremos com uma visão geral sobre a importância da criatividade na trajetória da pessoa idosa. Num segundo momento, exporemos o fazer artístico como meio de inserção social na velhice.

### **3.1. Criatividade e caminhos do longo**

Na nossa convivência com grupos de longevos da PUC de São Paulo e da Universidade Santana, verificamos as oportunidades que as atividades propiciavam no âmbito pessoal e social dos participantes. O objetivo desse processo foi demonstrar que eles não têm apenas limitações que os impossibilitem de ter relacionamentos ou desempenhar atividades que adicionem conhecimentos, possibilidades, que possam promover a sua felicidade, muitas vezes conquistadas com muita criatividade e disposição.

Para a discussão da construção de caminhos possíveis para o uso do processo criativo em arte, tomamos como base os quatro pilares da educação, sua “dependência” em relação à criatividade e os principais conceitos sobre o desenvolvimento da capacidade criativa.

No relatório divulgado pela Unesco em 2000, Jacques Delors (2001) afirma que a educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares, fundamentais para alcançar o conhecimento através da aprendizagem. São eles: aprender a conhecer, ou seja, absorver e estabelecer os instrumentos que levam à compreensão; aprender a fazer, o que permite interagir com o meio; aprender a viver juntos, participando e cooperando ao lado de outros indivíduos ao longo de toda a vida; aprender a ser, o que leva ao momento de integração dos outros três pilares. O autor explicita cada um deles:

Aprender a conhecer inclui a necessidade de adaptação ao mundo, o que influencia o desenvolvimento de capacidades, sejam profissionais ou pessoais, e a finalidade humana, que é a busca pelo prazer de compreender, de descobrir. Isso implica, por exemplo, aprender a conhecer o que acontece no processo de envelhecimento, para entender que envelhecer não é trilhar um caminho já traçado, mas fundamentalmente construí-lo permanentemente. Fica claro que é fundamental aprender o que na realidade se quer ou precisa conhecer ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer nada mais é do que saber aplicar os conhecimentos adquiridos. Mas deve-se ter em mente que as funções físicas estão cada vez mais sendo substituídas por tarefas intelectuais, pelo comando de máquinas e organizações, o que leva à exigência de um conjunto de habilidades individuais formado não só pela qualificação técnica e profissional, mas também pelo comportamento social, aptidão para o trabalho em equipe, iniciativa, capacidade de se arriscar e criatividade. Nesse processo, destacam-se as relações interpessoais. Pode-se estabelecer um paralelo, para as pessoas idosas, no que diz respeito a aprender a fazer – depois de ter apreendido todo o conteúdo de sua vida, aprender novas formas de viver a velhice, que podem ser permeadas pela arte. Nesse processo, a amizade, o afeto e a compreensão são fundamentais.

Aprender a viver juntos, ou aprender a viver com os outros, vai além do simples trabalho em grupo, alcançando a luta contra os preconceitos geradores de isolamento e conflitos, pois é natural o ser humano supervalorizar suas qualidades e os de seu grupo e alimentar sentimentos desfavoráveis em relação aos “outros”. Na velhice, as relações sociais vão se afinando, pois os idosos buscam relações mais significativas, sem esquecer que muitos têm seu grupo de parentes e amigos diminuído pelo falecimento; quanto mais idoso, mais premente é a necessidade de encontrar novos grupos de sociabilidade. Segundo a Teoria da Seletividade Socioemocional (CARSTENSEN, 1991; 1995), há diferentes motivações para o contato social, e o peso de cada uma pode ser maior ou menor, dependendo principalmente da posição do indivíduo no curso de vida. As outras pessoas seriam como fonte de informação ao desenvolvimento e à manutenção do autoconceito e à regulação de emoções na velhice.

Aprender a ser se refere ao desenvolvimento total da pessoa: inteligência, responsabilidade, sensibilidade, espiritualidade e estética. A educação deve então impulsionar o indivíduo a formular seus próprios juízos de valor e a decidir por si mesmo que ação tomar diante de circunstâncias adversas. Nessa busca de realização do sentido pessoal de vida, Freire e

Resende (apud NERI, 2001) comentam que ela representa uma nova perspectiva de promoção do bem-estar e de adaptação, principalmente para os idosos, uma das poucas fases em que o indivíduo experimenta uma continuidade no crescimento pessoal, mesmo vivendo perdas e declínio físico.

Certamente por seu conteúdo ao mesmo tempo extremamente complexo e extremamente vago, o tema criatividade motivou inúmeras correntes de pesquisa, todas na área de Psicologia, que têm contribuído para o entendimento do assunto; destas, destacam-se o associacionismo, a gestalt, a psicanálise, a reação ao freudianismo e a análise frontal.

Pilla (1999/2000, p. 4) concorda que “criatividade” não sugere uma obra instantânea, algum tipo de inspiração, mas que é sinônimo de “solução de problemas”, pois surge perante uma dificuldade real; podemos entender que o uso da criatividade na velhice atende à dificuldade que essa fase da vida impõe, como vimos. Prado (1997) também colabora com uma definição para criatividade, indicando-a como a matriz construtiva de um novo estilo de pensar e expressar-se ao ensinar e aprender, ao comportar-se pessoalmente e ao trabalhar profissionalmente, ao abordar qualquer tema, objeto ou problema em todos os aspectos da vida pessoal, social e profissional.

Pilla (1999/2000, p. 6-8) apresenta quatro estágios para a criatividade, que podem ser adotados no processo de fazer artístico da pessoa idosa:

*A preparação* ocorre quando, frente a um problema, colhemos o maior número de informações sobre ele e passamos a pensar nele. O autor sugere ler inúmeros catálogos, revistas, assistir a filmes variados, prestar atenção em conversas informais e observar o cotidiano. Mas há que tomar cuidado com um aspecto relevante: o segredo da criatividade consiste em mudar a perspectiva e considerar as coisas sob uma nova luz (KRAFT, 2004, p. 1). Diante disso, não se trata de focalizar exclusivamente a solução, mas antes o próprio problema e, mais uma vez, todas as informações possíveis acerca dele.

A *incubação* é a fase em que se deve “descansar” do problema, desligar-se dele, para que o inconsciente faça as diversas conexões; essa seria a essência da criação, pois tudo o que estiver arquivado na memória será consultado. Nessa etapa, o autor sugere que a pessoa faça o que preferir – vá ao teatro ou ao cinema, pratique algum esporte, leia jornais. Einstein, por exemplo, gostava de tocar violino. Note-se que, como essa fase permanece oculta à consciência, não pode ser influenciada nem acelerada diretamente.

Na *iluminação*, ocorre o conhecido “Eureca”, de Arquimedes – o momento em que se vislumbra a solução do problema. Pode acontecer na rua, no trem, durante um jogo – em qualquer lugar. A iluminação é instantânea e fulgurante. Segundo o modelo de fases do pensamento criativo, o cérebro é praticamente obrigado a conceder esse momento de revelação, desde que haja uma fase de preparação adequada e uma fase de incubação.

Finalmente, ocorre a *verificação*, quando tudo volta à normalidade, e o intelecto se encarrega de terminar a obra que a imaginação criou. O pensamento crítico que mergulha na questão precisa ser acompanhado da ação física para executar a criação. O autor aconselha que se organizem as etapas a cumprir, se anotem sempre as novas ideias e que a pessoa nunca se isole, pois as reações os testes, as críticas, os julgamentos e as avaliações alheias são fundamentais para o êxito.

Assim, de acordo com as definições citadas aqui, criatividade é a capacidade de buscar a solução de um problema, ou seja, não se refere ao fazer artístico, mas antes se aproxima daquilo que se chama resiliência, definido por Laranjeiras (2007) como um modo de funcionamento, ou como a capacidade de se adaptar a situações adversas, desenvolvendo habilidades ligadas aos recursos internos (intrapsíquicos) e externos (ambiente social e afetivo).

No entanto, atentando às explicações e ao detalhamento das fases da criatividade, pode-se conceber o fazer artístico como um dos caminhos escolhidos para enfrentar um problema de modo novo.

A trajetória da pessoa idosa exige a superação de obstáculos, e a criatividade pode ser o meio que possibilita ao longo tempo ultrapassar dificuldades, solucionar problemas, descobrir algo impensado. Essa intrincada relação é fundamental no processo de envelhecimento. No próximo tópico, discutiremos especificamente as contribuições do fazer artístico na velhice.

### **3.2. O fazer artístico como fortalecimento do papel social do longo tempo**

Desde a Pré-História, a arte sempre expressou situações vividas pelo ser humano, independentemente das realidades socioculturais. Tem sido um referencial de vida, um caminho para o homem adaptar-se a novas situações, um canal de expressão interior. Tem vários significados e, ao assumir a forma de conhecimento, promove meios de compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura (FORTUNA, 2005). Para Urrutigaray (2004), a arte pode transferir o conteúdo interno de forma concreta:

A arte se converte num elemento facilitador ao acesso do universo imaginário e simbólico, permitindo o desenvolvimento de potencialidades latentes ou rituais, bem como o conhecimento de si mesmo. Ao trabalhar com materiais plásticos, o indivíduo tem a possibilidade de criar uma nova forma a partir de uma forma original. Materiais como argila, lápis, tinta, papel etc. realizam, por um lado, a execução prática de uma ideia (fantasia, sentimento, conflito etc.), e, por outro, exercitam a inteligência, ao dar uma nova configuração a um modo particular de ser (p. 28).

O fazer artístico na velhice pode ser desenvolvido de várias formas; além das artes plásticas, há a dança e a expressão corporal, a música e o canto coral, a literatura e a poesia, o teatro e o artesanato. Ao desenvolver essas atividades de forma a atender as necessidades da pessoa idosa, se resgatam no longo tempo seus sonhos, seus desejos postergados, o autoconhecimento, a autoestima, a melhoria de sua autoimagem e o desenvolvimento de seu potencial criativo.

Dentre as inúmeras modalidades que envolvem o fazer artístico, contam-se a música e a musicoterapia, as terapias expressivas como uma nova forma de abarcar o fazer artístico, a arte de contar histórias e a dança.

A música é um fenômeno humano universal, presente nas mais diversas culturas, mas contempla as especificidades de cada uma. A compreensão da natureza da música associada a contextos próprios passa pela investigação de produções musicais em momentos e ambientes específicos e sua relação com os contextos sociais, biológicos, físicos e culturais (GATTI, 2005).

Quanto à musicoterapia, de acordo com Benenzon (1988), trata-se do uso da música e/ou de seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) para facilitar e promover comunicação, relacionamento, aprendizado, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, a fim de atender às necessidades físicas, mentais, sociais dos indivíduos e, conseqüentemente, alcançar uma melhor qualidade de vida.

As chamadas “terapias expressivas” englobam várias técnicas e formas de expressão como a dança, o canto, a dramatização e a poesia, além da pintura, do desenho e da escultura. Implicam interações com áreas do conhecimento como a Psicologia, a Terapia Ocupacional, a Fisioterapia, a Fonoaudiologia e as artes plásticas (dança, teatro, música). Segundo Andrade (1993), é difícil compor uma definição única e precisa desse campo em formação e transformação.

Recentemente, vem havendo um resgate da arte de contar histórias, que, além de proporcionar o contato com a cultura regional e do mundo, dá acesso à essência humana que todos temos. Esse resgate se dá pelas próprias histórias e também pela proximidade entre contador e público. A contação de histórias pode estimular a leitura e também o resgate às imagens internas, que cedem espaço à criação de imagens próprias, ricas em valor e conteúdo.

O projeto social desenvolvido por Patrocínio (2007) em comunidade carente do município de Campinas, no estado de São Paulo, teve como foco a capacitação individual e coletiva promovida pela arte e pela reflexão. Esse projeto favoreceu um espaço de integração, participação e valorização por meio da arte que possibilitou ao adulto maduro e ao idoso uma melhora da sua autoestima e qualidade de vida, que muitas vezes já se agravava pelo isolamento e pelo desafeto.

Na avaliação final do projeto, os participantes relataram que houve ampliação do conhecimento artístico, de práticas terapêuticas e do cuidado com o corpo por meio do movimento. Num grupo específico com mulheres com depressão, a psicóloga relatou que suas pacientes haviam apresentado melhoras no estado de humor. Ao longo de três meses, esse projeto promoveu mudanças qualitativas como estimulá-las a pensarem em si mesmas e no próprio bem-estar por, pelo menos, duas horas por semana. Alguns idosos relataram que jamais haviam pensado que poderiam criar algo, pois não se achavam capazes e tampouco se imaginavam numa apresentação, mas, diante dos resultados, verificaram que isso era perfeitamente possível. Segundo Patrocínio (2007), a arte e a reflexão podem ser recursos mediadores para o fortalecimento individual e coletivo dos envolvidos, permitindo participação mais ativa na sociedade e conseqüente melhoria da qualidade de vida.

Gatti (2005) desenvolveu um trabalho de musicoterapia para idosos. As atividades de sua pesquisa foram voltadas para o bem-estar dos idosos usando a música como veículo estimulador da criatividade e da expressão. A atividade se estruturou pelo desenvolvimento rítmico, por práticas de apreciação musical, pela estimulação da memória musical, pela prática vocal e instrumental e pelo treinamento auditivo, dentre outras.

Os resultados desse trabalho foram a retomada das lembranças, memórias sonoras e musicais dos idosos. O uso destas memórias na condução das dinâmicas musicoterápicas contribuiu para a ativação de aspectos cognitivos e afetivos positivos, assim como para a mobilização das sensações e percepções das trajetórias individuais e coletivas. Ao invés de reiterar o

declínio cognitivo, o realce dos potenciais artísticos e criativos, possivelmente contribuiu para o bem-estar subjetivo dos idosos. A autora acredita que a motivação, a afetividade e a expressão dos sentimentos rememoram as histórias de vida.

Segundo Patrocínio (2008), a arte é uma aliada no processo de envelhecimento saudável, pois cria condições para se abrirem espaços de sensibilização e expressão para idosos por meio de linguagens artísticas. É um elemento para o desenvolvimento humano e minimiza os efeitos negativos do envelhecimento, ou seja, é um meio para se viver a velhice de forma mais leve e positiva.

Ainda de acordo com Patrocínio (2007), a atividade artística aliada a um olhar e a uma ação terapêuticos, é benéfica para a saúde, pois traz satisfação pessoal, superação de limites e desenvolvimento de potencialidades e capacidades antes enclausuradas por nossa cultura social.

Toda arte tem poder mágico, e este pode ser infundido numa obra pelo artista e apreciado pelo observador. A arte pode ser apenas esteticamente agradável, filosoficamente significativa e pessoalmente expressiva, ou pode ter o poder especial de evocar e transmitir um espírito particular àqueles que entram em contato com ela. Muitas tradições ensinam que nossas vidas poderiam ser enriquecidas, animadas espiritualmente e até mesmo curadas através do poder mágico da arte (MOORE, 1998, p. 37).

Gusmão (2001) afirma que, pela ótica da produtividade que permeia nossa sociedade, o longo vivo pode ser considerado “descartável” porque:

[...] o caráter do mundo moderno em sua natureza capitalista está dado pela ordem produtiva que toma o jovem e o adulto como produtores e compreende o velho e a velhice como uma irrupção perigosa da ordem, posto que já não são produtivos para o capital (p. 117).

Segundo Patrocínio (2008), esta cultura em que estamos inseridos valoriza apenas aqueles que produzem algo. Para mudar essa perspectiva sobre a velhice, os programas e as atividades direcionados a essa faixa etária podem engendrar discussões, trocas de experiências, explanações sobre a

problemática do envelhecimento e o estabelecimento de ações que concorram para a mudança desse paradigma – articulados ao trabalho da arte e da sensibilidade, esses fatores seriam já um passo em direção a uma forma de viver mais humana.

Assim, se materializaria a cultura propositiva de Gohn (2001): “Trata-se de engendrar ações que não se atenham a críticas e denúncias, mas que façam propostas, estabeleçam metas, objetivem um agir ‘ativo’, e não só a resistência, passiva” (p. 45). Exemplos concretos são as universidades da terceira idade ou da maturidade, em que os longevos são atualizados nos focos gerais da cultura vigente.

## **CAPÍTULO 4**

### **Análise das entrevistas**

*A direção que tomamos é mais importante  
que a velocidade que empregamos.*

Stephen R. Covey (1932)

## 4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

### 4.1. Caracterização dos participantes

Antes de tudo, cabe caracterizar os grupo pesquisado, selecionado por ter participado de um concurso de arte.

- grupo: 9 participantes, sendo 5 do sexo masculino e 4 do sexo feminino
- origem: 7 pessoas originais da cidade de São Paulo, uma do interior do estado e uma de Minas Gerais
- faixa etária: variou entre 60 e 80 anos, com 6 pessoas entre 60 e 69 anos, duas entre 70 e 79 e uma acima de 80
- formação profissional: idosos ativos, sendo dois aposentados, uma artista plástica, um consultor de recursos humanos, uma costureira, uma empresária, um músico, uma psicóloga clínica e um representante comercial
- escolaridade: 4 com ensino superior completo, 3 com ensino médio e 2 com ensino fundamental
- horário de início das atividades diárias: 3 acordam entre 5h e 6h da manhã, um participante acorda entre 6h e 7h, um, entre 7h e 8h, 2, entre as 8h e as 9h e dois que não precisaram a hora em que acordam
- horário em que dormem: 4 dormem entre 23h e 24h e 3, entre 22h e 23h, e 2 em outros horários

Dois dos participantes surpreendem pela disposição e por sua atuação no curso da vida diária, desmentindo o mito de que o idoso é inativo, inoperante e preguiçoso. Um maior número acorda muito cedo e se deita tarde, o que revela a disposição de estar ativo, produzindo.

Depois, cumpre situá-los em sua vida pessoal e familiar, destacando acontecimentos importantes de suas vidas. Para melhor visualização, criamos categorias a partir das respostas obtidas.

No tocante aos acontecimentos mais importantes, adotamos as categorias estabelecidas por Neri (2005) sobre os eventos normativos graduados por idade e os eventos não-normativos.

Os eventos normativos graduados por idade são os determinantes genético-biológicos que têm, segundo alguns estudiosos, um curso de ocorrência esperado para os indivíduos, que, portanto, são considerados universais e relativamente independentes de circunstâncias sociais, psicológicas ou históricas – por exemplo, a primeira menstruação, a entrada na menopausa, a aposentadoria etc.

Os participantes desta pesquisa apresentaram informações que podem compor uma subseção dessa categoria, quais sejam, a aposentadoria, o casamento (que, na época dos entrevistados, tinha uma idade ideal para ocorrer) e a construção da família, com o nascimento dos filhos e (depois dos netos), a passagem pela escola e o ingresso no mercado de trabalho. De fato, embora Neri não os considere assim, esses eventos são normativos, mas definidos social, histórica e culturalmente; dependem de construções biográficas pautadas numa perspectiva normativa de ciclo de vida.

A segunda categoria é a dos eventos não-normativos, que podem ser de ordem biológica (como uma doença imprevista), social (como a migração ou uma demissão) ou psicológica (como a depressão por luto), pois, segundo Neri (2005), não têm um curso universal ou esperado segundo os critérios de idade.

Entre os entrevistados aqui, da ordem dos acontecimentos biológicos, houve uma resposta sobre uma cirurgia craniana a que o participante teve que se submeter, e, da ordem social, houve um divórcio, uma mudança de país e o reconhecimento profissional e um envolvimento com a religião. Da ordem psicológica, podemos fazer algumas associações com a sensibilidade dos

participantes para os processos vividos – por exemplo, alguns respondentes apontaram como acontecimento mais marcante o fato de ter conseguido aproveitar seu potencial para determinadas habilidades; outro afirmou que era poder fazer aquilo de que gostava; outro destacou o relacionamento amoroso ou o encontro com pessoas especiais; e houve respostas que envolveram a busca de sonhos e o fato de viver intensamente.

realização pessoal e profissional	buscar um sonho, encontrar com pessoas especiais, ter um relacionamento amoroso, estudar explorar o próprio potencial, fazer o que gosta, viver intensamente, aposentar-se, ganhar a própria vida, mudar de país e ter reconhecimento profissional
saúde	cirurgia craniana
família	casamento, divórcio, família, nascimento dos filhos e netos
religião	“conversão a Deus” (apontada por um único participante)

Em face desse quadro, perguntamos como enfrentaram os acontecimentos mais difíceis, obtendo as seguintes respostas:

- No âmbito familiar, uma das entrevistadas teve que cuidar da mãe idosa, depois de ter sido rejeitada e abandonada por ela, e viveu ainda uma separação conjugal.
- No aspecto saúde, os idosos mostraram grande preocupação com informação e alguma resignação frente à confirmação do diagnóstico de mal de Parkinson ou de depressão, à esquizofrenia de um filho, à morte de parentes e amigos e ao suicídio de um pai, além de terem passado por dificuldades financeiras, decepções e problemas com os filhos.

Essas respostas permitem inferir que a força interior foi o fator determinante para o enfrentamento e a superação dessas dificuldades. Eles foram capazes de acolher o sofrimento, de assumir o papel do chefe de família aos 18 anos, de não deixar abater mas solucionar as dificuldades, de não

ter medo do amanhã, de recomeçar do zero, com muito trabalho, etc. Para isso, valeram-se, por exemplo, da técnica oriental do Tai-chi-chuan e de Deus, mas também citaram universidades de terceira idade, Sesc e escola de música. Quanto à saúde, mostraram uma esperança em medicamentos mais modernos, fisioterapia e ginástica e um desejo de saber mais sobre transtornos mentais.

Como as questões foram propostas de modo a suscitar nas pessoas uma reflexão, as respostas sempre se compõem de aspectos positivos e negativos, e, em função desse diálogo que se estabeleceu, fomos direcionando nossas questões para uma compreensão maior do trabalho desenvolvido por eles.

Perguntados sobre o que mais lhes trazia prazer e emoção à vida, citaram aulas de pintura, convivência com amigos, cursar o ensino fundamental, descobrir o dom de escrever, sentir emoções positivas, o nascimento de um filho, vencer um jogo, um beijo e um belo orgasmo, ver a felicidade dos filhos vendo a mãe protagonista de um evento importante, lançamento de livro, não aceitar a vida sem prazer, a profissão e as reuniões familiares. Um dos participantes disse: “Tudo o que faço é viver.”

A convivência social e familiar é um fator importante para um envelhecimento saudável, pois dá ao longo a noção de pertencimento. Fazer parte traz sua presença ao aqui e agora.

Estando eles conectados e presentes, questionamo-los sobre seu *projeto de vida* e notamos um foco em ações mais concretas, desmistificando a ideia tão difundida de que na velhice só há perdas, negligenciando-se ou mesmo negando-se os ganhos. As respostas mostram o desejo e a postura frente àquilo que só parece ser possível para o jovem:

Projetar parece ser privilégio daqueles que, abertos à novidade, têm uma longa vida pela frente. Aos mais resistentes às mudanças, àqueles que têm a morte no horizonte, aos velhos enfim, são frequentemente negadas – sob as mais variadas formas – as possibilidades de elaboração de projetos (VALSECCHI ALMEIDA, 2005, p. 102-103).

Esses projetos de vida incluem cursos de inglês e de violão, escrever, estudar, atuar em projetos sociais, continuar a ser músico, acompanhar o filho à música, dar continuidade ao trabalho, fazer ginástica, conviver com a família, ir a um lugar onde ninguém o conheça, ser totalmente livre, namorar, viajar e proporcionar alegria a 1.153 pessoas, no Solar do Encontro, entre crianças, jovens, adultos e portadores de necessidades especiais.

Perguntados sobre o papel do longo, revelaram dois opostos. De um lado, afirmaram que “o idoso atrapalha ou é incapaz, que a sociedade o ‘encosta’ ou não o valoriza como deveria” e, de outro, também que “há muito o que fazer, que agora se sentem mais ativos, mais bonitos, mais respeitados, muito importantes, mais valorizados por terem com mais experiência, que descobriram uma nova forma de ser, que não têm preconceito contra trabalhar, que se dispõem a realizar obras criativas e que se sentem jovens, sem botox, sem viagra, sem cirurgia plástica ou cabelos pintados, pois exercitam a mente, podem contribuir para uma sociedade melhor, têm boa convivência com jovens e sabem aproveitar seus talentos”. Alguns deles se veem como talentosos, com méritos, realizando obras e com uma postura política bastante atuante. Outros, embora reforçando os aspectos negativos da velhice, ainda desejam uma sociedade mais justa e solidária.

Quanto às mensagens que gostariam de deixar na vida, apontaram “prazer e emoção, amor ao próximo é a base de tudo, ampliar a sabedoria, colaborarmos, comprometa-se, crença em Deus, disciplina e persistência, doar todo o seu potencial, entusiasmo e dedicação, fazer a pessoa que está à nossa volta muito feliz, fazer coisas boas, não desistir, não parar de sonhar, otimismo, programar-se, respeitar os próprios limites, saber perdoar, ser generoso, serenidade, paz de espírito, viver e deixar viver e viver e não ter vergonha de ser feliz” – uma verdadeira exaltação à vida.

## 4.2. Roteiro de entrevista A (Apêndice A)

### 1) nome: N

**Profissão:** técnico em telecomunicações até a aposentadoria, em outubro de 2003; depois, músico.

**Idade:** 60 anos

**Nível de escolaridade:** ensino médio – técnico em eletrônica

### **Cursos realizados**

Inicial: técnico em eletrônica na Escola Técnica Mackenzie; no decorrer da vida profissional, diversos cursos proporcionados pela empresa Siemens S.A., onde trabalhou durante quase 36 anos, sobre temas dirigidos à execução das tarefas ordinárias, a saber: metodologia de gerenciamento de contratos de telecomunicações (15 cursos), normas ISO 9000 – certificação de qualidade (7), capital humano da empresa (5), metodologia de processos (3), língua alemã, língua inglesa e informática (Excel, Word, Powerpoint, MS Project, e outros).

### **Atividades realizadas atualmente e no passado**

De fevereiro de 1968 até setembro de 2003, trabalhou como técnico em telecomunicações no apoio a vendas de equipamentos telefônicos (centrais eletromecânicas e aparelhos telefônicos); projetos de instalação de PABX, inspeção de montagem e testes, ativação de centrais telefônicas de médio porte – de 1968 até 1983; na introdução e implementação de centrais telefônicas digitais no país e consolidação técnica de produção local – de 1984 a 1997; nas implantação de equipamentos celulares – logística de fornecimento – em 1998; no processo de fabricação de equipamentos celulares – logística de disponibilização de materiais para produção de unidades remotas – de 1999 e 2000 (incluindo ida à casa matriz da Siemens, em Munique, na Alemanha); e no estudo e definição de processos – a empresa como um todo, prestação de serviço a todas as áreas da empresa, utilizando *software* para dimensionamento de tempo/pessoal/atividade, de acordo com a produção e

implantação planejadas – de 2000 a setembro de 2003, quando se aposentou. De outubro de 2003 até os dias atuais, tem atividades musicais. Integra um conjunto musical denominado Mini-Grupo, que se apresenta em festas de casamento, jantares e comemorações de todo tipo, inclusive missas festivas ou de falecimento (são católicos praticantes). Além disso, no momento, está cursando o 4º ano de Canto Popular na ULM, em São Paulo.

### **A que horas acorda e dorme**

Considerando as diversas atividades que envolvem o trabalho musical – estudo, prática vocal, exercícios de expressão corporal, criação e edição de *playbacks* complementares em computador e o gosto imenso que tenho por música, durmo em média sete horas por noite, entre meia-noite e 7h manhã, com pequenas variações.

### **Acontecimentos mais importantes na sua vida**

O estudo da eletrônica e de telecomunicações (direcionamento profissional), o casamento (direcionamento familiar), conseguir “gostar do que fazia” nos 36 anos de Siemens e poder fazer o que gosto, na vida pós-aposentadoria

### **Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

Não sou de reclamar ou esmorecer. Vou citar apenas um em especial: o diagnóstico de mal de Parkinson, em 2002. Os tremores gerados pela doença dificultam a execução de músicas com o uso das mãos no violão e na guitarra. Ess fato levou à decisão da elaboração de *playbacks* pregravados e estimulou minha ida à escola (ULM) para, além de cantar, fazer os exercícios respiratórios e alongamentos necessários para combater a doença.

### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

O fato de gostar do que fazia, na Siemens, e também o de fazer o que gosto na música são fundamentais para a execução de qualquer trabalho com a qualidade mínima necessária à sua apreciação por outras pessoas. Logo, o prazer e a emoção são essenciais à qualidade de vida necessária à longevidade.

### **Projetos que você tem na vida**

Curtir minha família – esposa, filhos e neto(s) – abençoada por Deus, continuar a ser músico enquanto Deus me permitir (por mim, até o fim da vida), acompanhar o filho, que também se encaminha na música, e curtir o neto, que já tem quase um ano, e os que deverão vir no futuro.

### **Papel do longo tempo no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

Eu me vejo jovem, apesar das dificuldades que surgem para fazer tudo o que quero, afinal, eu já tenho 60 anos. Na ULM, meus colegas são todos jovens, e ninguém (salvo raras exceções) me trata por “senhor”. Alguns pensam que, pela idade, eu sou professor, então...

Acredito que a sociedade e a família também me vejam jovem, devido às atividades que tenho e todos veem. Mas, em geral, a sociedade “encosta” o idoso como se fora incapaz, faz com que ele se sinta um estorvo para os jovens, ágeis e rápidos em respostas e atitudes.

### **Objetivo ao participar do concurso**

**Área escolhida:** música vocal

A princípio, entrei no concurso para participar; depois, fui achando que poderia ser bem sucedido... e aconteceu!

### **Expectativa com relação ao concurso**

Minha expectativa era a de que fosse realmente uma coisa séria, bem organizada e confiável. Ao participar da festa, deu para perceber como o assunto é levado a sério pelo Banco e pela equipe responsável.

### **Aprendizado adquirido após o resultado alcançado**

Uma espécie de afirmação para a minha *performance*, a confirmação do tipo de música que eu posso interpretar bem e ser compreendido por quem ouve e também a confirmação da escolha do arranjo, quantidade de instrumentos, sem exageros. (Comentários recebidos do Sr. Sérgio Ischio, presidente do júri da categoria.)

### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

Cabeça vazia é o quintal do demônio. Ocupe-se. Fica velho quem para. Não fique velho. Velho é quem não tem atividades, não se envolve em coisas que podem ser prazerosas, por medo de se comprometer... Programe-se. Descubra algo que dê realmente prazer e emoção a sua vida. E, depois, o importante é disciplina e persistência.

### **2) nome: D**

**Profissão:** aposentado

**Idade:** 60 anos

**Nível de escolaridade:** ensino superior

### **Cursos realizados**

Ciências Sociais e Letras

### **Atividades realizadas atualmente e no passado**

No SESC, orientador social, chefe de setor, assistente de direção, de 1972 a 1986; no Banespa/Santander, assistente de RH, gerente geral de segurança patrimonial, de 1989 a 2006.

### **A que horas acorda e dorme**

Não tenho rotina, nesses aspectos.

### **Acontecimentos mais importantes na sua vida**

O nascimento dos filhos, relacionamentos amorosos, alguns eventos que criei (Bienal do Livro-interior, Feira da Cultura Joseense, Feira de Informação Profissional) e a aposentadoria.

### **Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

O suicídio do meu pai e a esquizofrenia do meu filho. 1) Reconstrução de modo de vida, assunção do papel de “chefe de família” aos 18 anos; 2) Desespero

inicial, procura de todas possíveis informações sobre o transtorno mental, agir com o máximo de racionalidade, esperança em medicamentos mais modernos.

### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

Tudo o que faço está voltado para o prazer de viver. As emoções “positivas” (nascimento de um filho, vencer um jogo, um beijo, um belo orgasmo) fomentam o quesito prazer. As emoções tristes, sofridas, estimulam o repensar, o jeito de caminhar.

### **Projetos que você tem na vida**

Escrever, namorar e, possivelmente, atuar em algum projeto social.

### **Papel do longo no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

Estudei muito pouco a respeito. Posso falar pela minha prática e por alguns que fazem parte de meu relacionamento. Os que conhecem e trabalham sentem, como eu senti antes de me aposentar, preconceito do empregador em função da idade, embora, a meu ver, o acúmulo de conhecimentos que possuem seja uma boa vantagem competitiva. No campo da saúde, procuramos, cada vez mais, acompanhar os preceitos de uma vida saudável, reprogramando a alimentação e exercitando o físico com caminhadas, natação, ciclismo, musculação e sexo.

Debatemos política e, em alguns casos, atuamos politicamente em sindicatos, na comunidade e no ambiente de trabalho.

Alguns têm relacionamento amoroso estável e outros namoram em busca de algo definitivo. Todos partilham do sonho de viver numa sociedade mais justa e solidária. Todos procuram exercitar sua mente e realizar obras criativas.

### **Objetivo ao participar do Concurso**

**Área escolhida:** literatura

### **Expectativa com relação ao Concurso**

Pouca.

### **Aprendizado adquirido após o resultado alcançado**

Foi um estímulo muito grande no sentido de continuar a escrever ficção. Pelo número de obras concorrentes e o gabarito dos jurados, acredito que tenho boas qualidades literárias e que possa aprimorá-las escrevendo muito.

### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

Viva e deixe viver.

### **3) nome: W**

**Profissão:** costureira

**Idade:** 73 anos

**Nível de escolaridade:** ensino fundamental

**Cursos realizados:** [não há]

### **Atividades realizadas atualmente e no passado**

Sempre fui costureira, e sou até hoje.

### **A que horas acorda e dorme**

Quando tenho costura, acordo às 7h; em caso contrário, me levanto às 9h. Costumo me deitar por volta das 23h.

### **Acontecimentos mais importantes na sua vida**

O nascimento da minha filha e da minha neta, minha conversão a Deus e o prêmio que ganhei no Banco Real; foi um sonho inesquecível.

### **Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

Se eu fosse enumerar, poderia escrever um livro, mas só vou falar algumas coisas consequentes da minha separação conjugal: fiquei com uma filha de 10 anos para criar, chegamos a dormir na rua, e em duas mesas juntas num bar, após o fechamento das portas. Minha mãe me virou as costas e não aceitou nem a mim e nem à minha filha em sua casa; meu pai me levava comida

escondido, pois tirava de sua geladeira. Fiz nove mudanças num período de dois anos, pois, quando não podia mais pagar aluguel, saía. Morei encostada, em casa de amigas e em salão de cabelereira. Enfrentei tudo isso trabalhando, dia após dia, de cabeça erguida, até chegar onde estou hoje, ou seja, continuo trabalhando e cuidando da minha mãe, que tem 98 anos de idade.

### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

As emoções que eu tive na vida não vale a pena comentar. Meu prazer foi ter uma profissão, que, apesar de simples, me sustentou por toda a vida, e ter cursado o ensino fundamental aos 67 anos de idade, quando descobri o dom de escrever.

### **Projetos que você tem na vida**

Adoro viajar, e meu sonho sempre foi e sempre será esse. Farei neste final de ano um pequeno cruzeiro e vou poder matar a vontade de viajar num navio.

### **Papel do longo no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

A partir do Estatuto do Idoso, temos sido mais respeitados e valorizados, mas ainda está longe de termos um país de idosos felizes totalmente. Normalmente, a família vê o idoso atrapalhando. Eu acho que temos um problema cultural que será difícil revertermos.

### **Objetivo ao participar do Concurso**

**Áreas escolhidas:** música vocal e contador de histórias

O prazer de participar foi grande, mesmo que eu não tivesse ganhado. O objetivo é sempre participar; se houver a vitória, será muito melhor. Escolhi, em 2008, as categorias Contador de histórias e Música vocal, e fui premiada como contadora de histórias.

### **Expectativa com relação ao Concurso**

Fiquei surpresa quando me ligaram para dar a notícia. Fiquei muito emocionada e chorei, literalmente, durante dois meses, sem acreditar no que

estava acontecendo. Pude realizar um grande sonho que era o de viajar de avião.

#### **Aprendizado adquirido após o resultado alcançado**

Apreendi que ninguém deve desistir dos seus sonhos, nunca, e por isso continuo participando.

#### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

Ensinar as pessoas a tirarem de dentro de si tudo o que elas têm de bom e que está guardado, e muitas vezes elas nem sabem, pois tem muita gente fazendo coisas ruins neste mundo – então, vamos fazer coisas boas, úteis e saudáveis. Não podemos mudar o mundo, mas, se colaborarmos para a mudança de uma pessoa, já estaremos fazendo a diferença.

#### **4) nome: M**

**Profissão:** representante comercial

**Idade:** 68 anos

**Nível de escolaridade:** ensino superior

#### **Cursos realizados**

Administração de Empresas, cursos intensivos de vendas, marketing, curso técnico em mecânica e eletricidade, marketing pessoal

#### **Atividades realizadas atualmente e no passado**

No passado, trabalhei no Estadão, na área de manutenção técnica (elétrica), e em programas de calouros como o do Silvio Santos, do Pagano Sobrinho etc. Particpei, como cantor, dos programas Show do Meio-dia e Tele-Baile, ambos na extinta TV Excelsior, no canal 9. Desde 1964, atuo na área comercial, como vendedor, gerente vendas e gerente comercial, sempre que possível aceitando convites para cantar, compor, gravar. Atualmente, canto (louvo) numa igreja

evangélica, aposentado, e trabalhando no seguimento de cosméticos, como representante comercial.

### **A que horas acorda e dorme**

Às 6 horas e entre as 11h e a meia-noite e meia.

### **Acontecimentos mais importantes na sua vida**

São tantos, mas cito meus filhos, meus seis netos, enfim, a família, que nos dá força, ânimo, criatividade para sempre fazermos acontecer coisas importantes.

### **Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

Na área profissional, fatores incontrolláveis, políticos que nos levaram a terríveis dificuldades financeiras. Enfrentei não desistindo, recomeçando do zero, com muito trabalho. Perdas de pessoas queridas, parentes, amigos. Não consigo entender direito como consegui superar essas perdas, a não ser pela ação dessa pessoa que atua em nossas vidas – Deus. Entendo que só Ele pode fazer o que considero um milagre.

### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

Bom e importante.

### **Projetos que você tem na vida**

Cursos de violão e informática, gravar um CD etc.

### **Papel do longo no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

O longo, no Brasil, é uma realidade, temos que aproveitar os talentos. Ele é um ser humano com mais experiência. No meu caso, ainda como uma pessoa importante, graças a Deus.

### **Objetivo ao participar do Concurso**

**Área escolhida:** música vocal

Me integrar ao que eu chamo de movimento do Banco Real, interagindo e procurando somar, em virtude da importância do evento, que dá a cada um,

nas cinco categorias, a oportunidade de mostrar o seu talento, muitas vezes latente.

### **Expectativa com relação ao Concurso**

Com certeza de crescimento, pois temos uma infinidade de idosos talentosos.

### **Aprendizado adquirido após o resultado alcançado**

Que devo estar sempre me aperfeiçoando, para poder sempre participar.

### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

Não desista, não pare de sonhar. Os sonhos são bênçãos de Deus e jamais devem morrer.

### **Comentários adicionais**

Foi um prazer inusitado ter participado do concurso. Quero mais uma vez parabenizar seus idealizadores e toda a equipe. Tenho certeza de que esse trabalho de valorização do idoso promovido pelo Banco Real redundará em muitas bênçãos. Deus abençoe a todos.

### **5) nome: G**

**Idade:** 60 anos

**Nível de escolaridade:** licenciatura e graduação em Psicologia

### **Cursos realizados**

Especialização em Psicologia junguiana coligada à abordagem corporal, no Instituto Sedes Sapientiae, com o Dr.Petho Sandor; especialização em dependência química de álcool e drogas, na Escola Paulista de Medicina, com o Dr. Ronaldo Laranjeiras. Experiência profissional: mais de 20 anos na área clínica.

### **A que horas acorda e dorme**

Às 8h30 e à meia-noite

### **Acontecimentos mais importantes na sua vida**

O casamento, o nascimento dos filhos, o curso de Psicologia e encontros com pessoas especiais foram fatos que considero importantes. Além desses momentos, considero a vida um grande acontecimento por si só, talvez o acontecimento mais importante tenha sido ganhar a própria vida.

### **Acontecimentos mais difíceis e com os enfrentou**

Algumas decepções, morte de pessoas queridas foram fatos bem difíceis de lidar. Na verdade, meu trabalho ligado à meditação tornou-se um instrumento de grande suporte. Entendo que é importante acolher o que vier e buscar recursos internos para que possamos atravessar períodos difíceis que fazem parte do viver.

### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

Penso que é no prazer, no riso e nas emoções – estruturas que são repetidas muitas vezes durante o percurso do viver – que temos contato com algo muito nutritivo e que é essencial. Esses momentos sempre se alternam com os mais difíceis, tecendo uma vida coerente com nosso processo de inspiração e expiração. Esse ritmo de respiração, que é vital, é semelhante ao viver, quando você inclui, absorve e elimina o que não precisa.

### **Projetos que você tem na vida**

Quando penso em projetos, eles estão sempre focados em curto prazo. No próximo ano, pretendo continuar meu trabalho na área clínica, tendo sempre como meta a responsabilidade, a verdade, o respeito pelo ser humano. Pretendo ainda dar prosseguimento ao curso de inglês e talvez pensar no corpo, com aulas de Pilates. Incluo também uma viagem ao exterior, em meus próximos projetos.

### **Papel do idoso no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

O que é mesmo idoso? Mesmo tendo alguns direitos, sendo considerada uma pessoa idosa, tem algo que não se encaixa com aquela estrutura do idoso de antigamente. Hoje, o novo idoso está delineando uma nova forma de ser.

Existe uma ruptura com padrões habituais de comportamento e uma mudança em nossa percepção do mundo. Estamos mais ativos, mais bonitos e com a certeza de que ainda podemos contribuir muito para uma sociedade melhor. Há muito a fazer. Sou vista como uma pessoa cheia de vida, de ideias e com possibilidades. Quando me olho, apesar de algumas marcas de uma vida, sinto que ainda existe uma outra, plena, para ser vivida, e quem sabe com mais tranquilidade, sabedoria e podendo saborear de uma forma plena tudo o que ainda me aguarda.

### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

Viver e não ter vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar... de um verdadeiro aprendiz. Eu sei que a vida poderia ser melhor... É bonita, é bonita, é bonita. (Cita Luiz Gonzaga Jr.)

### **Comentários adicionais**

Quando a nova velhice acabar com o preconceito contra os velhos, acredito que testemunharemos um florescimento das qualidades visionárias que a idade pode trazer em sua melhor forma. A visão é o traço oculto que une a juventude e a velhice. Na meia idade, nós comprometemos nossos ideais a fim de conseguir sucesso e segurança: não temos lá muito tempo para a sabedoria. Os jovens ainda são impetuosamente idealistas, mas os velhos podem conferir o equilíbrio a essa característica, ampliando-a com a sabedoria, talvez o maior dom do ciclo da vida humana em seus anos maduros.

**6) nome: ML**

**Profissão:** artista plástica

**Idade:** 69 anos

**Nível de escolaridade:** ensino fundamental

**Cursos realizados**

Inglês e pintura em tela

**Atividades realizadas atualmente e no passado**

Pratiquei natação até 2002 e, atualmente, faço caminhadas.

**A que horas acorda e dorme**

Quanto aos horários, depende do dia, mas tenho necessidade de dormir de 8 a 9 horas.

**Acontecimentos mais importantes na sua vida**

O nascimento dos meus três filhos e de três netos.

**Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

Um problema de relacionamento com meu marido que me custou uma internação de 11 dias e uma grande depressão, hoje superada. Também um problema com meu filho caçula, que me fez a depressão voltar, que hoje está superada.

**Papel do prazer e das emoções na sua vida**

Atualmente, é frequentar aulas de pintura, onde posso relaxar e me relacionar com pessoas diferentes do convívio familiar.

**Projetos que você tem na vida**

Visitar meu filho caçula, que hoje mora e trabalha em Chicago.

**Papel do longo no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

Nosso papel é, como fizeram nossos pais, passar nossa experiência de vida a nossos filhos e, no meu caso, vejo que, apesar da idade, eu nunca sofri qualquer preconceito, ou seja, convivo bem com pessoas da minha idade e também com jovens.

**Objetivo ao participar do Concurso**

**Área escolhida:** pintura

Participar de um concurso tão importante, já que era para idosos e eu poderia divulgar a minha arte em pinturas em tela.

### **Expectativa com relação ao Concurso**

Só o fato de ter participado já foi bom. Ganhar me deixou muito feliz, e senti meu trabalho reconhecido.

### **Aprendizado adquirido após o resultado alcançado**

O Concurso me deixou mais estimulada a pintar, levantando a minha autoestima.

### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

A mensagem é que o amor ao próximo é a base de tudo. Através dos meus quadros, deixo uma mensagem de vida cheia de entusiasmo e dedicação.

### **7) nome: E**

**Profissão:** quando morava na Itália, era dona de casa e se dedicava exclusivamente à família: marido, três filhos e uma cunhada solteira. No Brasil, teve uma loja de roupas e armarinho durante 13 anos e está aposentada. Pratica voluntariado, gosta de visitar idosos e é autora do livro *Flores do meu jardim (Fiori del mio giardino)*, editado pela Legis Summa, em 2008.

**Idade:** 70 anos

**Nível de escolaridade:** Na Itália, completou o ensino médio e, depois, trabalhou numa indústria têxtil e fez curso técnico noturno de química industrial.

### **Cursos realizados**

Atualmente, várias oficinas de letras oferecidas pelo SESC, pela UEI e pela Casa do Poeta de Ribeirão Preto.

### **A que horas acorda e dorme**

Gosto de me levantar cedo, entre 5h30 e 6h30 da manhã, e, quando posso, me deito cedo também, às 22h00 ou às 23h00.

### **Acontecimentos mais importantes na sua vida**

A mudança da Itália para o Brasil, o divórcio e, por fim, acho que foi uma cirurgia craniana delicada (neurinoma acústico), que ocasionou uma mudança de vida social para um retiro forçado, mas me beneficiou pelo lado espiritual e recebi forças para um novo recomeço.

### **Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

Quando todos os filhos se casaram – enfrentei tudo com muita coragem. Depois da cirurgia: tomei florais, fiz fisioterapia e ginástica para recuperar o equilíbrio, e sobretudo Tai-chi, para o equilíbrio físico-mental. Também li muito e participei da escola aberta da terceira idade Sesc de Ribeirão Preto, que foi fundamental para a minha recuperação.

### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

Eu vivi muitas emoções; elas temperaram minha vida, fizeram-na mais rica, fossem as emoções negativas ou positivas. A emoção mais forte deste ano foi o lançamento do meu livro. Eu não acreditava ter tantos amigos – foi realmente emocionante. A felicidade dos meus filhos, vendo a mãe protagonista de um evento importante... O que mais me dá prazer é a convivência com amigos, passear, dançar, fazer exercícios físicos e hidroginástica. Acho muito importantes, de vez em quando, as reuniões familiares com meus filhos e netas – são encontros gratificantes.

### **Projetos que você tem na vida**

Queria ainda viajar, seja pelo exterior ou pelo Brasil, porque ainda não conheço muitos de seus lugares lindos.

### **Papel do idoso no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

Acho muito importante, pena que em diferentes circunstâncias não é muito considerado e valorizado, como deveria ser. Acho que depende do contexto social, de onde ele se encontra. Mas ainda precisa valorizar mais o idoso, pois, tendo saúde, ele é muito importante na sociedade. Muitos idosos ainda estão na ativa, seja na família ou na sociedade.

### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

O otimismo é fundamental, como o bom humor, a serenidade, a paz de espírito. Ter sempre sonhos e metas a serem cumpridas e atividades respeitando seus próprios limites. Uma nota importante é viver cada momento que a vida oferece com gratidão a Deus e partilhar sempre a sabedoria com o próximo. Devemos ser generosos e, sobretudo, saber perdoar.

### **Comentários adicionais**

Sinto-me feliz em poder colaborar com esta entrevista e desejo boa sorte.

### **8) nome: N**

#### **A que horas acorda e dorme**

Acordo às 7h30 e durmo por volta das 22h. Por sinal, durmo muito bem, pois trabalho muito.

#### **Acontecimentos mais importantes na sua vida**

Um dos acontecimentos mais importantes da minha vida foi criar o Salão do Encontro e poder proporcionar alegria a muita gente. Alegria não só no trabalho, mas em oferecer bem-estar constante a 1.153 pessoas, entre crianças, jovens, adultos e portadores de necessidades especiais. Fazê-los felizes – essa é minha meta.

#### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

Tinha maior alegria é ver que, por meio da oportunidade que o Salão oferece às pessoas que aqui expõem seu potencial, elas crescem e se redescobrem.

#### **Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

Os problemas ele sempre existem, as dificuldades sempre aparecem, e o segredo é não parar diante deles, e sim solucioná-los.

**Papel do longo vivo no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

Eu tenho 84 anos muito bem vividos, pois fiz da minha vida o que eu quis: doar. Quanto aos idosos que estão conosco, eles se sentem muito importantes, pois estão integrados de tal forma que se igualam aos mais jovens, que produzem com criatividade.

**Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

A mensagem que eu deixo é que toda pessoa deve *doar* todo o seu potencial, gozar dessa doação e fazer cada um que está à sua volta muito mais *feliz*.

**9) nome: F**

**Profissão:** professor da USP de Bauru, professor da Universidade Federal de Campo Grande (MT), gerente de RH da Cesp e, há 22 anos, consultor em RH

**nível de escolaridade:** ensino superior

**Cursos realizados**

Psicologia e licenciatura em Educação Física

**A que horas acorda e dorme**

Acordo às 6h e durmo às 23h.

**Acontecimentos mais importantes na sua vida**

Os acontecimentos foram muitos, teria que escrever um livro para enumerá-los, mas considero o mais importante ter pedido demissão de empregos que muitos cobiçam, para ir buscar meus sonhos.

**Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou**

Difícil foi provar que eu não estava louco, que tinha a certeza de que só valeria a pena se pudesse explorar meu potencial, viver intensamente a aventura da

minha existência. Não ter medo do amanhã, não optar pela zona de conforto, a mesmice, o comodismo.

### **Papel do prazer e das emoções na sua vida**

Sou um hedonista: não aceito a vida sem prazer, sem alegria. Tenho uma alma transgressora: seja no amor ou no trabalho, me recuso a fazer algo por obrigação. Faço porque amo, faço porque me desafia, faço porque me transforma, aprendo, melhora. O sofrimento faz parte, vem no pacote, mas não sou caminhão de lixo. Reciclo, transformo e me divirto.

### **Projetos que você tem na vida**

Ir a um lugar onde ninguém me conheça, onde eu não tenha referência ou identidade. Sozinho, sem dinheiro, viver cada dia como ele vier, totalmente descompromissado, totalmente indisciplinado, totalmente livre.

### **Papel do idoso no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família**

Papel do Idoso? Ser idoso sem botox, sem viagra, sem plástica, cabelos pintados. Na sociedade, é visto como aquele que dá lucro às farmácias, enche as filas dos bancos, dá emprego a programas para a terceira idade, onde é tratado como se tivesse dois neurônios, embora alguns deem motivos para tanto. Também para frequentar cursos que não levam a lugar algum, mas fazem com que alguns se sintam pessoas melhores, por fazerem esse serviço, num ranço judaico-cristão. Se a família e as relações forem verdadeiras e o afeto, genuíno, é divertido. Porém todo idoso deveria ter um prazo de validade. No mais, idosos do meu Brasil, tirem a bunda da cadeira e vão à luta. Façam tudo aquilo que vocês quiserem – vocês têm direito adquirido. Existem dois momentos na vida em que podemos ser totalmente livres e não temos nada a perder: quando somos crianças e quando somos velhos. Podemos ser ridículos, inconvenientes, inconsequentes e livres. Soltem as amarras, as crenças, as esperanças – *be free*.

### **Objetivo ao participar do Concurso**

**Área escolhida:** poesia

Não tinha objetivo nenhum, apenas curiosidade de saber se o que escrevo serviria para alguma coisa. Vi o cartaz no Banco, fui em casa e pensei “vou enviar algo bem grotesco”.

### **Expectativa com relação ao Concurso**

Nenhuma expectativa. Fiquei surpreso quando a moça do Banco ligou dizendo que eu tinha ganho. No começo, duvidei. Achei que era trote ou gozação de algum amigo.

### **Aprendizado adquirido após o resultado alcançado**

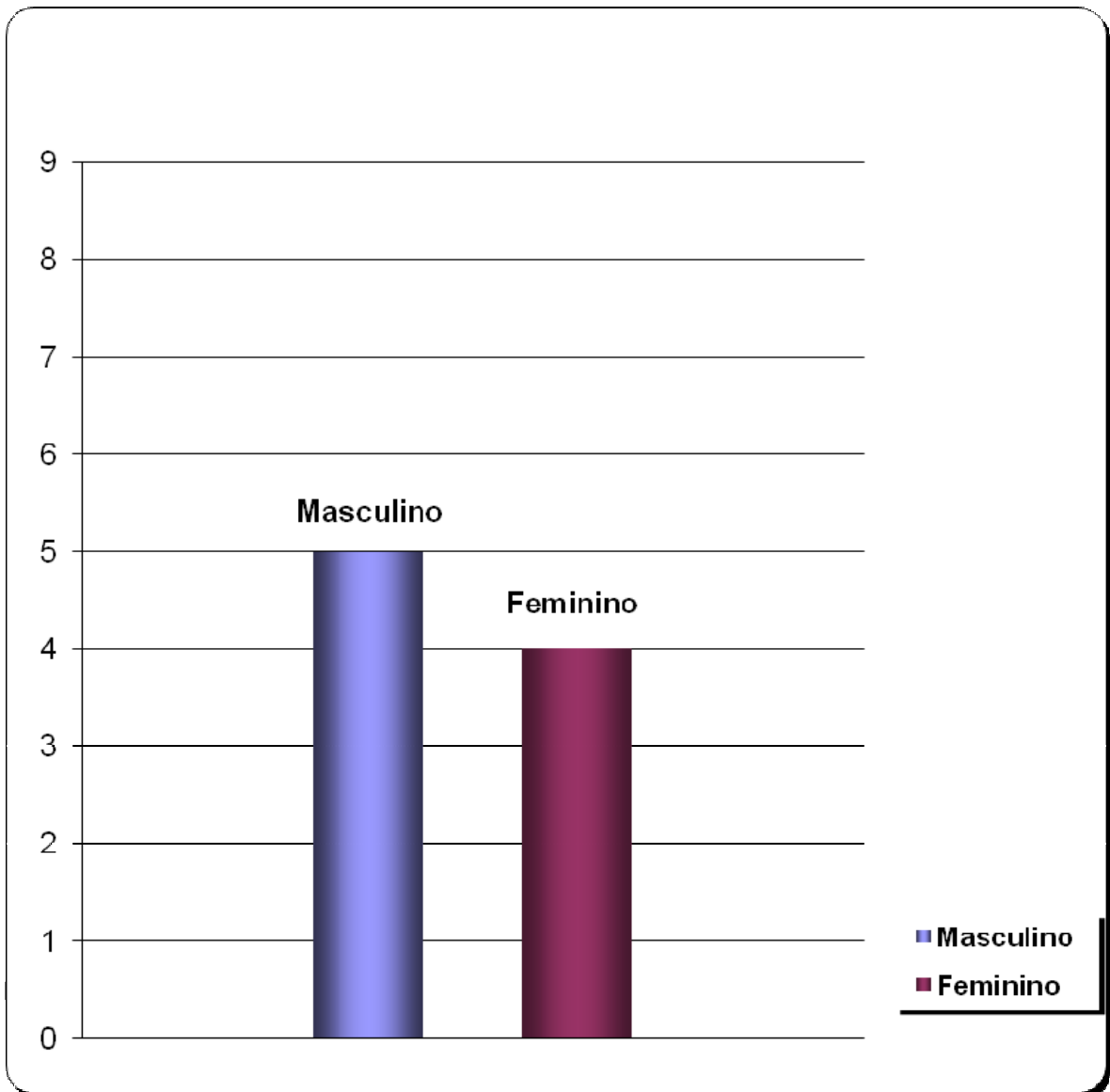
Aprendizado? Doidos, varridos nós não estamos sozinhos.

### **Mensagem que você gostaria de deixar na vida**

O tempo não para no porto, não apita na curva, não espera ninguém. A gente ficou com as mãos cheias de coisas que não valem mais, e o tempo depressa passou. [Cita Fátima Guedes.] Boa viagem, companheiros.

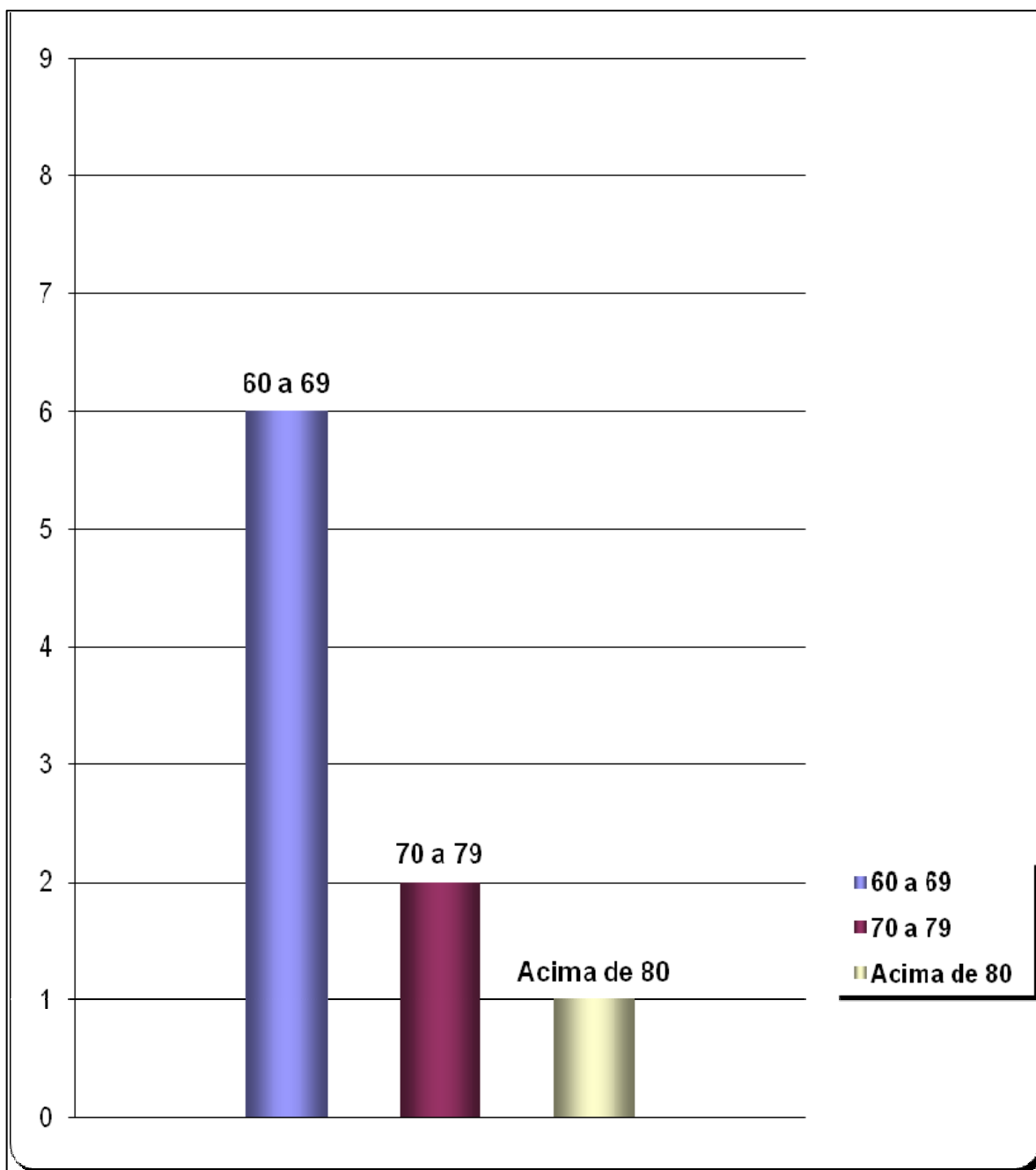
### 4.3. Análise dos gráficos

Gráfico 7 – Sexo



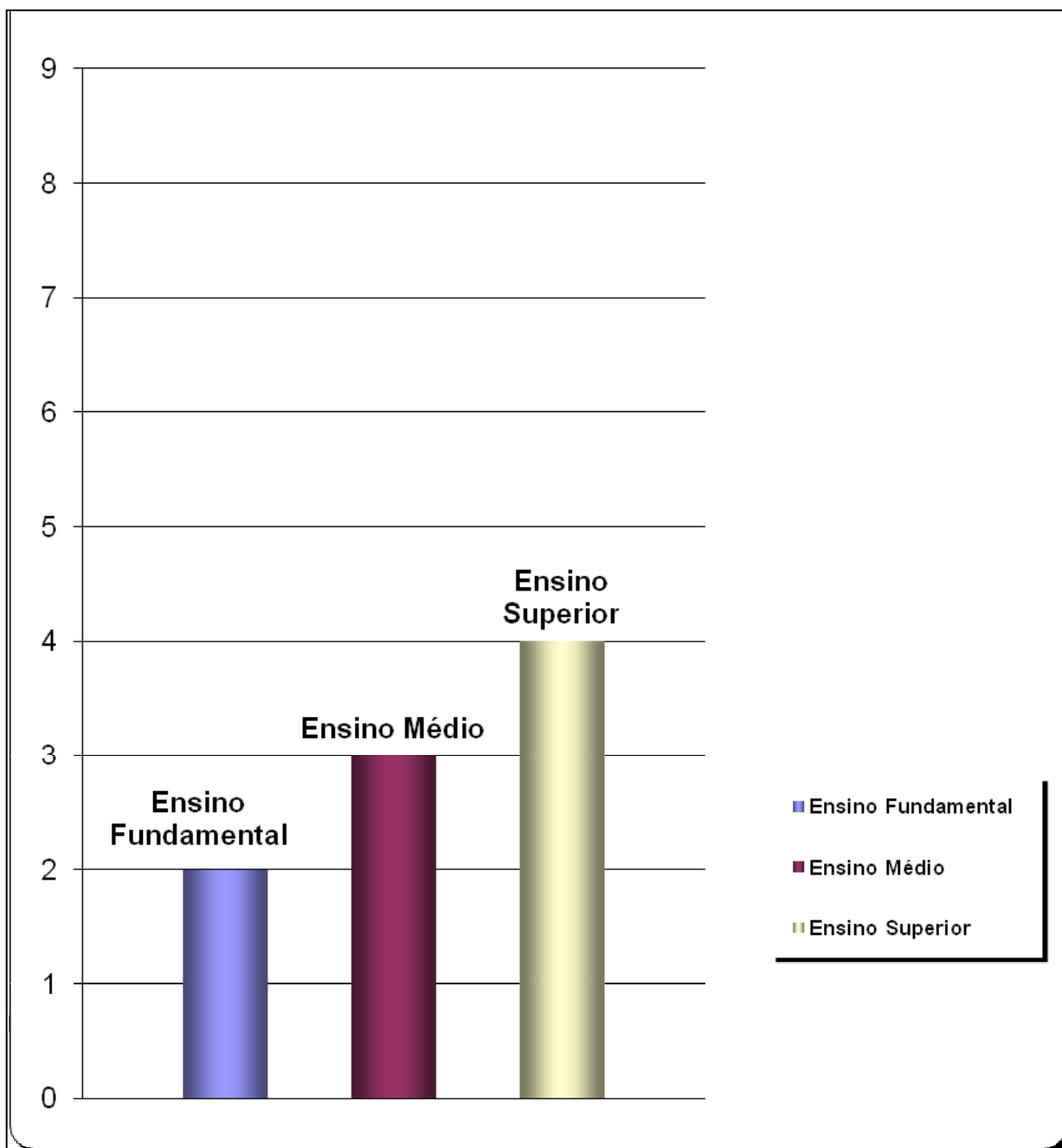
Em relação ao sexo dos participantes, dentre as nove pessoas entrevistadas nesta pesquisa, cinco são do sexo masculino e quatro, do sexo feminino.

Gráfico 8 – Faixa etária



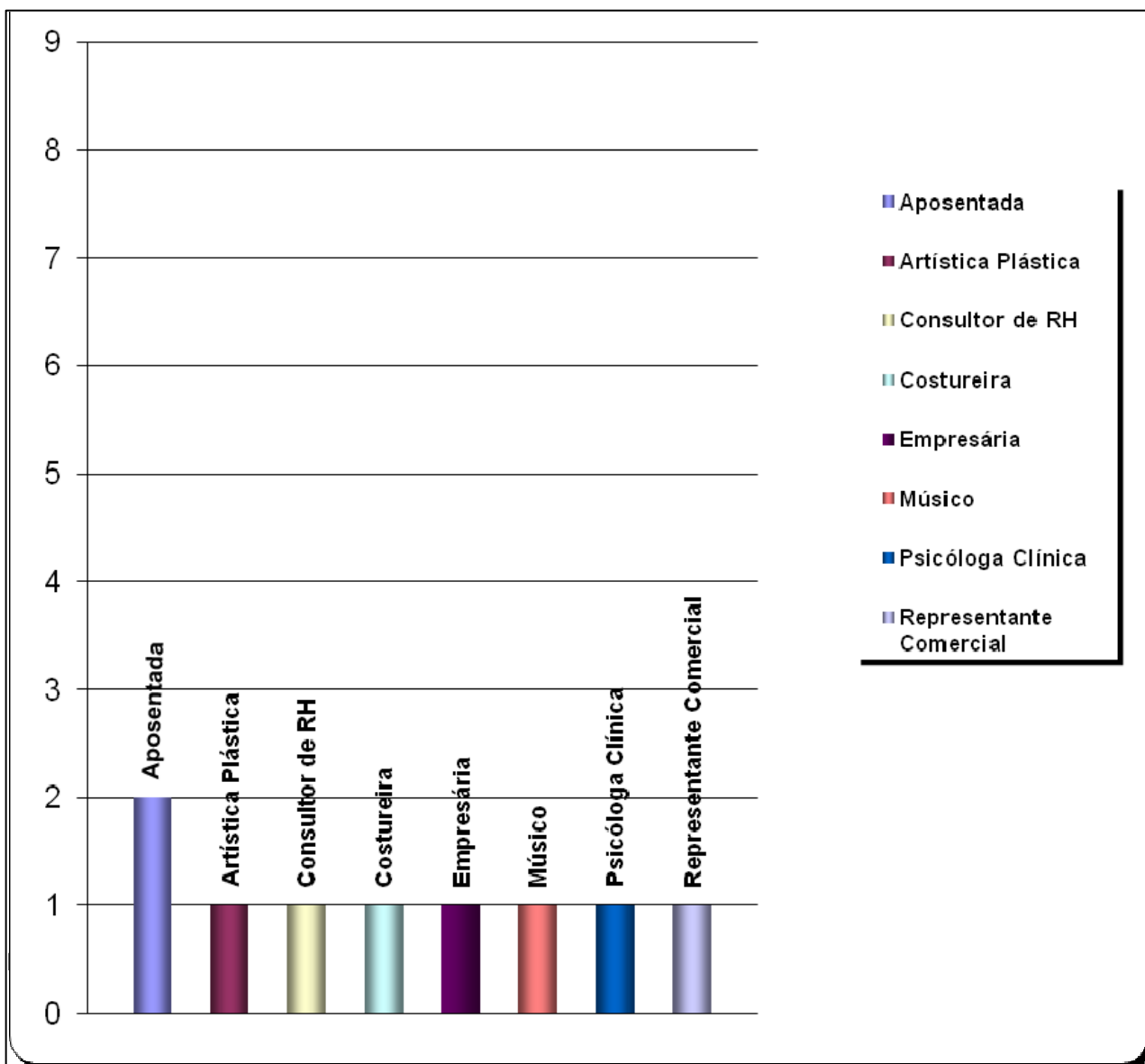
Com relação à faixa etária, dos nove participantes, seis têm idade entre 60 e 69 anos; dois têm entre 70 e 79 anos e um tem mais de 80 anos.

Gráfico 9 – Escolaridade



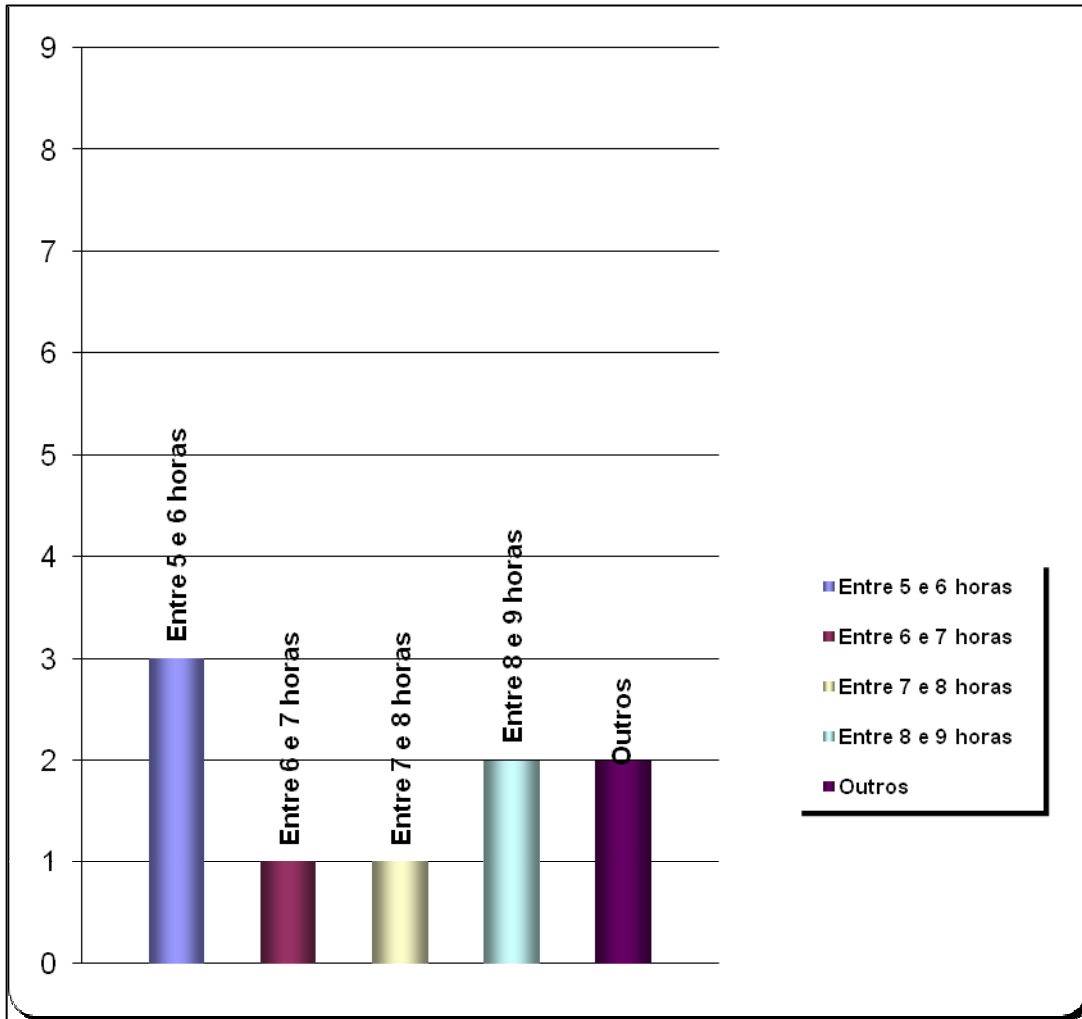
Com relação à escolaridade, dois participantes concluíram até o ensino fundamental, três concluíram o ensino médio e quatro, o ensino superior.

Gráfico 10 – Profissão



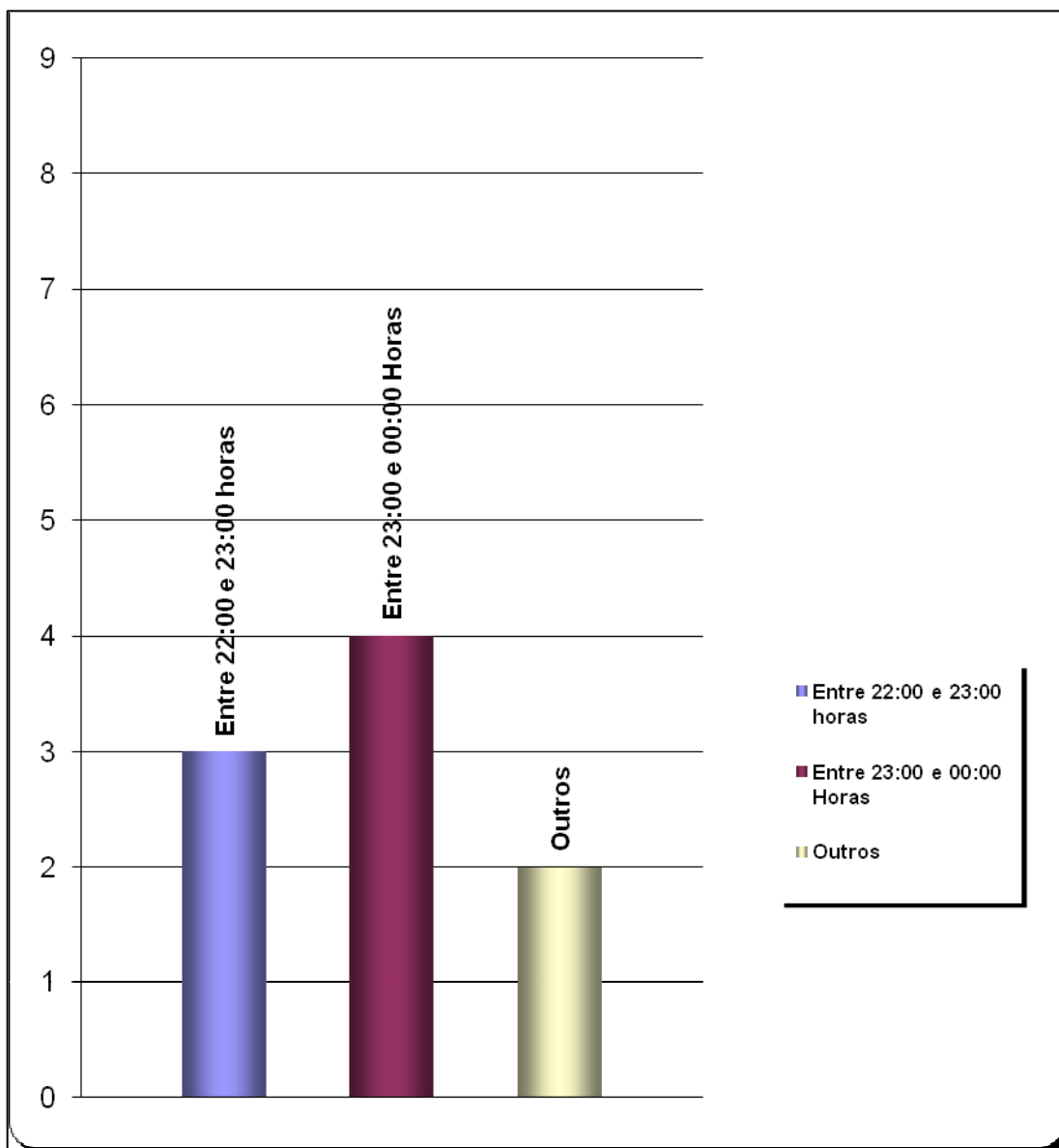
No tocante à profissão, dois dos participantes são aposentados, e os demais são artista plástica, consultor de RH, costureira, empresária, músico, psicóloga clínica e representante Comercial, com um representante de cada uma dessas profissões.

Gráfico 11 – A que horas os participantes acordam



Com relação ao horário em que os sujeitos acordam diariamente, há três participantes que o fazem entre as 5h e as 6h, um entre as 6h e as 7h, um entre as 7h e as 8h, dois entre as 8h e as 9h e dois em outros horários.

Gráfico 12 – A que horas os participantes se deitam



Com relação ao horário em que se deitam diariamente, há três participantes que o fazem entre as 22h e as 23h, quatro entre as 23h e a meia-noite e dois em outros horários.

#### **4.4. O fazer artístico como fortalecimento do papel social do longo**

O ser humano que não conhece a arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (MAE, 1996, p. 21).

Para a discussão desenvolvida neste tópico, tomaremos como base as respostas dos participantes às questões aplicadas num segundo momento da pesquisa, resultado de nossa própria necessidade de entender mais precisamente a efetiva relação entre os longevos entrevistado e a arte.

##### **4.4.1. Roteiro de entrevista B (Apêndice B)**

Em função dessa necessidade, formulamos cinco perguntas complementares, que nos permitissem avaliar com maior grau de profundidade a questão central que é objeto desta pesquisa.

Nenhum julgamento é tão implacável quanto os que fazemos de nós mesmos. Somos reféns de tantas regras interiorizadas, que muitas vezes não nos permitimos ser autênticos. Nossas reações aos acontecimentos, mesmo os mais ordinários e cotidianos, são determinadas pelo que o outro pensa de nós.

A autoestima tem dois componentes: O sentimento de competência pessoal e o sentimento de valor pessoal. Em outras palavras, a autoestima é a soma de autoconfiança com o autorrespeito. Ela reflete o julgamento implícito da nossa capacidade de lidar com os desafios da vida e do direito de ser feliz (BRANDEN, 1997, p. 43).

Podemos pensar a autoestima como o apreço que temos por nossa própria existência, por nossa própria história.

Os sujeitos desta pesquisa são pessoas excepcionalmente amantes de si mesmas. Em suas obras, percebemos a riqueza de seus pensamentos, a

responsabilidade de suas atitudes, o desejo de serem cidadãos de um mundo em transformação, em que, aparentemente, o tecnológico está acima de qualquer valor. O que seu depoimento nos trazem é o resgate de valores e capacidade de enfrentar qualquer dificuldade. Em suas produções, expressam a busca da felicidade e de relações saudáveis. Trazem a alegria de simplesmente ser, despertar e sonhar. O processo de criação é interno, e se manifesta de dentro para fora. E, suas entrevistas, esses sujeitos mostraram a força da transformação e da aceitação.

Quanto maior a autoestima, mais bem equipados estaremos para lidar com as dificuldades da vida: quanto mais flexíveis formos, mais resistiremos à pressão de sucumbir ao desespero e a derrota (BRANDEN, 1997, p. 11).

No *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (2008, p. 165), define-se Arte como a “atividade humana que tem por objetivo a criação de belas obras”.

O contato com as produções artísticas dos sujeitos participantes e suas respostas à primeira parte do questionário, com os relatos de vida, inspirou a qualificação de cada entrevistado que respondeu à segunda parte por um atributo que o caracterizasse. É por esse atributo que se designarão daqui por diante esses sujeitos.

#### **4.4.1.1. Determinação: o poeta**

##### **O que a arte representa na sua vida**

A arte dá sentido à minha vida, constrói dramas e poemas, faz do insípido viver um teatro de absurdos.

##### **Fale sobre sua arte**

Minha arte é ter um olhar *gauche* e um andar chapliniano para a vida, sentir uma solidão borgeana. Não é um desejo ou uma missão, mas um ópio. É onde me permito ser Deus.

### **Que contribuições a arte trouxe para seu desenvolvimento pessoal**

Ensinou-me a andar, a comer de garfo e faca, a beijar, a mentir, a inventar ilusões, a embarcar em sonhos que não se realizam, a dizer “sim” quando quero dizer “não”, a ter meus lençóis manchados no amanhecer.

### **Como se sente no momento em que entra em contato com a arte**

Andando num balão, correndo sobre brasas, saltando de asa-delta, descendo num rappel até meu abismo interior.

### **Qual o retorno dessa arte com relação a seus amigos e família**

A arte me deu filhos independentes, mulheres que me abandonaram, amigos que nunca visito e muito amor de todos eles. A arte nos faz sentir e constrói, a partir daí, um outro mundo, fecundo em ambiguidades. Idosos trazem na arte sua essência, seus sentimentos e seus sonhos.

Determinação reflete em suas respostas não apenas habilidades e competências, mas uma nova atitude frente à vida, uma nova forma de ser. A criatividade leva a uma nova percepção e a um olhar mais crítico do mundo.

Instigante, Determinação traz o diálogo interno de sua vida com a realidade às vezes cruel de seu viver. Ao pintar a vida com guache, ele estabelece a possibilidade de trazer para ela nuances às vezes mais fortes, às vezes mais tênues, cores se misturando e criando um novo tom, para ajudar a aceitar as novas configurações que assume a própria vida. O andar cadenciado de Chaplin traz a ideia da inocência e, ao mesmo tempo, de uma percepção atenta e sensível de tudo o que o cerca.

Lendo o poema abaixo, Determinação aponta sua força maior, que lhe permite mergulhar em suas questões mais profundas, tendo na arte da escrita seu instrumento maior de comunicação e reflexão. Não teme a dor nem o medo. Acima de tudo, “serei meu próprio amante e meu conselheiro”.

#### **Entrega**

Nunca mais comerei  
Ninhos de passarinhos

*au déjeuner.*

Nunca mais cortarei os pulsos

E doarei meu sangue aos hospitais.

Nunca mais subirei escadarias

de joelhos, em promessas vãs.

Não me deixarei pertencer.

Terei comigo meu orgasmo solitário.

Não me cobrirei com meu cobertor de acrílico.

Aquecer-me-ei com meu coração de lã.

Serei amante de meu corpo.

Nada cobrarei de mim.

Satisfarei meus desejos, objetos de mim mesmo.

Serei meu próprio amante, meu conselheiro.

Trair-me-ei quantas vezes eu quiser.

Serei falso e mentiroso comigo.

Ficarei de mal e farei as pazes.

Serei meu amigo, confidente, safado.

Depois deito, penetro-me fundo, digo que me amo e esqueço de tudo (Determinação, texto cedido pelo autor).

#### **4.4.1.2. Sensibilidade: a artista plástica**

##### **O que a arte representa na sua vida**

A arte representa muita alegria por poder passar meus sentimentos para uma tela.

##### **Fale sobre sua arte**

Fosto de pintar [tela] e me envolvo tanto, que não sinto o tempo passar; esqueço-me dos problemas e relaxo na pintura.

##### **Que contribuições a arte trouxe para seu desenvolvimento pessoal**

As contribuições que a arte me trouxe foram tantas, que hoje me considero uma pessoa feliz por ter, por meio dela, saído de uma forte depressão.

### **Como se sente no momento em que entra em contato com a arte**

Quando entro em contato com a arte, é como se alimentasse minha alma.

### **Qual o retorno dessa arte com relação a seus amigos e família**

O retorno são os elogios dos amigos, dos familiares, culminando com o grandioso prêmio do Concurso. Na ocasião, competi com mais de dez mil quadros, e fui uma das vencedoras. Essa premiação me trouxe alegria e incentivo, com a consagração do meu trabalho em nível nacional.

Sensibilidade ilustra sua expressão com a pintura do quadro a seguir, intitulado *O armazém*:

O armazém (2009)



fonte: Sensibilidade (cópia cedida pela autora)

Composto com grande riqueza de detalhes, esse quadro traz a lembrança de uma época vivida pela autora. Os objetos estão dispostos com tal organização, que o observador chega a sentir-se parte desse todo,

participante dessa história. A artista revela nessa obra um olhar carregado de símbolos que traduzem uma intenção: o resgate de uma história. O armazém tinha um papel importante na vida das famílias. Clientes e proprietários estabeleciam relações de confiança e amizade. O próprio termo “armazém” remete simbolicamente ao ato significado de doar, de oferecer alguma coisa, de compartilhar algo com alguém.

É pelo olhar que o sujeito se ergue como realizador de sua própria história e como construtor de um novo mundo (OLIVEIRA, p. 217).

Sensibilidade trabalha com o resgate de uma memória, modulado de emoções. Como diz Izquierdo (1999), a memória estabelece nossa individualidade e nossa identidade. Através de sua pintura, Sensibilidade traz à tona sua memória individual e a memória coletiva. É o passado ressignificando o presente. É a memória traçando projetos para o futuro. É a história vista de dentro.

Além desses sentimentos, Sensibilidade traz outro dado importante, que é o reconhecimento da família. É através de sua obra que sua voz se faz ouvir.

#### **4.4.1.3. Perseverança: a escritora**

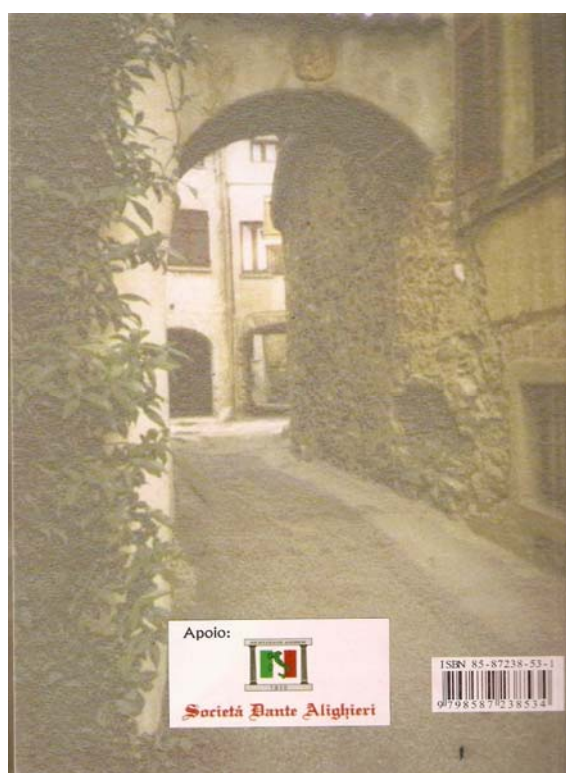
##### **O que a arte representa na sua vida**

A arte em minha vida tem um significado muito grande, pois, diante de uma obra de arte, meu espírito se eleva. Tento penetrar na fantasia de seu criador e me identificar, seja num quadro, numa escultura ou um romance. Melhor ainda, para mim, se for poesia filosófica. Faço minhas as palavras de Picasso: “A arte lava a alma da poeira do cotidiano.”

##### **Fale sobre sua arte**

Falar sobre minha arte não é fácil, pois ainda não sei bem se posso me considerar como fazendo parte da categoria “artista da palavra”. Eu escrevo pelo puro prazer de escrever. Desde criança, gosto de literatura – sempre me

saí bem nas redações. Meus estudos não foram até o nível universitário, pois minha família não tinha condições, mas sempre gostei de ler. O desafio foi aprender o português, pois vim da Itália há 31 anos, com quase 40. Aposentada e com filhos todos casados, procurei me encaixar no ambiente literário, e isso veio com naturalidade, frequentando as oficinas literárias do SESC, da Casa do Poeta, da Casa da Cultura, as oficinas Candido Portinari, a UEI e a UBT e obtendo bons resultados, pois algumas obras foram publicadas em antologias em São Paulo, em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e aqui onde eu moro, na cidade de Ribeirão Preto. No ano passado, publiquei meu primeiro livro bilíngue, uma produção independente com o título *Flores do meu jardim*/*Fiori del mio giardino*, com finalidade solidária. Muitas poesias e crônicas dessa obra foram inspiradas na natureza, pois na capa do livro há um bellissimo jardim que me recorda minha infância e, na contracapa, a paisagem do lugar onde meu pai nasceu.



### **Que contribuições a arte trouxe para seu desenvolvimento pessoal**

Foram muitas: conhecimento, curiosidade, garra para conseguir e sobretudo muita satisfação ao sentir como as pessoas sobem admirar tudo isso em minha pessoa.

### **Como se sente no momento em que entra em contato com a arte**

Quando entro em contato com minha vontade de escrever, esqueço tudo e me entrego totalmente à minha fantasia e aos meus sentimentos e me deleito com isso até atingir um bom resultado. Não vejo as horas passarem. É simplesmente maravilhoso sentir essa necessidade de escrever e também conseguir me expressar do modo correto. Gosto de escrever, sejam crônicas, sejam poesias.

### **Qual o retorno dessa arte com relação a seus amigos e família**

O retorno foi satisfatório. Como disse antes, a família – meus filhos – ficaram orgulhosos por ter uma mãe, digamos, escritora. Agora, sou chamada para participar de saraus e participo mais ativamente do ambiente literário de minha cidade. Também participo em antologias e concursos literários, e sinto-me muito honrada e valorizada com isso.

Perseverante traduz seu desejo de compartilhar suas ideias. Uma interação entre escritor e leitor vai nos revelar, descobrir e desvendar seus pensamentos. Uma ação intensa que exprime e reconhece uma força.

Depois de passar pela cirurgia craniana, Perseverante mostra sua vontade de continuar produzindo, não se deixando abater pela gravidade de sua internação. Sua escrita retrata a força e o desejo de se eternizar. Se, para se realizar na vida, é preciso – dentre outras coisas – escrever um livro, Perseverança assim o fez. E, não bastasse tê-lo escrito em português, ainda o traduziu para o italiano, ampliando o alcance de suas ideias.

Vejamos um exemplo de sua escrita, nas duas línguas: um texto publicado pela Editora Casa do Novo Autor, da cidade de São Paulo, em 2002.

Foi escolhido pela Antologia Literária Escrevendo Mulheres. A autora se declara “muito orgulhosa por ter homenageado minha querida mãe, assinando meu trabalho com o nome com o qual ela costumava me chamar: ‘Lisute’”.

### **A história de minha mãe**

Quando passo pelo corredor, você está ali me sorrindo, tenho certeza de que está fazendo o mesmo lá no céu, onde se encontra agora. Por um instante paro, quero retribuir a sua saudação, também com o mesmo sorriso. Os seus cabelos brancos curtinhos, encaracolados, os olhos verdes. Que ficaram pequenos, mas com aquele brilho especial que tudo diz. O rosto com as marcas do tempo, mas com aquela pele invejável de tão lisa, rosada e macia, até os lábios parecem pintados, para quem não sabe que você nunca usou batom.

Este é seu retrato no meio de um buquê de rosas brancas, lembrança da festa do seu aniversário de noventa anos.

Assim, na minha memória, as lembranças passam como um belo filme colorido.

É belo e gratificante ter esta oportunidade de falar de você, mãe querida, me permita de contar um pouco de sua história. Mulher forte, até no gênio, com voz firme e sotaque alemão, com a letra “r” bem puxada, de estrangeira, mulher linda, de postura elegante. Qualquer roupa, podia ser simples, caía bem em você. Até na idade avançada, você caminhava com uma bengalinha, para fazer charme, mais do que para se segurar.

Mulher admirada pelas belas virtudes, querida, amiga, prestativa e solícita, caridosa e atenciosa com todos e sempre alegre. Amava a justiça e não hesitava um segundo para chamar atenção quando algo estava errado. Muitas vezes, julgamos essa sua atitude intransigente, mas com bondade infinita, humilde, sabia pedir desculpas frente a qualquer desentendimento. Para todos que tiveram a sorte de cruzar o seu caminho, você deixou o exemplo de uma generosidade sem limites, às vezes exagerada, mas tinha um grande coração.

Educada desde os três anos em um colégio Franciscano na Alemanha, você trazia as marcas que duraram dezoito longos anos, longe do carinho dos pais que visitavam você de vez em quando. Aprendeu assim todas as artes, das mais humildes aos mais finos bordados, não tinha trabalho que você não soubesse fazer, além de ter uma caligrafia impecável, dominava um alemão perfeito. Enfrentava qualquer desafio com a maior facilidade e coragem inigualável.

Na época da II Guerra Mundial, foi a prova maior, com três filhos pequenos; o pai ganhava pouco, dividindo o trabalho na fábrica de tecidos e de jardineiro, onde eram caseiros. Sem medir sacrifícios, você ajudava, além de cuidar da casa e da horta, trabalhando como doméstica. Nunca faltou comida na mesa: era

simples e gostosa, com tempero de amor de mãe, podia ser polenta ou batatas ou macarrão preparado com suas mãos laboriosas.

A casa era pequena, longe do povoado, com caminho de terra batida. O inverno era duro, na época da neve, o fogão era a lenha, a cozinha era quente, e o quarto ficava gelado. Tudo no devido lugar, sempre em ordem e limpo; a minha infância foi feliz, correndo naquele grande jardim, que na primavera era uma festa de flores, e no verão tinha frutas doces: cerejas, morangos e framboesas para comer no pé.

Você, mãe, me educou cedo para o trabalho doméstico, me dava pequenas tarefas, colocava um banquinho para que eu alcançasse a pia para lavar a louça e para passar miudezas. Adorava ajudá-la assim, me elogiava, me fazia sentir importante, dizendo:

– Nunca diga “não sei fazer”. Tente até conseguir. Ninguém nasce professor.

Mãe querida, quantos ditados fazem parte da minha vida, dos seus ensinamentos carinhosos e severos. O *hobby* da costura, dos consertos, do desmanchar e fazer de novo com a maior facilidade, eu aprendi com você. Quando me sento na frente da máquina de costura, com reverência, me lembro de quantos trabalhos fizemos juntas; sempre alegre, cantando, enfeitando nosso dia, eu a admirava muito, queria ser igual a você.

Apesar de ser severa, não me lembro de ter apanhado, a não ser uma única vez, foi um tapa na boca, mais ou menos forte; não me lembro o motivo, mas suas mãos eram fortes, com as palmas largas de quem fez muitos trabalhos pesados. Você se orgulhava ao contar da sua vida, na volta da Alemanha, quando seu pai foi buscá-la por causa da Guerra, você administrava e ajudava na pedreira usando até a pá para carregar pedras nas carretas. Na marcenaria, também você ajudava na fabricação de caixão de defuntos; aprendeu também a fazer colchões de palha para os soldados que paravam na alfândega da estação de trem. O lugarejo era pequeno e pobre, você falava só a língua alemã com seus pais, e os irmãos tinham inveja porque não entendiam. Aos poucos, aprendeu a falar a língua italiana. A vida, mais tarde, levou-a para cidade grande, onde as amigas já estavam trabalhando. Você parou na casa de um famoso professor da Universidade de Milão, especialista em radiologia. A vida de novo marcou o seu caminho, pois levou essa família a ter uma segunda casa, num lugar mais afastado dos bombardeios, e seguiu com eles cuidando dos filhos, ensinando a língua alemã e cuidando da avó deles, idosa que sofria de insônia. O destino tinha traçado o caminho, foi ali que você conheceu meu pai, ficando como caseiros por mais de quarenta anos.

As dificuldades foram enormes, você as superou com firmeza e muita coragem, as provações da convivência com uma pessoa

como meu pai, que não tinha a sua cultura, apesar de ser muito trabalhador, mas gostava de beber vinho em excesso.

Com muita inteligência, você resolvia tudo e, com paciência, aguentou firme, com aquela garra vencedora, trabalhando constantemente para dar uma boa educação aos filhos. Você cumpriu sua missão de educadora, tenho certeza, com a melhor psicologia, aquela da intuição que toda a mãe sábia tem, escutando seu coração.

Quanta coisa ainda podia contar, mas... Posso dizer só uma palavra, para resumir tudo: Obrigada, minha querida mãe! Saudade!

### **Storia de una mamma**

Quando passo nel corridoio, guardo la tua fotografia e tu mi sorridi, certamente là dal cielo dove ti incontri adesso, fai lo stesso. Mi fermo un attimo per ricambiare il tuo saluto, con lo stesso sorriso. I tuoi capelli bianchi corti e ricci, gli occhi verdi, che sono rimasti piccoli, ma con un brillo speciale che parlano. Il viso con le marche del tempo, ma con la pelle invidiabile tanto rosata e morbida, anche le labbre sembrano dipinte, per chi non sa che non hai mai usato un rossetto.

Questo è il tuo ritratto, in mezzo a un mazzo di rose bianche, ricordo della tua festa di compleanno di novant'anni.

Così, nella mia memoria, i ricordi passano come un bel film colorato.

È bello e gradito avere l'opportunità di parlare di te, cara mamma, permettimi raccontare un po' della tua storia. Donna forte, anche di carattere, con voce forte e pronuncia tedesca, con la lettera "R" aspirata, pronuncia di straniera, bella e postura elegante. Qualsiasi vestito, poteva essere semplice, stava bene su di te. Anche con l'età avanzata, camminavi dritta con un bastoncino solo per fare charme, più che per aiutarti.

Donna ammirata per le belle virtù, cara, amica, servizievole e sollecita, caritatevole, premurosa con tutti e sempre allegra. Amavi la giustizia, e non pensavi neanche un secondo per chiamare l'attenzione quando c'era qualcosa sbagliata. Molte volte giudicavamo questa tua attitudine intransigente, ma con infinita bontà e umiltà, sapevi chiedere scusa a tutti i malintesi.

Per tutti che hanno avuto la fortuna di conoscerti, tu hai lasciato l'esempio di una generosità senza limiti, a volte esagerata, per un grande cuore.

Educata dai tre anni di età in una scuola Francescana, in Germania, tu portavi le marche di questa esperienza che è durata diciotto lunghi anni, lontano dall'amore dei genitori che solo a volte ti visitavano. Hai imparato, così, tutte le arti, da quelle più semplici fino ai ricami più delicati, non c'era lavoro che tu non sapevi, e oltre ad una calligrafia perfetta e un dominio

della lingua tedesca. Affrontavi qualunque sfida con molta facilità e coraggio.

L'epoca della Seconda Guerra Mondiale è stata la maggior prova, con tre piccoli figli, il papà che guadagnava poco, facendo l'operaio in una fabbrica di tessuti e il giardiniere nella casa che voi eravate i fittavoli. Senza misurare sforzi, tu aiutavi, oltre ad aver responsabilità della casa e del giardino, lavoravi come domestica. Non è mai mancato cibo sulla nostra tavola: era semplice e buono, con condimento dell'amore di mamma; poteva essere polenta, patate o la pasta preparata con le tue mani laboriose.

La casa era piccola, lontana dalla città, con la strada di terra. L'inverno era difficile all'epoca della neve, il forno era a legna, la cucina rimaneva calda e la stanza fredda. Tutto sempre al suo posto, sempre in ordine e pulito; la mia infanzia è stata felice, correndo in quel grande giardino, che in primavera era una festa di fiori, e in estate c'erano le frutta dolci: ciliegie, fragole e lamponi che si mangiavano sugli alberi.

Tu mamma, mi hai educato presto per il lavoro domestico, mi davi piccoli lavori, mettevi uno sgabello per arrivare al lavandino per lavare i piatti e per stirare piccole cose. Mi piaceva molto aiutarti, così mi facevi elogi, mi facevi sentire importante dicendo: "Non dire mai non so fare, prova finché riesci, nessuno nasce professore!"

Cara mamma, quanti proverbi fanno parte della mia vita, delle tue lezioni affettuose e severe. Il passatempo del cucito, dei ripari, del disfare e fare di nuovo con molta facilità, ho ereditato da te. Quando mi siedo davanti alla tua macchina da cucire, con rispetto, mi ricordo di quanti lavori abbiamo fatto insieme; sempre allegre, cantando, io ti ammiravo molto, volevo essere uguale a te.

Nonostante la tua severità, mi hai picchiato una volta sola, uno schiaffo sulla bocca, e non mi ricordo neanche il motivo, ma le tue mani erano forti con le palme larghe di chi faceva lavori pesanti. Tu avevi orgoglio di raccontare la tua vita del ritorno dalla Germania, quando tuo papà è andato a prenderti per causa della guerra, tu amministravi e aiutavi nella cava di pietre anche usando il badile per caricare le pietre nei carrelli, anche nella falegnameria aiutavi nella fabbricazione di cassa da morto; hai imparato a fare materassi di paglia per i soldati che si fermavano nella dogana della stazione di treno. La cittadina era piccola e povera, tu parlavi solo il tedesco con i tuoi genitori e i fratelli rimanevano gelosi perché non capivano. Poco a poco hai imparato l'italiano. La vita, più tardi, ti ha portato in una grande città, dove le amiche stavano lavorando. Tu sei andata in casa di un famoso professore dell'Università di Milano, specialista in radiologia. La guerra di nuovo ha marcato il tuo cammino, e ha fatto con che questa famiglia avesse un'altra casa in una città più lontana delle artiglierie e tu sei andata insieme per guardare i figli e insegnarli il tedesco e per rimanere con la nonna già anziana

che soffriva di insonia. Il destino aveva tracciato il tuo cammino ed è stato lì che hai conosciuto il mio papà, e siete rimasti come fittavoli per più di quaranta anni lì.

Le difficoltà sono state grandi, tu hai superato con molto coraggio anche la difficoltà della convivenza con una persona come mio padre, che non aveva la stessa cultura tua, anche se molto lavoratore, ma gli piaceva molto bere vino in eccesso.

Con molta intelligenza tu risolvevi tutto, e con pazienza hai sopportato, con quell'avidità vincitrice, lavorando sempre per dare una buona educazione ai figli. Tu hai eseguito la tua missione di educatrice, ho la certezza che con la migliore psicologia, quella dell'intuizione che tutte le mamme astute hanno, ascoltando il cuore.

Quante cose ancora potrei raccontare, ma... posso dire una sola parola per riassumere tutto: Grazie, cara mamma! Nostalgia!

Lisute

Todo ser humano precisa da palavra para se comunicar, para configurar seus pensamentos, seus sentimentos e suas sensações. É por meio dela que o indivíduo se torna participante e construtor de cultura e de uma sociedade. Por meio de suas histórias, o narrador transmite seus valores e os princípios norteadores de uma família.

#### **4.4.1.4. Entusiasmo: o músico**

##### **O que a arte representa na sua vida**

A “parcela música” da arte tem que estar no sangue. O músico não é “fabricado”, não tem receita – tem que nascer pronto, porque música é um dom. Quando se tem um dom, guardá-lo para si é puro egoísmo. Mas quem me deu o dom foi Deus e, quando o apresento, apresento Deus a quem me vê.

##### **Fale sobre sua arte**

A música eleva a alma, tranquiliza a mente, leva a um estado de espírito tal que ajuda a viver melhor.

### **Que contribuições a arte trouxe para seu desenvolvimento pessoal**

A música sempre foi minha terapia, meu relaxante muscular, uma espécie de realização pessoal. Durante a vida, muitos fatos geram conflitos internos, prejudiciais à saúde. A música é o contrário: limpa os conflitos, refrigera o que está quente, aquece o que está frio, ou seja, prepara a pessoa para absorver novas coisas.

### **Como se sente no momento em que entra em contato com a arte**

Feliz – inicialmente, preocupado com o que pode acontecer na *performance*, mas, em seu decorrer, cada vez mais leve. Às vezes, chego a ponto de nem querer parar...

### **Qual o retorno dessa arte com relação a seus amigos e família**

Sempre positivo – todos se agradam da minha arte, talvez até por transmitir a satisfação vivida com a arte, com o dom recebido de Deus.

#### **Você não sabe amar**

Você não sabe amar, meu bem  
Não sabe o que é o amor  
Nunca viveu, nunca sofreu,  
E quer saber mais que eu

O nosso amor parou aqui  
E foi melhor assim  
Você esperava e eu também  
Que esse fosse seu fim

O nosso amor não teve, querida,  
As coisas boas da vida  
E foi melhor para você  
E foi também melhor pra mim

O nosso amor parou aqui  
E foi melhor assim  
Você esperava e eu também  
Que esse fosse seu fim (Dorival Caymmi).

Ter o dom da música é ser capaz de reproduzi-la. Entusiasmo traz não só competência e habilidade, mas uma nova atitude, uma nova forma de estar no mundo. Como diz Darrough (1992), não se trata de memorizar conteúdos e repetir nomenclaturas, mas de compreender seus significados e ser capaz de criar com eles.

Terapêutico é participar de uma nova construção, em que a vida passa por escolhas, e não por determinações do destino. Terapêutico, pois considera o ser como um todo, que respira e se expressa através de gestos e movimentos do seu corpo. É perceber e se olhar, é escutar o coração e manter-se em contato. Contato que vai permitir a qualidade da sua presença no mundo; que vai ampliar sua ação, tornando-a mais viva. É dessa relação que nascerá o novo. Terapêutico, enfim, porque promove a transformação (FABIETTI, 2004, p. 20).

Entusiasmo fala da arte usada como terapia. Freud, no princípio do século XX, começa a escrever sobre artistas e suas obras fazendo uma análise profunda das manifestações do inconsciente segundo a teoria da Psicanálise analítica. Usa as produções com função diagnóstica.

Na década de 1920, Carl Jung começa a usar a arte como parte de tratamento. Representando seus sonhos em imagens, Jung considerava essas representações como uma simbolização do inconsciente. Usava também técnicas de desenhos livres para facilitar a interação verbal com seus pacientes.

Desde então, a arte encontra um outro caminho, que não é só os das chamadas Belas Artes, mas com aplicação em consultórios, instituições e organizações diversas, como método terapêutico.

Em 1941, Margaret Naumburg sistematiza a Arteterapia, desenvolvendo seu trabalho e sua teoria a partir de suas concepções educacionais e de associações livres em trabalhos realizados por seus pacientes. A partir de 1968, Maria Margarida M. J. Carvalho ministra cursos breves de Arteterapia em São Paulo. Segundo a AATA, “o uso da arte como terapia implica que o processo criativo pode ser um meio tanto de reconciliar conflitos emocionais como de facilitar a autopercepção e o desenvolvimento pessoal” (1969).

#### **4.4.1.5. Expressividade: a contadora de histórias**

##### **O que a arte representa na sua vida**

A arte representa na minha vida um novo amanhecer.

##### **Fale sobre sua arte**

Eu sempre gostei de fazer artesanato; fazia muito, quando cursei a suplência do ensino fundamental aos 65 anos de idade.

##### **Que contribuições a arte trouxe para seu desenvolvimento pessoal**

A contribuição que a arte me deu foi uma viagem a Brasília, de avião, para receber um troféu dos Talentos da Maturidade, do Banco Real, e um cruzeiro pela costa brasileira, que era o meu sonho.

##### **Como se sente no momento em que entra em contato com a arte**

Sto-me enlevada; é uma higiene mental.

##### **Qual o retorno dessa arte com relação a seus amigos e família**

Os amigos e minha família me incentivam e compram minhas peças.

##### **Paisagens do cotidiano**

Vou contar a vocês um pouco da história da minha cidade.

Moro no bairro do Glicério, lugar de que gosto muito. Antes, morava em Santana, mas tinha tantas ladeiras pra fazer as compras, que na minha idade, aos 72 anos, já não dá mais para subir e descer.

Tenho tudo de que preciso na praça, embaixo do prédio onde eu moro. Aqui parece um condomínio. Tem uns 100 prédios. Não ando nem 100 metros para ter tudo na mão, mas nem sempre aqui foi assim.

Há 20 anos ou mais, quem é desse tempo conta, era um bairro de prostituição. (Não tenho nada contra, apenas estou contando como era aqui antigamente.) Quando chovia, enchia tanto que cobria os orelhões. Graças a Deus, não conheci esse tempo, pois não é fácil a gente ficar dentro d'água ou não poder sair de casa, como eu vejo na televisão, até a água baixar. Fora a lama e o cheiro que fica.

Dizem que cada portinha de comércio, de dois a três metros de frente, eram boates. As pessoas olhavam pelas janelas dos prédios e só viam luzes vermelhas. Agora, aqui é um bairro bom – só ficou a fama. Em vez das luzes vermelhas, agora tem a luz do sol entrando pelas portas.

Aqui tem tudo que vocês possam imaginar. É assim: tem uns 300 comércios que funcionam, um do lado do outro, até as 23 horas, também aos sábados, domingos e feriados; não fecham nunca.

Tem açougue, padaria, casa de frango assado, que delícia! Bar, restaurante, casa de móveis usados, loja de ferragens, venda, quitanda. Aqui ainda é desse tempo; lembram do tempo antigo, que tinha venda e quitanda e que a gente que era mais pobre comprava na caderneta, pra pagar no fim do mês? Aqui é assim, cada portinha é um comércio desses que acabei de citar, sendo que muitos deles têm repetidos até três, cinco, dez, iguais. Tem até um mercado Compre Bem!

É muito bom morar no centro da cidade. Vou descrever pra vocês como é aqui: as crianças brincam na praça, camelôs que vão e vêm, pois trabalham na Rua 25 de Março, ou no Parque Dom Pedro, muitas famílias, pessoas idosas, jovens etc.

Como todos moram em kitchinete, nos fins de semana muitos deles fazem churrascada na praça; sobe aquele cheirinho de carne e linguiça que enche a boca de água.

Tem muita música, alegria, às vezes fazem eventos, chega aquele carro-palco, as caixas de som enormes, vêm artistas, a festa vai até as 23 horas. E tem uma coisa boa, nunca sai briga entre eles. Tem pessoas de um clube que trazem pras crianças brincarem escorregador, piscina de bolinha e pula-pula. Montam tudo na praça no fim de semana, e a criançada se diverte, porque eles vivem fechados dentro de um pequeno apartamento, que, quando chega essa hora, saem todos correndo de dentro de casa, e isso vai até a madrugada. Aqui não tem nenhum perigo.

Os casais ficam sentados nos bancos da praça, com os filhos ou sem, os jovens conversam, um outro para o carro, com aquele som atrás, e toca música. Isso vai até duas ou três horas da manhã, principalmente no verão.

Os carros dormem na rua, sem nenhum perigo de serem roubados. Os prédios têm porteiro 24 horas, por isso vivo sossegada. A única coisa que me deixa triste é ver a quantidade de gente que dorme na rua. Todo domingo chega três carros trazendo café com leite e pão pela manhã, e na hora do almoço, marmitex para eles.

Não estou dizendo com isso que aqui é outro mundo. Também tem as coisas ruins, como em qualquer bairro, mas bem menos.

Todo ano tem a festa dos bolivianos na Rua do Glicério. Tem banda, desfile, danças, muito dourado e prateado, comida da Bolívia, um bolo muito gostoso que eles vendem aos pedaços. São quatro dias de festa.

Tem também a feira livre aos domingos, enorme, e, no fim, é claro, com os preços lá embaixo.

Aquele pastel de feira, a que ninguém resiste, com o caldo de cana, hum! Vocês já repararam que todo pastel é bom, mas, como o da feira livre, não existe?

Quando vim morar aqui, há três anos, eles estavam plantando árvores na praça, e hoje elas já estão com 4 metros ou mais. Vai ter uma hora que, quando a gente olhar lá de cima, não vai mais se ver ninguém, só as copas das árvores. Agora, quando a gente olha, se vê todo o colorido, pois cada um se veste de uma cor, então, parece um jardim cheio de flores. Os toldos dos comércios são um de cada cor, alegre muito as vistas.

Quando inauguraram o Fura-fila, fizeram uma passarela pro metrô Pedro II, do lado da rua em que moro. Facilitou bem a vida das pessoas, e também a minha.

Moro bem perto da Praça da Sé e, quando eu começo a andar no Centro, é tão bonito o que se vê. Tem de tudo, acompanhe meu raciocínio: de um lado, um grupo tocando e cantando. Mais adiante, um pastor fazendo culto na rua, mais à frente, um homem vendendo ervas e pomadas, em seguida, o bilheteiro gritando: “Olha o bilhete da cobra, olha a cobra!” Depois, a estátua viva. Como são lindas! São tão paradas que até parecem de gesso. Adiante, os guardas correndo atrás dos camelôs. À esquerda, um pano no chão cheio de CDs piratas, à direita, o homem da perna de pau, fazendo acrobacias, tão alto e colorido! Em seguida, uma pessoa pede para eu pagar um churrasco grego, que ele está com fome. Outra pessoa passa, de nariz empinado, e nem olha pros lados. Uma loja toca Cd bem alto, na outra, anunciam no microfone tudo o que tem lá dentro. As pessoas correm para entrar no metrô, outras vão para o ponto do ônibus. Os *moto-boys* costuram no trânsito para chegar rápido com as entregas. A gente vai andando e chega ao fórum da Praça João Mendes – aquele prédio enorme... Por fora, é bonito! É assim que eu vejo as pessoas entrando e saindo de lá: advogados, juízes, promotores, pobres, ricos, aquela de sapato social, a outra de sandália rasteirinha, um de terno, gravata e sapato brilhante, outro de tênis e calça jeans. O pior é lá dentro... É tão triste, lúgubre, frio, aqueles corredores enormes, com salas, silêncio absoluto. Ali, só acontecem coisas tristes, como, por exemplo, desquite, inclusive o meu foi feito ali, divórcio, audiência de pensão alimentícia para filhos, julgamentos por estupros, assalto, crimes, enfim... Não vejo a hora de sair de lá de dentro. Saí! Estou na rua de novo!

Vamos para a feirinha da Liberdade, que tem todo fim de semana. A comida, uma delícia! O cheiro, nem se fala! E a beleza da arrumação? Porque, vocês sabem, que, primeiro, a gente come com os olhos, depois, com o nariz, e, depois, com a boca.

Tem yakissoba, guiosa, bolinho primavera, tempurá e tantas outras comidas japonesas. Eles fazem um molho shoyu que só eles sabem fazer. É uma delícia! Já tentei várias vezes e não acerto nunca.

E as festas, que eles comemoram duas vezes por ano? São lindas! As moças pintam o rosto, para dançar, que parecem bonecas de porcelana. E as roupas com vermelho, amarelo, verde, azul, são lindas. E as dezenas de barracas coloridas.

Tem tantas outras atrações, a minha cidade, que, se fosse continuar contando, daria um livro.

Enfim, sou muito feliz e agradeço à Deus todos os dias. Quero terminar minha velhice aqui, se Deus assim o permitir.

Esta é a cidade de São Paulo, encantadora, colorida, cheia de atrações, boas e ruins, mas é a cidade em que nasci, me criei e vivo. Esta é a São Paulo da garoa, que hoje, de garoa, não tem mais nada.

Depois de tudo isso, chego em casa, chamo uma pizza... Hum! Que delícia, aquela pizza da promoção... Como, agradeço a Deus e vou dormir. Amanhã será outro dia.

Esta é a minha São Paulo, bem diversificada e que acolhe todo mundo. É como coração de mãe.

Por meio da palavra, Expressividade resgata uma história. Seu conto “Paisagens do cotidiano” é uma pintura do bairro do Glicério. Sua descrição nos permite restaurar – quase construir uma maquete, tão grande é a riqueza de detalhes.

Seu resgate defende um bairro melhor, com qualidade, amizade, respeito e calor humano. Sua escrita mostra clareza e agilidade de pensamento. Seu raciocínio límpido, sem interrupções, é um convite a compartilhar com ela esse canto da cidade de São Paulo. Ao rememorar e relatar, Expressividade é narradora de sua história.

O conceito de memória afetiva positiva adota a perspectiva do desejo – do que ainda posso e quero fazer, mas não da mesma maneira, porque mudamos nós e os nossos planos. Mudou também o mundo em que vivemos e, pensando assim, tendo clareza de nossas reais possibilidades e da maturidade construída, essa ressignificação usando a memória positiva pode nos levar a projetos futuros.



fonte: Expressividade (cópia cedida pela autora)

Além do seu livro, Expressividade nos envia a foto de duas bonecas feitas por ela. Além de escrever, ela gosta também de criar bonecas. Essas, representam duas pessoas idosas, anunciadas pelos cabelos brancos, com roupas ricamente confeccionadas, discretas e senhoris.

Uma delas carrega um livro, mostrando sua disposição para a leitura, a escrita e o estudo. Vaidosas, elas portam brincos coloridos, têm as unhas pintadas e o rosto maquiado.

E assim fechamos esse encontro, envoltos em emoção, palavras, linhas e cores.

A criatividade vem apontar sua influência na qualidade de vida dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa. A vida moderna nos impõe um distanciamento e um arrefecimento de nossas emoções. Através da arte, esses longevos têm logrado se manter em contato e absorver a qualidade da integração e de ser, pelo acesso a um canal mais intuitivo e mágico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Precisamos aprender novamente a ser agradecidos pelo que recebemos e revivenciar que a gratidão transmite um sentimento de felicidade porque engendra relações significativas que passam além de nós; a gratidão aquece o coração e abre para “bons” sentimentos.*

Friedrich Riemann (1826-1866)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou o retrato de longevos saudáveis e cheios de perspectivas, apesar de terem muitas vezes idade bem avançada.

Suas questões, seus medos e suas dúvidas são canalizadas para o fazer artístico, quando expressam de maneira criativa seus pensamentos.

Os contos sufis trazem em suas mensagens algum aprendizado. No conto que trancrevemos a seguir, se dá voz a um rio. Conversando com as areias, o rio expressa suas dúvidas e seus temores, iguais àqueles que costumam nos assaltar nos momentos de impasse, no enfrentamento com o novo ou com o inesperado. E o que é a longevidade, se não esse desconhecido. Como enfrentá-lo com saúde e alegria?

### **O conto de Osho (1999)**

Havia um rio que, vindo de sua fonte nas longínquas montanhas, passando por todos os tipos de regiões, finalmente alcançou as areias do deserto.

Da mesma forma como atravessou as outras barreiras, tentou atravessar essa também, mas se deu conta de que, ao entrar em contato com a areia, suas águas desapareciam. Ficou paralisado pelo pânico. Pensava que não podia se deter naquele ponto sem perder o fluxo da natureza de seu ser. Por outro lado, não podia continuar, pois certamente desapareceria por entre as areias do deserto, transformando-se em pântano. O que fazer?

No meio desse impasse, ouve a voz das areias do deserto, incentivando-o a prosseguir em seu curso.

– Não posso! Dizia ele – tenho medo! Deixarei de ser um rio...

Retrucaram as areias:

– Você não pode atravessar abrindo caminho de sua maneira costumeira. Ou desaparecerá, ou se tornará um pântano. Você precisa permitir que o vento o carregue ao seu destino. Confie em nós! Sabemos que assim tem de ser. Você se surpreenderá com o que realmente é ser um rio!

O rio se assusta e, sem saber o que fazer, decide prosseguir em seu caminho.

Espantado, percebe que o vento quente do deserto o carrega em direção às nuvens do céu. Em meio às nuvens, prossegue a viagem e, repentinamente, precipita-se sobre as montanhas mais adiante, em forma de chuva.

Alegremente, sente-se correr pelas encostas das montanhas: continua sendo um rio!

Grato, despede-se das areias e elas lhes dizem:

– Este é o ciclo da vida! Testemunhamos esse processo desde o início dos tempos.

Neri (2001) acredita que o importante é confiar na manutenção do essencial, que poderá ser tanto mais bem percebido e vivenciado quanto mais formos capazes de deixar para trás o acidental, o impermanente, o que teve valor por algum momento, mas não é inerente à essência do ser. É preciso confiar.

Assim, é das transformações sociais e pessoais que trata este trabalho. De fato, buscamos retratar as mudanças na composição etária da população brasileira destacando aí o avanço da longevidade.

Essas mudanças implicam a possibilidade da construção de uma nova visão social sobre o envelhecimento e a velhice. Sem dúvida, embora seja um processo em construção, é ainda incipiente.

Tomado de um outro ângulo – da perspectiva do protagonista desse movimento, o próprio longo –, o envelhecimento é vivido e visto de polos contrários: ora louvado, em geral, quando se referem ao próprio envelhecimento, ora temido, quando cuida das representações sociais e do lugar do longo na sociedade do futuro. Nossos entrevistados são de fato protagonistas e objeto das construções e reproduções do imaginário do velho e da velhice.

Quisemos dar a eles a oportunidade de falar sobre esses temas. Como vimos, embora a maior parte deles goze de um conforto material no mínimo suficiente, tenha boa saúde geral, autonomia e mantenha uma sociabilidade que se poderia chamar de forte e diversificada, nossos entrevistados também expressam temor frente ao envelhecimento.

Como afirma a professora Concone (2007), “podemos perceber certo temor ligado do envelhecimento, um medo de ser velho [...] um horizonte

tenebroso que é necessário afastar”. Nesse sentido, manter-se ativo e explorar possibilidades pode ser uma forma interessante de dar um novo significado ao avanço da idade, evitando o temido “mau envelhecimento”.

Em suas diferentes formas – a música, a poesia, a literatura, as artes plásticas, a contação de histórias etc. –, a atividade artística pode desempenhar esse papel de “antídoto”: resgata e alimenta a alma, traz aprovação social e familiar – em outras palavras, dá sentido e enriquece a existência.

Não se pode, entretanto, olhar essas atividades apenas desse ângulo: de fato, elas têm um efeito fortalecedor, ao preencher a vida de sentido, o que, no fundo, é o essencial. Embora nossos entrevistados sejam, em muitos sentidos, dotados de condições especialmente confortáveis e incomuns, são também exemplares no que tange ao modo como se valem dessas condições. É nesse sentido que poderíamos pensar em propostas que pudessem ampliar as oportunidades para outros setores e segmentos sociais.

Há já intervenções importantes – na rede SESC, em cursos de universidades dedicados à maturidade, em ONG, em centros de convivência etc. –, mas nossa proposta diz respeito mais amplamente à inclusão e ao estímulo ao desenvolvimento de atividades artísticas para grupos de longevos, idealmente concretizada em políticas públicas, para salvaguardar-se da possibilidade de sua extinção por qualquer razão.

Os depoimentos colhidos mostraram a importância da arte na vida dessas pessoas, que envelhecem com leveza e alegria. A arte ajudará a fortalecer e a revigorar a vida de todos os longevos, que poderão descobrir seu potencial criativo, sua força e sua coragem para viver o novo. Nesse registro, afastar-se-ão da sensação de impotência e fraqueza que parecem compor o imaginário comum que ainda persiste em torno da longevidade e poderão dar a sua vida um novo significado na maturidade.

Talvez esse seja o caminho para trazer à sociedade e aos jovens uma sociedade mais humana, mais colorida e harmônica.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Norman B.; ANDERSON, P. Elizabeth. **Longevidade emocional:** descubra o que realmente determina seu tempo de vida. Rio de Janeiro: Best Seller, 2005.
- ANDRADE, L. Q. de. **Terapias expressivas:** uma pesquisa de referenciais teóricos e práticos. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- ARGOUD, D.; PUIJALON, B. **La parole des vieux:** enjeux, analyse, pratique. Paris: Dunod, Fondation de France, 1999.
- BEAUVOIR, S. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia.** São Paulo: Summus, 1988.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1999.
- BRANDEN, N. **A autoestima e os seus seis pilares.** 3. ed. Tradução Vera Caputo. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BRASIL. Política Nacional do Idoso. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Cria o Conselho Nacional do Idoso.
- CAMARANO, Ana A. **Os novos idosos brasileiros:** muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- \_\_\_\_\_ Envelhecimento da população brasileira: Uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- CARNEIRO, Roberto. Educação e comunidades humanas revivificadas: uma visão da escola socializadora do novo século. **Educação:** um tesouro a descobrir. Unesco. Brasília: Cortez, 2001.

- CARSTENSEN, Laura. L. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: NERI, A. L. **Psicologia do envelhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- CASARA, Miriam Bonho; CORTELLETTI, Ivone Assunta; BOTH, Agostinho (Orgs.). **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- CONCONE, M. H. V. B. **Velhice e envelhecimento: complexidade**. São Paulo: Vetor, 2005.
- \_\_\_\_\_. Medo de envelhecer ou parecer? **Revista Kairós**, São Paulo, dez. 2007.
- CORTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. C. (Orgs.). **Envelhecimento e velhice: uma guia para a vida**. São Paulo: Vetor, 2006.
- COSTA, E. F. A.; PORTO, C. C.; ALMEIDA, J. C. *et al.* Semiologia do Idoso. In: PORTO, C. C. (Ed.). **Semiologia médica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan. 2001.
- DARROUGH Galen P. Making Choral Music with olders adults. *Music Educators Journal*, MENC, v. 79, n. 4, p. 30-34, 1992.
- DAVID Lama. Editorial. **Revista Veja**, São Paulo, n 2.071, 30 jul. 2008.
- DEBERT, Guita G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G. G. **Textos didáticos: antropologia e velhice**. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, n. 13, p. 7-27, jan. 1998.
- \_\_\_\_\_. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Unesco. Brasília: Cortez, 2001.

- Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.** Academia Brasileira de Letras. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- Dicionário da Língua Portuguesa Michaellis.** São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- DIVISÃO POPULACIONAL DA ONU. **Pirâmide populacional,** 1998.
- ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FABIETTI, Deolinda. **Arteterapia e envelhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- FORTUNA, Sônia M. C. B. **Doença de Alzheimer, qualidade de vida e terapias expressivas.** Campinas, SP: Alínea, 2005.
- FREIRE, Sueli A.; RESENDE, Marineia C. Sentido de vida e envelhecimento. In: NERI, Anita L. (Org.). **Maturidade e velhice:** trajetórias individuais e socioculturais. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- GATTI, Patrícia. **Recursos musicoterapicos para idosos:** uma intervenção numa unidade básica de saúde de Campinas/SP. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- GOHN, Maria G. M. **Educação não-formal e cultura política.** São Paulo: Cortez, 2001.
- GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GRUN, Anselm. **A sublime arte de envelher.** Tradução Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GUSMÃO, Neusa M. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, Anita L. (Org.) **Desenvolvimento e envelhecimento:** perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**. Síntese de Indicadores 2007. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_ **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_ **Porcentagem dos longevos por ano**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_ **Taxa de fecundidade por ano**. Rio de Janeiro, 2002.

INFANTE, Francisca. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELLILO, Aldo; OJEDA, Elbio N. S. e colaboradores. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KALACHE, Alexandre. Future Prospects for Geriatric Medicine in Development Countries. In: TALLIS, R. C.; FILLIT, H. M.; BLOCKLEHURST, J. C. (Eds.). **Blocklehurst's Textbook of Geriatric Medicine and Gerontology**. London: Churchill Livingstone, 1998.

KELLER, I.; MAKIPAA, A.; KALENSCHER, T.; KALACHE, A. **Global Survey on Geriatrics in the Medical Curriculum**. Geneva: World Health Organization, 2002.

KHALSA, Dharma Singh. **Longevidade do cérebro**. São Paulo: Objetiva, 2005.

KRAFT, Ulrich. Criatividade. **Revista Viver Mente & Cérebro**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/vivermente/conteúdo/matéria>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

LARANJEIRAS, C. A. S. J. Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 327-332, jul./set. 2007.

LEHR, Ursula. A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo. **Caderno de Envelhecimento**, Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Terceira Idade da Prorext/UFRGS, v. 1, 1999.

MINAYO, M. C. S. Violência contra idosos: o avesso do respeito à experiência e a sabedoria. **Cartilha da Secretaria Especial dos Direitos Humanos**, Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_ A entrevista. In: **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MOORE, T. **A emoção de viver a cada dia: a magia do encantamento**. Tradução Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

NERI, Anita L. **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**. São Paulo: Papyrus, 2006.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Palavras-chave em gerontologia**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2005.

\_\_\_\_\_ **Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

OLIVEIRA, Lucila M. Pesce. **Dicionário em construção: olhar**. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, R. C. S. Velhice: teorias, conceitos e preconceitos. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 13, n. 25, 2002.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Longevidade mundial**, 2000.

PAPALEO, Netto M.; YASUO, D. R.; KITADAI, F. T. Longevidade no terceiro milênio. In: PESSINI, L.; BARCHI-FONTAINE, C. P. (Orgs.). **Bioética e longevidade humana**. São Paulo: S. Camilo/Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_ O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e temas básicos. In: FREITAS, Elizabete V.; PY, Ligia; NERI, Anita L.; CANÇADO, Flávio A. X.; GORZONI, Milton L.; ROCHA, Sônia M. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PATROCINIO, Wanda P. **Arte, educação e envelhecimento**, 2008. Disponível em: <<http://gerontologia.casas.blog.br/page/40/>>. Acesso em: 27 mar. 2009.

\_\_\_\_\_ **Envelhecer: cultura e vida**, 2008. Disponível em: <<http://gerontologia.casas.blog.br/page/38/>>. Acesso em: 27 mar. 2009.

\_\_\_\_\_ **Musicalidade e movimento corporal para adultos e idosos**, 2007. Disponível em: <<http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Wanda%20Patrocinio%20-%20completo.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2009.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Miriam (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PILLA, Armando. Criatividade. Que bicho é esse? **Medios Audiovisuales**, ano 4, n. 6, nov./jan. 1999/2000.

PRADO, David Diez. **365 creaciones**. Universidade Santiago de Compostela, Espanha: Micat, 1997.

PROJETO RETALHOS DE MEMÓRIA. Disponível em:  
<<http://cultura.gov.br/site14-03-08>>. Acesso em: 3 abr. 2009.

ROSNAY, Joel de; SERVAN-SCHREIBER, Jean-Louis; CLOSETS, François de, SIMONNET, Dominique T. **Ganhe mais vida:** o que fazer com a longevidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SALGADO, M. A. **Velhice:** uma nova questão social. São Paulo: SESC, 1982.

SUGAHARA, Gustavo T. L. O perfil do idoso brasileiro. **Revista Kairós**, São Paulo, EDUC, v. 8, n. 2, 2005.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

VALSECCHI ALMEIDA, Vera Lucia. Velhice e projetos de vida: possibilidades e desafios. In: MERCADANTE, Elisabeth F.; VALSECCHI ALMEIDA, Vera Lucia; TANNUS, Salma (Orgs.). **Velhice envelhecimento complexidade**. São Paulo: Vetor, 2005.

VERAS, Renato. **Terceira idade:** gestão contemporânea em saúde. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. **País jovem com cabelos brancos:** a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

WONG, P. T. P.; FRY, O. (Orgs.). **The Human Quest for Meaning:** A Handbook of Psychological Research and Clinical Applications. Mahwah, New Jersey: Laurence Erlbaum, 1998.

ZIMERMAN, Grute I. **Velhice:** aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

## **APÊNDICE A**

### **Roteiro de entrevista A**

Nome

Profissão

Idade

Nível de escolaridade

Cursos realizados

Atividades realizadas atualmente e no passado

A que horas acorda e dorme?

Acontecimentos mais importantes na sua vida

Acontecimentos mais difíceis e como os enfrentou

Papel do prazer e das emoções na sua vida

Projetos que você tem na vida

Papel do longo tempo no contexto atual: como ele se vê, como é visto pela sociedade e pela sua família

Objetivo ao participar do concurso

Área escolhida

Expectativa com relação ao concurso

Aprendizado adquirido após o resultado alcançado

Mensagem que você gostaria de deixar na vida

Comentários adicionais

## **APÊNDICE B**

### **Roteiro de entrevista B**

O que a arte representa na sua vida?

Fale sobre sua arte

Que contribuições a arte trouxe para seu desenvolvimento pessoal?

Como se sente no momento em que entra em contato com a arte?

Qual o retorno dessa arte com relação a seus amigos e família?

## ANEXO A



São Paulo, 17 de abril de 2009.

À

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC**

**Att.: Departamento Acadêmico**

O **BANCO REAL S/A**, organizador do concurso **TALENTOS DA MATURIDADE – 10ª Edição** e detentor dos direitos autorais das obras dos participantes inscritos no referido concurso, **AUTORIZA EXPRESSAMENTE** que a professora Maristela de Magalhães Bóccia, portadora da Cédula de Identidade RG 4.703526-2, inscrita no CPF/MF sob o nº .362.599.778.91, e inscrita no Curso de Doutorado em Ciências Sociais desta Universidade, utilize e divulgue os trabalhos dos participantes para fins **exclusivamente acadêmicos, podendo para tanto, citar as obras em sua tese de “Longevidade: uma nova realidade social e humana. Contribuições do fazer artístico como fortalecimento do papel social do longo”, ficando vedada a cessão desta autorização a terceiros.**

Atenciosamente,

**BANCO REAL S/A**

## ANEXO B

Pensadores da velhice como potência ativa da vida

**“A velhice não é a conclusão necessária da existência humana, é uma fase da existência diferente da juventude e da maturidade, mas dotada de um equilíbrio próprio e deixando aberto ao indivíduo uma gama de possibilidades.”**  
Simone de Beauvoir,  
filósofa francesa



**“A velhice é uma idade esplêndida!... Não é um mal em si. Amamos as pessoas de fato pelo que elas são. Acho que afina a percepção. Vejo as coisas que não via antes, percebo elegâncias às quais eu não era sensível. Agora, eu as vejo melhor, porque olho para alguém pelo que ele é, quase como se eu quisesse carregar comigo uma imagem dele, um percepto ou tirar da pessoa um percepto. Tudo isso torna a velhice uma arte.”**

**Gilles Deleuze, filósofo francês**

fonte: AFIN. Associação Filosofia Itinerante. Disponível em: <<http://afinsophia.blog.com/1957262/>>. Acesso em: 25 jul. 2007.

**“Os mitos que foram construídos sobre os velhos: que eles não aprendem, que não mudam, que são conservadores, estão caindo por terra. Portanto, os que envelhecem não podem e nem querem ser excluídos da luta pela construção de uma nova sociedade, uma vez que os sistemas que conhecemos não respondem adequadamente às exigências de um novo tempo. [...]**

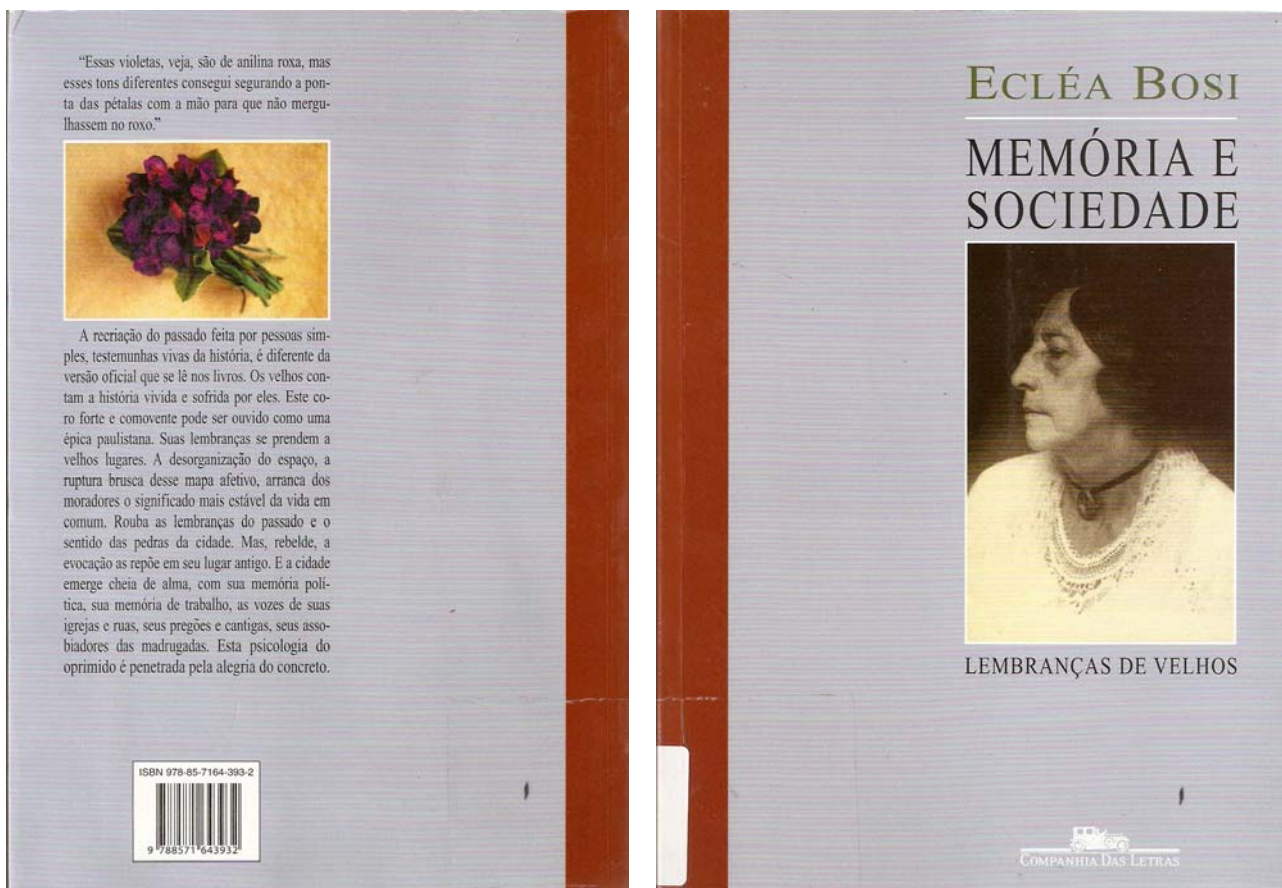
**Neste momento, relembro o professor Joel Martins que, referindo-se ao tempo – e aqui eu penso ‘à vida’ – escreveu: ‘o tempo não é uma dimensão cronológica medida em dias, meses e anos, mas sim um horizonte de possibilidades do ser.’”**

**Profª Suzana Medeiros**

fonte: Cortez Editora. Disponível em: <[http://www.cortezeditora.com.br/produto\\_detalle.php?codeps=fDU4Mnw=>](http://www.cortezeditora.com.br/produto_detalle.php?codeps=fDU4Mnw=>)>. Acesso em: 9 abr. 2009.

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista” (p. 55).

Profª Ecléa Bosi



fonte: Disponível em: <<http://www.patio.com.br/labirinto/memoria%20e%20sociedade.html>>.

Acesso em: 9 abr. 2009.